

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ELLEM KYARA PESSOA DOS SANTOS

**A ESCRITA LITERÁRIA DE JESSIER QUIRINO COMO MARCA DA CULTURA
REGIONAL: UMA ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA**

JOÃO PESSOA, PB

FEVEREIRO – 2024

ELLEM KYARA PESSOA DOS SANTOS

**A ESCRITA LITERÁRIA DE JESSIER QUIRINO COMO MARCA DA CULTURA
REGIONAL: UMA ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal da Paraíba, como requisito para
obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Literatura, Cultura e Tradução.

Linha de Pesquisa: Estudos Semióticos

Orientadora: Prof^ª Dr^a Maria do Socorro Silva de Aragão

JOÃO PESSOA, PB

FEVEREIRO – 2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237e Santos, Ellem Kyara Pessoa dos.

A escrita literária de Jessier Quirino como marca da cultura regional : uma abordagem léxico-semântica / Ellem Kyara Pessoa Dos Santos. - João Pessoa, 2024. 182 f. : il.

Orientação: Maria do Socorro Silva de Aragão.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Jessier Quirino. 2. Lexicologia. 3. Literatura Regional. 4. Glossário Quiriniano. I. Aragão, Maria do Socorro Silva de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'373(043)



ATA DE DEFESA DE TESE DA ALUNA
ELLEM KYARA PESSOA DOS SANTOS

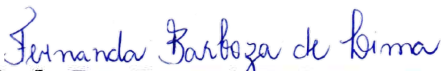
Aos dezanove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Tese intitulada: “A escrita literária de Jessier Quirino como marca da cultura regional: uma abordagem léxicosemântica”, apresentada pelo(a) aluno(a) Ellem Kyara Pessoa dos Santos, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de DOUTORA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Cultura e Tradução, segundo encaminhamento da Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Josete Marinho de Lucena (UFPB) presidiu a Banca Examinadora, da qual fizeram parte os Professores Doutores Fernanda Barboza de Lima (UFPB), Alyere Silva Farias (PPGL/UFPB), Clécia Maria Nóbrega Marinho (IFPB) e Eliane Pereira Machado Soares (UNIFESSPA). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente Convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua tese, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO. Proclamados os resultados pela presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Josete Marinho de Lucena (Secretária ad hoc), lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora

João Pessoa, 19 de fevereiro de 2024.

Parecer:

Documento assinado digitalmente
 JOSETE MARINHO DE LUCENA
Data: 27/02/2024 15:54:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Josete Marinho de Lucena
(Presidente da Banca)


Profa. Dra. Fernanda Barboza de Lima
(Examinadora)


Profa. Dra. Clécia Maria Nóbrega Marinho
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
 ALYERE SILVA FARIAS
Data: 27/02/2024 10:06:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Alyere Silva Farias
(Examinadora)

 ELIANE PEREIRA MACHADO SOARES
Data: 26/02/2024 20:46:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Eliane Pereira Machado Soares
(Examinadora)

Ellem Kyara Pessoa dos Santos
(Doutoranda)



À minha personificação de amor: MINHA MÃE.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela dádiva da vida, por ter me conduzido até aqui e por ter me permitido viver realidades que outrora eram apenas sonhos. Obrigada, Senhor, por ter me capacitado e por não desistir de mim. Sem o teu amor e a tua misericórdia, nada disso seria possível. “*Porque dele, por ele e para ele são todas as coisas*” (RM., 11:36).

À minha mãe, **Edjane Alves**, mulher de força, guerreira, que nunca mediu esforços para me ver feliz. Obrigada por acreditar em mim, mãe. Por ser o meu alicerce. Sou o resultado do seu amor. Essa vitória é nossa!

À minha família, em especial à minha tia e mãe do coração, **Márcia Pessoa**, obrigada por me amar da forma mais genuína, por me incentivar e por ter me ensinado desde cedo a trilhar os bons caminhos da vida. Sou fruto dos seus valores.

Ao meu marido e companheiro de vida, **Anthony Luiz**, por todo apoio, cuidado e incentivo. O seu amor e companheirismo fizeram toda diferença nessa trajetória. Que continuemos caminhando juntos na mesma direção em busca dos nossos sonhos.

Aos meus **avós** (*in memoriam*), que sempre me incentivaram a estudar e me orientaram a ser a mulher que sou hoje. Os seus ensinamentos irão me acompanhar para sempre.

À minha amiga, quase irmã, **Ana Clara Adelaide**, por seu carinho e atenção, por vibrar pelas minhas conquistas, por se fazer sempre presente. Enfim, por sua amizade sincera e pelas partilhas valiosas.

À minha orientadora e mãe acadêmica, a **Professora Dr^a Socorro Aragão**, pelo conhecimento compartilhado, pelo cuidado, dedicação e paciência ao longo desta pesquisa. Sua coragem, humildade e força de vontade são fontes de inspiração. Agradeço por todas as orientações que me fez evoluir enquanto pesquisadora e por todos os conselhos que me fizeram/fazem evoluir como pessoa. Obrigada por acreditar em mim e me ensinar a voar, minha “bichinha”! A senhora é excelência em tudo que faz!

Ao meu afilhado e sobrinho do coração, **Humberto Neto**, por ter sido minha fonte de alegria desde a sua existência, trazendo leveza e amor aos meus dias.

Na pessoa da minha amiga de longas datas, **Thaís Santos**, quero agradecer a todos (as) os (as) meus (minhas) amigos (as), pelos gestos de solidariedade e incentivo nessa trajetória tão significativa da minha vida. Obrigada pela torcida e pelos votos de sucesso que sempre emanaram.

De modo especial, à minha amiga **Angelina Farias** pela disponibilidade em realizar a leitura e contribuir com suas valiosas observações e pelos momentos partilhados, que apesar de breves, foram muito construtivos. Sua amizade é um presente de Deus.

Ao escritor regionalista **Jessier Quirino** pela rica contribuição dada à Literatura Regional-Popular Brasileira através de suas obras.

Aos **Professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba**, pelos sábios ensinamentos transmitidos.

À professora **Drª Josete Marinho de Lucena**, por todo apoio ao longo desta caminhada, pelas conversas enriquecedoras, pelas trocas de conhecimentos e por todas as oportunidades dadas a mim. Obrigada pela confiança, professora. És fonte de inspiração!

Às Professoras **Drª Josete Marinho de Lucena, Drª Fernanda Barboza de Lima, Drª Alyere Silva Farias, Drª Clécia Maria Nóbrega Marinho e Drª Eliane Pereira Machado Soares** por aceitarem compor a banca e pelas valiosas contribuições que enriqueceram esta pesquisa e contribuíram para o meu crescimento acadêmico.

Enfim, a **todos (as)** que, direta ou indiretamente contribuíram para a efetivação deste trabalho. De coração, muito obrigada!

“Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”

(ALKMIN, 2001, p. 21)

RESUMO

Esta pesquisa objetivou elaborar um glossário com expressões típicas do falar nordestino. O *corpus* que serviu de base foi o léxico utilizado pelo poeta e escritor regionalista Jessier Quirino em suas três obras literárias: *Agruras da lata d'água* (2016), *Paisagem de Interior* (2018) e *Galos de Campina* (2018). Realizar uma análise léxico-semântica das obras quirinianas tem sua relevância, uma vez que o escritor busca dar ênfase, em sua escrita literária, à linguagem regional-popular. Essa linguagem, por sua vez, é apresentada através de inúmeros regionalismos, que vão desde expressões, arcaísmos e neologismos. Para a sistematização do glossário, apoiamos-nos nos pressupostos das ciências do léxico: Lexicologia e Lexicografia (ARAGÃO, 2004), (BARBOSA, 1993), (BORBA, 2002), entre outros. De modo particular, contamos com o arcabouço teórico-metodológico de Pottier (1972), para a classificação das lexias em: simples, composta, complexa e textual. Utilizamos, ainda, os pressupostos da Dialetologia (CARDOSO, 2016), da Sociolinguística (BAGNO, 2004), da Etnolinguística (COSERIU, 1987) e da Semântica (CANÇADO, 2013) para aferir se as expressões eram de uso corrente ou regional e se estas se tratavam de arcaísmos ou de criações neológicas do autor. Vale pontuar que, o intento desta pesquisa se justifica pela necessidade de que sejam desenvolvidos mais trabalhos nestes moldes, isto é, sistematizando os falares regionais em obras dicionarísticas, oportunizando, assim, à geração atual e à futura, o acesso e o conhecimento ao rico acervo linguístico cultural que são os falares regionais. Nesse viés, nossa tese contribui para a valorização dos falares regionais, bem como comprova a riqueza e a vastidão deles, tão presentes no Nordeste brasileiro. Assim, cooperamos para os estudos das ciências do léxico, bem como para a fortuna crítica da obra de Jessier Quirino.

Palavras-Chave: Literatura Regional. Léxico. Jessier Quirino. Glossário.

ABSTRACT

This research aimed to elaborate a glossary with expressions typical of northeastern speech. The base corpus was the lexicon used by the poet and regionalist writer Jessier Quirino in his three literary works: *Agruras da lata d'água* (2016), *Paisagem de Interior* (2018) and *Galos de Campina* (2018). Performing a lexical-semantic analysis of Quirinian works is quite relevant, since the writer seeks to emphasize, in his literary writing, the regional-popular language. This language, in turn, is presented through numerous regionalisms, ranging from expressions, archaisms and neologisms. For the systematization of the glossary, we rely on the assumptions of the lexical sciences: Lexicology and Lexicography (ARAGON, 2004), (BARBOSA, 1993), (BORBA, 2002). In particular, we rely on the theoretical-methodological framework of Pottier (1972), for the classification of the lexies in: simple, composed, complex and textual. We also used the assumptions of Dialectology (CARDOSO, 2016), Sociolinguistics (BAGNO, 2004), Ethnolinguism (COSERIU, 1987) and Semantics (CANÇADO, 2013) to assess whether the expressions were of current or regional use and whether these were archaisms or neological creations of the author. It is worth pointing out that the purpose of this research is justified by the need to develop more work in this way, that is, systematizing regional speech in dictionary works, thus the current generation and the future access and knowledge to the rich cultural linguistic collection that are regional speakers. In this bias, our thesis contributes to the appreciation of regional speakers, as well as proves their richness and vastness, so present in the Brazilian Northeast. Thus, we cooperate for the studies of the lexical sciences, as well as for the critical fortune of the work of Jessier Quirino.

Keywords: Regional Literature. Lexicon. Jessier Quirino. Glossary.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo elaborar un glosario con expresiones típicas del hablar nordestino. El corpus que sirvió de base fue el léxico utilizado por el poeta y escritor regionalista Jessier Quirino en sus tres obras literarias: *Agruras da lata d'agua* (2016), *Paisaje de Interior* (2018) y *Galos de Campina* (2018). Realizar un análisis léxico-semántico de las obras quirinianas es bastante relevante, una vez que el escritor busca da énfasis, en su escritura literaria, al lenguaje regional-popular. Este lenguaje, a su vez, es presentado a través de innumerables regionalismos, que van desde expresiones, a arcaísmos y neologismos. Para la sistematización del glosario, nos apoyamos en los presupuestos de las ciencias del léxico: Lexicología y Lexicografía (ARAGÃO, 2004), (BARBOSA, 1993), (BORBA, 2002). De modo particular, contamos con el marco teórico-metodológico de Pottier (1972), para la clasificación de las lexias en: simple, compuesta, compleja y textual. Utilizamos, además, los presupuestos de la Dialectología (CARDOSO, 2016), de la Sociolingüística (BAGNO, 2004), de la Etnolingüística (COSERIU, 1987) y de la Semántica (CANÇADO, 2013) para determinar si las expresiones eran de uso corriente o regional y si éstas se trataban de arcaísmos o de creaciones neológicas del autor. Vale señalar que, el intento de esta investigación se justifica por la necesidad de que se desarrollen más trabajos en estos moldes, es decir, sistematizando los discursos regionales en obras condicionales, oportunizando, así, a la generación actual y futura el acceso y el conocimiento al rico acervo lingüístico cultural que son los discursos regionales. En ese sesgo, nuestra tesis contribuye para la apreciación de los discursos regionales, así como comprueba la riqueza y la vastedad de ellos, tan presentes en el Nordeste brasileño. Así, cooperamos para los estudios de las ciencias del léxico, así como para la fortuna crítica de la obra de Jessier Quirino.

Palabras-Clave: Literatura Regional. Léxico. Jessier Quirino. Glosario.

LISTA DE SIGLAS OU ABREVIATURAS

AB – Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

adj. m. – Adjetivo Masculino

adj. f. – Adjetivo Feminino

AH – Dicionário Antônio Houaiss

ALD – Obra literária Agruras da Lata D'água

EB – Dicionário Evanildo Bechara

Cf. – Conferir

exp. – Expressão

FJ – Dicionário Antônio Soares da Fonseca Jr.

FN – Dicionário Fred Navarro

GC – Obra literária Galos de Campina

HA – Dicionário Horácio de Almeida

interj. – Interjeição

LSDAE – Lexia Simples Dicionarizada com Acepção Equivalente

LSDAD – Lexia Simples Dicionarizada com Acepção Diferente

LSND – Lexia Simples Não Dicionarizada

LCPDAE – Lexia Composta Dicionarizada com Acepção Equivalente

LCPDAD – Lexia Composta Dicionarizada com Acepção Diferente

LCPND – Lexia Complexa Não Dicionarizada

LCXDAE – Lexia Complexa Dicionarizada com Acepção Equivalente

LCXDAD – Lexia Complexa Dicionarizada com Acepção Diferente

LCXND - Lexia Complexa Não Dicionarizada

loc. verb. – Locução Verbal

loc. subst. – Locução Substantiva

loc. adv. – Locução Adverbial

LTDAE – Lexia Textual Dicionarizada com Acepção Equivalente

LTDAE – Lexia Textual Dicionarizada com Acepção Equivalente

LTND – Lexia Textual Não Dicionarizada

PI – Obra literária Paisagem de Interior

prep. – Preposição

s. f. – Substantivo Feminino

s. m. – Substantivo Masculino

v. – Verbo

Var. – Variante

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
1. MARCO TEÓRICO	21
1.1 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO	21
1.1.1 Lexicologia	21
1.1.1.1 O léxico	24
1.1.1.2 As lexias	26
1.1.2 Lexicografia	28
1.1.2.1 Tipologia das obras lexicográficas	32
1.2. SEMÂNTICA	35
1.2.1 Semântica Lexical	36
1.3 TEORIAS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: BREVES CONSIDERAÇÕES.....	43
1.3.1 A Dialetoлогия	45
1.3.1.1 A gênese dos estudos dialetais	53
1.3.2 A Sociolinguística	56
1.3.3 A Etnolinguística.....	65
2. JESSIER QUIRINO: VIDA E OBRA.....	69
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	72
3.1 Pesquisa bibliográfica	72
3.2 Universo de pesquisa.....	73
3.3 Seleção do <i>corpus</i>	74
3.4 Fichamento do <i>corpus</i>	75
3.5 Caracterização do <i>corpus</i>	78
3.6 Organização do glossário	79
3.6.1 Critérios para a seleção dos itens lexicais do glossário	79
3.6.2 Organização interna do glossário	80
3.6.2.1 A macroestrutura.....	80
3.6.2.2 A microestrutura	82

4. GLOSSÁRIO QUIRINIANO: UMA ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA	84
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICE	184

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para a realização desta pesquisa, partimos do pressuposto de que toda língua é produto da cultura e das relações extralinguísticas ocorridas no seio das comunidades. Assim sendo, o léxico é um dos sistemas da língua pelo qual a diversidade linguística se manifesta e é veiculada. Desse modo, podemos dizer que os estudos acerca do léxico de uma língua são relevantes, tendo em vista que garante aos usuários da língua o acesso ao processo de evolução e transformação do sistema linguístico. Isso só é possível pois, “a língua é um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, num cérebro de um conjunto de indivíduos” (SAUSSURE, 1979, p. 21).

Neste estudo, tratamos da linguagem regional utilizando como *corpus* três obras do escritor paraibano Jessier Quirino, a saber: *Agruras da lata d’água* (2016), *Paisagem de Interior* (2018) e *Galos de Campina* (2018). Ao analisar as obras quirinianas é possível observar, notadamente, a evidenciação dada pelo autor perante à rica diversidade linguística do Brasil, de modo específico, à do Nordeste. Seus escritos nos permitem (re)conhecer a realidade linguística e sociocultural do povo nordestino. Em vista disso, é que asseveramos que não há como estudar os fenômenos de uma língua tomando-a como uma parte isolada, pelo contrário, as relações entre língua, cultura e sociedade são efetivamente estreitas.

Logo, todo e qualquer estudo linguístico pode levar em consideração o contexto extralinguístico, e é justamente isso que fazemos ao nos debruçarmos sobre as obras quirinianas. Ao estudar o léxico literário de Jessier, percebemos a ênfase dada pelo poeta quanto a valorização e a preservação da variação linguística local. A linguagem regional empregada pelo autor reflete, não somente a heterogeneidade da língua, mas, acima de tudo, a identidade, os valores culturais, os saberes e as visões de mundo de dada comunidade linguística.

Embasamos nossa pesquisa teórico e metodologicamente nos pressupostos das ciências do léxico, da Semântica, da Dialetoлогия, da Sociolinguística e da Etnolinguística. É, pois, por meio do aporte dessas áreas que conseguimos observar, descrever e analisar o conjunto virtual de unidades lexicais, ou seja, o léxico de uma língua. A seguir, apresentaremos, de forma sumária, algumas considerações acerca desses campos de estudos.

Face às ciências que se debruçam na investigação e descrição do léxico, temos: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Levando-se em consideração que o foco do nosso estudo é analisar e descrever o léxico geral da linguagem regional-popular, cunhada pelo poeta Jessier Quirino, utilizaremos as duas primeiras áreas de estudo. Acerca da Lexicologia, sabemos que é o campo que oferece suportes teórico-metodológicos para o estudo científico do léxico, enquanto a Lexicografia oferece suporte à dicionarização do léxico.

Nas palavras de Barbosa (1990, p. 152): “Lexicologia e Lexicografia configuram duas atitudes, duas posturas e dois métodos, em face do léxico: a Lexicografia, como técnica dos dicionários; a lexicologia, como estudo científico do léxico.” Para a autora, é de competência da Lexicografia a “compilação, classificação, análise e processamento” (1990, p. 154) do léxico, cujo objetivo é o de elaborar dicionários, glossários e vocabulários. Por essa razão, ela é, muitas vezes, definida como uma ciência aplicada. Por outro lado, à Lexicologia “cabe-lhe inúmeras tarefas” (1990, p. 153), uma vez que se dedica em formular teorias para melhor analisar e descrever os processos que circunscrevem o léxico.

Utilizamos como aporte, ainda, as considerações da Semântica, disciplina linguística responsável pelo estudo da significação das línguas. Assim sendo, a Semântica é o campo do saber incumbido por investigar os sentidos das palavras, das frases e dos enunciados. De modo geral, é a ciência das significações. Nessa ótica, concordamos com Lopes e Rio-Torto (2007, p. 13) quando conceituam a Semântica como aquela que “se ocupa dos significados explícitos, convencionais e invariantes das expressões linguísticas, aqueles que permanecem estáveis e independentemente das situações de uso.”

Além da Semântica, utilizamos, também, os contributos das três áreas que investigam o intercâmbio da tríade língua-cultura-sociedade, são elas: a Dialetoлогия, a Sócio e Etnolinguística. É pertinente elucidar que cada uma delas possui um foco investigativo, a primeira se dedica aos estudos da língua em relação ao espaço geográfico, a segunda estuda os fenômenos linguísticos em uso na sociedade e a última se concentra nos estudos linguísticos com relação à cultura.

Acerca da Dialetoлогия, sabemos que se trata de um ramo da Linguística que se encarrega de investigar os fenômenos relacionados à língua de acordo com os espaços

geográficos, ou seja, busca analisar os dialetos e as variações situados numa dada dimensão espacial. Nesse sentido, a Dialetologia é “a ciência da variação espacial, da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização” (CARDOSO, 2010, p. 45).

No que concerne à Sociolinguística, trata-se de uma disciplina que revela as relações entre língua e sociedade. Inspirados nos estudos sociológicos, a Sociolinguística, enquanto ciência linguística, busca observar, registrar, descrever e analisar as variações linguísticas que se apresentam nos diversos contextos, influenciadas por variáveis sociais como: nível de escolaridade, gênero, idade, profissão, entre outros. Portanto, trata-se de um campo do saber que se ocupa em estudar os reflexos da estratificação social na língua. Nas palavras de Cezario e Votre (2018, p. 141): “A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.”

Face à Etnolinguística, podemos entendê-la como uma área de estudo que, assim como a Sociolinguística, investiga as nuances da sociedade espelhadas na língua. De modo específico, seu foco investigativo é voltado para a questão cultural. Podemos afirmar, em outras palavras, que os estudos etnolinguísticos se dedicam em analisar a manifestação de fenômenos culturais (diferenças, ideologias, pensamentos, crenças etc.) na língua. É desse modo, portanto, que a Etnolinguística é conceituada como “o estudo do relacionamento entre língua e cultura” (ARAGÃO, 1983, p. 55).

É, pois, nessa perspectiva que enveredamos nossa pesquisa, buscando identificar e analisar, à luz do aporte teórico-metodológico apresentado, os elementos lexicais que caracterizam a linguagem predominante no *corpus* em estudo, a regional-popular. Por meio das produções literárias quirinianas, realizamos uma análise linguística em dois níveis: lexical e semântico. Para tal, inventariamos o léxico regional presente nas obras de Jessier em um glossário, o qual constitui objeto central de nosso estudo, com o intuito de garantir a documentação e a preservação dos falares regionais, especificamente, os do nordeste brasileiro.

Além disso, enfatizamos que a originalidade deste estudo se concentra na abordagem adotada desta pesquisa, uma vez que muito já se foi falado sobre Jessier Quirino, porém existe um hiato no que diz respeito aos estudos referentes à linguagem utilizada pelo

escritor. Assim sendo, nosso trabalho faz uma análise detalhada do léxico, isto é, do inventário de palavras da língua de um povo. Oferecendo, com isso, à academia e à sociedade em geral, o (re)conhecimento do patrimônio linguístico-cultural, em outras palavras, legitima a diversidade linguística fértil do Nordeste.

Para tal, levantamos algumas questões que nos conduziram ao longo da pesquisa, vejamos: Como as influências da cultura e da sociedade manifestam-se no léxico literário do escritor? Quais elementos apontam que o léxico literário do escritor Jessier Quirino corresponde à linguagem regional-popular? Como identificar as palavras e as expressões sob o ponto de vista diatópico, diastrático e diafásico? Qual a importância de produzir um inventário com as variações linguísticas encontradas nas obras em questão?

Partindo desses questionamentos, formulamos uma **hipótese principal**: a sociedade e a cultura nas quais o escritor está imerso influenciam sua escrita, instigando-o, assim, a levar as marcas identitárias de sua gente ao seu fazer literário, conferindo às suas produções um forte meio de representatividade; e **hipóteses secundárias**: **1.** O falar regional traz notadamente indícios da cultura, da região, da política, das ideologias, dos costumes, enfim, revela o perfil daqueles que o utilizam; **2.** Língua, cultura e sociedade são intercambiáveis, perceber onde uma começa e outra termina é uma tarefa desafiadora, mas graças aos pressupostos da Dialetologia, Sócio e Etnolinguística conseguimos distinguir as variantes regionais, das sociais e culturais; **3.** A construção de um glossário não se resume apenas a um repositório de palavras, muito além disso, trata-se de um acervo no qual a sociedade terá acesso à identidade e a história da comunidade linguística, haja vista que o léxico testemunha todas as nuances ocorridas no seio da sociedade.

É, pois, nesta direção, que se justifica a escolha do tema. Na medida em que, apesar de estarmos em plena modernidade, na qual o acesso ao conhecimento e à informação são facilitados (o que promove um maior esclarecimento à sociedade), ainda é muito comum vermos um certo desprestígio relacionado aos falares regionais, há uma forte estigmatização quanto a diversidade linguística. Costumeiramente, a população nordestina é rotulada pelo seu sotaque, pelas suas escolhas lexicais, pelas suas ideologias e cultura. Neste cenário, nosso estudo visa, também, romper com o preconceito linguístico tão enraizado no nosso meio e, por vezes, alimentado pelos

canais de comunicação. Analisar o léxico literário quiriniano e inventariá-lo em um glossário contribui, dentre outras coisas, para manutenção e prestigiação da heterogeneidade linguística, tornando-a (re)conhecida como patrimônio linguístico-cultural.

Nesta perspectiva, esta pesquisa é conduzida por uma abordagem geo-sócio-etnolinguística, sendo, ainda, fundamentada pelos princípios lexicológicos e lexicográficos. Quanto ao percurso metodológico, optamos pelo semasiológico, tendo em vista que a estruturação do glossário parte do significante para o significado. Além do mais, o universo de pesquisa é constituído por 435 itens lexicais, dispostos em ordem alfabética. Vale enfatizar que a seleção destes foi feita de acordo com a sua importância face aos estudos realizados.

E, assim, apresenta-se nosso estudo, sistematizado em quatro capítulos: no primeiro, apresentamos as contribuições teóricas que embasam nossa pesquisa; no segundo, tecemos considerações sobre vida e obra do escritor; no terceiro, dispomos os procedimentos metodológicos aplicados; no quarto, está comportado a descrição e o levantamento do *corpus*, ou seja, o glossário propriamente dito; e, por fim, no quinto, temos a análise e a discussão dos resultados.

Desse modo, entendemos que o nosso trabalho “*A escrita literária de Jessier Quirino como marca da cultura regional: uma abordagem léxico-semântica*” propicia o (re)conhecimento e a valorização dos falares típicos do nordeste brasileiro e, acima de tudo, promove a preservação das variações linguísticas, rompendo, assim, os estereótipos que fomentam o preconceito linguístico. Além do mais, acreditamos que o fato de termos utilizado textos literários para a execução de um estudo da linguagem promoveu, particularmente, um elo ainda mais estreito entre a Linguística e a Literatura. O que, no nosso ponto de vista, é algo muito positivo e produtivo para a academia e para os estudiosos da área em geral.

1. MARCO TEÓRICO

1.1 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

Esta pesquisa está fundamentada nos princípios teóricos e metodológicos das ciências do léxico. Como sabido, aquelas que se voltam para o estudo do léxico com a finalidade de analisá-lo e descrevê-lo são: a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia. Nosso estudo, por sua vez, ancora-se nas duas primeiras, visto que nosso intento é analisar o léxico regional apresentado nos textos literários de Jessier Quirino e, por fim, construir um glossário dos falares populares encontrados nessas três obras do autor: “*Agruras da Lata D’água*” (2016), “*Paisagem de Interior*” (2018) e “*Galos de Campina*” (2018).

É pertinente pontuar, ainda, que as ciências do léxico embora sejam complementares entre si, cada uma possui objetos de estudo, pressupostos teóricos e metodologias diferentes. Desse modo, para nos aprofundarmos melhor acerca daquelas que constituem os pilares do nosso estudo, apresentamos, posteriormente, algumas considerações gerais da Lexicologia e logo após as da Lexicografia, de modo que tenhamos uma visão mais clara dessas duas ciências.

Em suma, podemos considerar que “essas disciplinas enfocam o seu objeto de estudo, o léxico, de modos distintos, porém, ambas têm como principal finalidade a descrição desse mesmo léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 15-16).

1.1.1 LEXICOLOGIA

A Lexicologia, enquanto disciplina teórica e científica do léxico, investiga as múltiplas relações do léxico com outros sistemas linguísticos. Assim sendo, podemos dizer que através dos seus pressupostos teóricos e metodológicos é possível analisar e descrever cientificamente o léxico, observando-o como “o espaço privilegiado de um processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação de sistemas de valores” (BARBOSA, 1993, p. 1).

Em outras palavras, é de competência da Lexicologia descortinar, em seus vários níveis, a significação do léxico. Nessa direção, concordamos com a visão de Vilela (1979, p. 5) quando afirma que: “A lexicologia é o tratamento do léxico nos seus múltiplos aspectos como: frequência, distribuição, conteúdo, autonomia ou dependência de uma gramática”.

De modo geral, como podemos observar, a Lexicologia ocupa-se da constituição do léxico geral das línguas vivas. Nesse ínterim, faz-se importante uma ressalva, de que a atribuição da Lexicologia se concentra em investigar e explicar cientificamente o léxico geral, já o léxico especializado é de competência da Terminologia.

Acerca da função da Lexicologia, Vilela (1979) nos apresenta:

A lexicologia não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico; mas sim fornecer pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua: a sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto de conteúdo, como no aspecto da forma (VILELA, 1979, p. 10).

Como podemos observar, o campo da Lexicologia é amplo, o que a torna próxima de outras áreas como: a Morfologia, a Semântica e a Etimologia. Assim, ao concentrar seus estudos na significação, a Lexicologia alcança a análise da unidade lexical em sua totalidade, haja vista que investiga desde os elementos mais abstratos aos mais concretos.

Sobre isso, Andrade (2001) nos explica mais detalhadamente:

A Lexicologia é o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudanças, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base –a lexia –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações, abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes (ANDRADE, 2001, p. 191).

Na ótica da estudiosa, a finalidade da Lexicologia reside em elaborar constructos teóricos para o tratamento do léxico. Desse modo, a Lexicologia estuda as unidades lexicais de uma língua, levando em consideração seus traços culturais, sociais, econômicos, históricos e geográficos, isto é, as experiências acumuladas e as práticas socioculturais de determinada comunidade linguística.

É importante salientar, que os estudos lexicológicos podem ser conduzidos por diferentes enfoques, como: morfossintático, léxico-semântico e sintático-semântico. Face a essa multiplicidade, algumas distinções elementares, como as dos conceitos básicos entre **palavra**, **lexia** e **vocábulo**, entendidos por muitos, equivocadamente, como sinônimos.

A esse respeito, Silva (2006) nos apresenta as seguintes considerações:

A **palavra** é a unidade concreta, facilmente percebida, poderíamos dizer até intuitiva. A **palavra** pode ser entendida como a realização discursiva concreta de uma entidade abstrata que é o lexema. (...) **Vocábulo** são todas

as unidades semânticas, graficamente simples e compostas, e locuções indecomponíveis que se atualizam no discurso. (...) A **lexia** (termo criado pelo linguista B. Pottier) é uma unidade lexical usada em um contexto ou, de acordo com Dubois et al. (1998), é “a unidade funcional significativa do discurso”. (...) A **unidade lexical** é uma unidade de sentido, sem que necessariamente corresponda a uma sequência gráfica unitária (SILVA, 2006, p. 16-17).

Face ao exposto, ficou compreensível a diferenciação entre os termos acima definidos. Cumpre-nos, portanto, saber que os estudos lexicológicos abrangem o universo léxico (lexias, lexemas, unidades lexicais), os conjuntos de vocabulários (vocábulos) e os conjuntos de ocorrências (palavras). Tal abrangência se justifica, como já discutido anteriormente, em virtude de a Lexicologia buscar estudar, investigar e compreender o léxico em seus variados funcionamentos e desdobramentos.

Ainda, é por meio da Lexicologia que se pode analisar o signo linguístico por diferentes perspectivas, de acordo com o tempo e o espaço: ponto de vista sincrônico, diacrônico ou pancrônico, sinóptico ou diatópico. Inclusive, por meio desses enfoques, as experiências acumuladas de uma determinada comunidade linguística são reveladas.

Nesse sentido, Henriques (2010) explana:

Lexicologia é uma disciplina que estuda o léxico e sua organização a partir dos pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas do período histórico ou à região geográfica em que ocorreu a sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional (HENRIQUES, 2010, p. 102).

Diante disso, podemos dizer, também, que a partir das pesquisas lexicológicas, os estudos acerca da diversidade linguística no Brasil se tornaram mais compreensíveis. É, pois, nesse viés que concordamos com as colocações de Krieger (2010):

Os estudos da Lexicologia, ao se ocuparem de vocabulários específicos, topônimos e neologismo, contribuem, de modo particular para o conhecimento da variação linguística da população do Brasil. À variação associam-se importantes aspectos da cultural nacional, bem como das regionais, da história da língua e, conseqüentemente, de visões de mundo e de valores da nossa sociedade (KRIEGER, 2010, p. 169).

Como é possível depreendermos, a Lexicologia, enquanto disciplina linguística, atua no estudo do léxico em suas diferentes estruturas, assim, analisando, descrevendo e organizando suas unidades, tornando-as, assim, mais simples e tangíveis àqueles que pesquisam, bem como, à sociedade. “Desse modo, cabe à lexicologia dizer cientificamente em seus vários níveis o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo,

especialista da área, incumbe levar o termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas” (HENRIQUES, 2010, p. 102).

1.1.1.1 O LÉXICO

O léxico de uma língua natural é construído pelo saber acumulado de uma sociedade e de sua cultura através do tempo, da história e da experiência de cada indivíduo. Desse modo, podemos entendê-lo como um subsistema rico e dinâmico, pois é através dele que ocorrem os fenômenos linguísticos vinculados à língua. Nesse prisma, Oliveira e Isquerdo (2001) discutem:

O léxico saber compartilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade (OLIVEIRA E ISQUERDO, 2001, p. 9).

Nesse viés, o léxico pode ser entendido enquanto tesouro cultural abstrato, visto que ele se constitui como um repositório da realidade extralinguística, assumindo, assim, o caráter de patrimônio vocabular. Assim sendo, podemos dizer que é através do léxico que os costumes, as tradições, as visões de mundo e os sistemas de valores são refletidos. O léxico age, portanto, arquivando o saber linguístico de uma dada sociedade.

Face ao exposto, corroboramos com o pensamento de Oliveira e Isquerdo (2001) quando afirmam que:

O léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos da cultura (OLIVEIRA & ISQUERDO, 2001, p. 9).

Dessa forma, compreendemos que o léxico retrata toda experiência humana, uma vez que os principais criadores do léxico são os próprios falantes das línguas naturais. Logo, o léxico funciona como uma espécie de tradução da realidade extralinguística. Posto que, por ele e através dele as relações sociais são representadas. Sobre isso, Biderman (2001) atesta:

Léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceitual dessa língua. O sistema léxico é uma forma

teórica de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo (BIDERMAN, 2011, p. 139).

Logo, todo o funcionamento da língua, em seus variados estágios, está comportado no léxico. Desse modo, podemos dizer que léxico é conhecimento cultural, haja vista que atua de forma representativa em determinadas comunidades de falantes. Além do mais, o léxico, enquanto competência linguística, revela-se como um espaço no qual os sujeitos compartilham experiências, bem como é o espaço onde se encontra a consciência linguística, visto que é através dele que os falantes de uma língua registram seus conhecimentos de mundo, além de nomear tudo aquilo que está em seu entorno. Isso nos leva a constatar a atuação do léxico enquanto manifestação da identidade pessoal e coletiva de uma dada sociedade.

Nessa direção, Krieger (2010) assevera:

O léxico retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico. E, como tal, renova-se, funcionando como o pulmão das línguas, mas também, assegura a permanência do pilar comum de palavras, condição necessária à comunicação independente de tempos, regiões e de outras peculiaridades do uso das línguas (KRIEGER, 2010, p. 169-170).

As explanações da estudiosa supramencionada nos revelam o quão estreita é a relação do léxico com os aspectos geo-sócio-etnolinguísticos de uma sociedade. Tal fato nos permite atestar que o léxico é o principal responsável pela comunicação e interação de uma dada comunidade. Fazendo com que a sociedade melhor interaja e compreenda o mundo. Dessa forma, podemos declarar que “não há sistema linguístico sem léxico, e, conseqüentemente, não há possibilidade de vida em sociedade e tampouco de desenvolvimento humano” (KRIEGER, 2010, p. 163).

Comprendemos, desse modo, que não há sociedade sem léxico ou vice-versa, haja vista que o léxico está intimamente ligado à história cultural da sociedade, funcionando, assim, como forte instrumento de sua evolução e sobrevivência. Até porque, o sistema lexical não só pode, como deve ser visto como acervo vocabular, é através dele que a comunidade linguística acumula sua experiência e cultura, manifestando sua identidade. Sendo, portanto, o nível da língua que reflete tudo aquilo que está a nossa volta.

A esse respeito, Vilela (1994) tece as seguintes considerações:

O léxico é a parte da língua que precisamente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para língua e

para cultura dos povos, tem nome, faz parte do léxico. O léxico que é repositório do saber compartilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade (VILELA, 1994, p. 6).

Como podemos observar, os limites entre o léxico e o contexto extralinguístico são deveras estreitos. Nas palavras de Aragão (2005, p. 1), “as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa”. Dessa forma, entendemos a dinamicidade do léxico de uma língua, pois além de refletir as experiências do mundo de uma dada sociedade, fatos culturais também são delineados. O léxico se revela, assim, como um elo indispensável da tríade língua-cultura-sociedade.

Nesse sentido que concordamos com Barbosa (1981) quando explana:

O léxico cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código linguístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico – sua civilização; e compreende-se, pois, que uma alteração das unidades desse inventário, seja o reflexo, não raras vezes, de alterações culturais (BARBOSA, 1981, p. 120).

Diante disso, entendemos, portanto, que o sistema lexical das línguas naturais compreende toda a representação de conhecimento de mundo e cultural que a sociedade adquire e acumula através do tempo, da história e das vivências singulares de cada indivíduo. Nessa direção, podemos conceituar o léxico como aquele que codifica os saberes e experiências extralinguísticos interiorizados numa comunidade, afinal, o sistema linguístico que melhor define a realidade social e os fatos culturais é o léxico.

Desse modo, entendemos que ao nos debruçarmos sobre o estudo do léxico de uma língua, estamos tendo a oportunidade de (re)conhecer o dinamismo da língua, como também de nos informar e nos apropriar das diferentes culturas, as quais o léxico tem por atribuição retratá-las.

Feita essa explanação acerca do léxico, no próximo tópico discutiremos sobre uma de suas unidades de estudo: a lexia, a qual será objeto de estudo no *corpus* que está sendo analisado em nossa pesquisa.

1.1.1.2 AS LEXIAS

Acerca dos estudos lexicológicos, é sabido que muitos estudiosos determinam como as unidades do léxico: a palavra, a lexia e o vocábulo. Para este estudo, analisaremos no *corpus* a lexia, termo concebido como principal unidade do léxico de uma língua.

De acordo com Bernard Pottier (1974), *lexia* é a unidade linguística memorizada pelos falantes de uma língua. Em outras palavras, é a unidade significativa do léxico, isto é, uma palavra que possui significação lexical. Acerca do conceito criado por Pottier, Biderman (1996) tece as seguintes considerações:

O termo *lexia*, proposto por Pottier, é bastante útil, sobretudo por ser um termo técnico, e não corre o risco de ser maculado com as conotações discursivas, que podem gerar ambiguidade encontrada em palavra e/ou vocábulo. Assim, no plano da língua, o termo *lexema* refere a unidade abstrata do léxico. As manifestações discursivas dos *lexemas* devem ser referidas tecnicamente como *lexias* (BIDERMAN, 1996, p. 33).

Nessa ótica, é importante frisar que a *lexia*, por se tratar de um rotulador de referente, constitui a maior parte do léxico de uma língua, sendo assim de número ilimitado. Sobre isso, Henriques (2010) discute nos mostrando o dinamismo lexical inerente ao léxico, vejamos:

As *lexias* são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-los. Isto ocorre porque dele faz parte das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições até os neologismos, regionalismos, passando pelas terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e *palavrões* (HENRIQUES, 2010, p. 101-102).

Como podemos ver, o intercâmbio entre língua, cultura e sociedade é tão íntimo que se exterioriza no léxico através das manifestações linguísticas, literárias e socioculturais. Tal fato justifica, portanto, os processos de ampliação, conservação e renovação do léxico, haja vista que se trata de um repositório aberto, não fechado; de um repositório dinâmico e, sobretudo, multifacetado. Logo, podemos afirmar que, a unidade lexical memorizada, chamada *lexia*, é constituída pela memória coletiva dos falantes de uma língua.

Dentro desse enfoque, Pottier (1974), no ponto de vista morfossintático e léxico-semântico, classifica as *lexias* como *monolexemática* e *polilexemática*, a primeira definição diz respeito às *lexias* formadas por um único *lexema*, já a segunda, por vários *lexemas*. Pottier (1974) atribui, ainda, as seguintes definições: *lexia* simples, *lexia* composta, *lexia* complexa e *lexia* textual. Vejamos como sucede tais categorizações:

A *lexia* simples, de maneira geral, à palavra tradicional – “velha”; A composta resulta de uma integração semântica como em – “verde-e-amarelo”; A *lexia* complexa é aquela sequência em processo de lexicalização e, portanto, pode-se encontrar em vários graus, como “sinal vermelho”; A *lexia* textual, por sua vez, é uma *lexia* complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto, como em provérbios, por exemplo (POTTIER, 1974, p. 268-272).

De modo sumário, podemos entender que quando uma lexia se constitui por apenas um radical, sua classificação é simples; Por outro lado, se tal lexia simples fizer combinação com outra lexia simples, seja por justaposição ou aglutinação, teremos então uma lexia composta; Já a lexia complexa é mais evidente nos níveis semânticos e pragmático, tendo em vista que devido ao frequente uso na língua, inserida em um determinado contexto, acabam se tornando construções fixas; Por fim, a lexia textual é aquela que se apresenta em forma de texto, são exemplos: os fraseologismos, os ditados, os provérbios, as preces. Enfim, são enunciados que apresentam três ou mais lexemas em sua estruturação.

Para melhor ilustrar a classificação, vejamos o quadro abaixo:

Tabela 1- classificação das lexias ¹

CLASSIFICAÇÃO DAS LEXIAS					
MONOLEXEMÁTICA				POLILEXEMÁTICA	
<i>Lexia Simples</i>		<i>Lexia Composta</i>		<i>Lexia Complexa</i>	<i>Lexia Textual</i>
<u>Simples</u>	<u>Derivada</u>	<u>Agglutinação</u>	<u>Justaposição</u>	Bater as botas	Isso é cagado e cuspidor paisagem de interior
sovaco	sovaqueira	lengalenguisse	ruge-ruge		

Fonte: elaborada pela autora

Feita as considerações elucidativas acerca dos tipos de lexias, apresentaremos, no próximo tópico, os pressupostos teóricos da Lexicografia, sua finalidade e seu objeto de estudo. Além disso, para tornar mais compreensível a técnica lexicográfica que utilizamos nesta pesquisa, delinearemos as diferentes tipologias de obras lexicográficas.

1.1.2 LEXICOGRAFIA

A respeito da Lexicografia, sabemos que esta se trata de uma das ciências do léxico, cujo enfoque é a elaboração de técnicas de obras lexicográficas, ou seja, de descrição e dicionarização da língua. Sinteticamente, podemos inferir que se trata de uma disciplina

¹ Os exemplos dispostos na tabela foram retirados da obra “*Paisagem de Interior*” (2018) de Jessier Quirino.

aplicada, sua principal ocupação é, pois, a elaboração de dicionários, vocabulários e glossários.

Diante disso, é importante que façamos uma ressalva, a de que a atividade lexicográfica não é algo recente, mas antiga e tradicional, como nos aponta Lara (1996):

A lexicografia nasceu como necessidade social e informativa muito tempo antes de que a linguística se constituísse como ciências. Suas tradições de método forjaram-se na relação entre o lexicográfico e o seu público, e inclusive seria possível sustentar que a própria ideia de língua, que depois daria origem à linguística, se criou com a ajuda dessa lexicografia (LARA, 1996, p. 142).

Como nos evidencia a estudiosa, a Lexicografia foi naquele período – e ainda é – um dos elementos indispensáveis à sociedade. Isso se deve ao fato de através dessa ciência ser possível acompanhar e conhecer as experiências culturais de uma comunidade, suas mudanças históricas e sociais, enfim, sua evolução. Logo, a Lexicografia não pode ser vista apenas como um instrumento de dicionarização da língua, mas, sobretudo, como uma fonte de conhecimento da língua e daqueles que a utilizam.

Nessa vertente, Biderman (2001) ratifica aquilo que Lara (1996) nos apresentou, porém traz um apontamento muito relevante, o fato da Lexicografia ocidental ser nova, uma vez que, sua prática teve início nos tempos modernos, inclusive, sua finalidade era bem restritiva, pois as obras possuíam apenas cunho consultivo, isto é, limitavam-se a uma lista de palavras explicativas, que os leitores utilizavam como auxílio para a interpretação.

Sobre isso, Biderman (2001) nos esclarece ainda que:

A lexicografia só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna). Os primeiros dicionários em língua portuguesa dignos de nome são: o Vocabulário Português-Latino, de Rafael Bluteau (1712-1728), obra bilíngue em 8 volumes e o Dicionário da Língua Portuguesa, de Antônio de Moraes Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813). Quanto aos dicionários técnicos-científicos, no português, eles são obras do século vinte; na verdade, nessa área estamos apenas começando (BIDERMAN, 2001, p. 17).

Como podemos observar, a Lexicografia se faz notar desde a antiguidade, constituindo-se, assim, como uma atividade tradicional. Porém, outro ponto que merece destaque é o fato de a atividade lexicográfica no Brasil ser, relativamente, tardia, conforme assinala Krieger (2010):

Somente no século XX que se concretiza uma lexicografia nacional, seja porque surgem as primeiras coleções de dicionários publicados no país, seja porque as obras pioneiras passam a se preocupar com o registro formal do léxico do português do Brasil. Ao desenho desse quadro lexicográfico inaugural, soma-se o fato de que os dicionários passam a circular no meio

cultural e educacional do país, diferentemente de algumas poucas obras ou projeto de obras lexicográficas que, embora elaboradas antes do século XX, não alcançaram repercussão na sociedade (KRIEGER, 2010, p. 138).

Como podemos notar, a Lexicografia está situada em um espaço histórico entre as ciências dedicadas ao léxico, visto que além de tradicional, trata-se, ainda, de uma atividade fundamental. No que concerne ao Brasil, alguns estudiosos indicam o século XX como o mais produtivo em obras lexicográficas, alguns apontam, inclusive, ser o século que a Lexicografia ganha concretamente autonomia.

Sobre isso, Farias (2007) explana:

No Brasil, do século XX, muitas obras merecem destaque (...): *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascente (1961-1967), o *Vocabulário da Língua Portuguesa*, (1981), o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975, 1986, 1999), o *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998), o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2004) e o *Dicionário UNESP o português Contemporâneo* (2004), de Borba e colaboradores (FARIAS, 2007, p. 95).

Nesse prisma, fica evidente a relevância do fazer lexicográfico, na medida em que o trabalho da Lexicografia vai além da descrição do léxico, sua atribuição consiste, sobretudo, como uma das formas de registrar a história da humanidade. Pois, como nos afirma Krieger (2010):

As obras dicionarísticas, entre outras funções, desempenham o papel de legitimar a língua, e, como tal, convertem-se em importante testemunho da constituição histórica do léxico, bem como da identidade linguístico cultural das sociedades. De forma particular, o dicionário da língua – a mais prototípica das obras lexicográficas –, consiste na instância formal de legitimação/oficialização do léxico de um idioma na medida em que assume a missão de catalogar o conjunto das palavras de uma língua (KRIEGER, 2010, p. 136).

Isso demonstra o quão próximo o fazer lexicográfico é da Lexicologia, tendo em vista que é fundamentado numa teoria lexical com critérios linguísticos e científicos. Nessa direção, torna-se pertinente que façamos a distinção entre as duas ciências para uma melhor precisão. A Lexicografia e a Lexicologia estão intimamente relacionadas, mas a primeira é diferente da última ao passo em que a tarefa lexicográfica consiste na elaboração de técnicas para analisar e registrar o léxico, enquanto o estudo lexicológico reside em investigar profundamente o léxico. Logo, entende-se por Lexicografia “o estudo da descrição da língua feita pelos dicionários como aplicação de dados da Lexicologia” (VILELA, 1994, p. 11).

Nessa perspectiva, Barbosa (1990) faz as seguintes ponderações:

A Lexicografia é definida como sendo uma tecnologia que trata da palavra no que concerne à atitude de compilação, classificação e análise das unidades do léxico e sua organização em dicionários, vocabulários técnico-

científicos e vocabulários especializados. Na verdade, a lexicografia é uma aplicação dos fundamentos teóricos metodológicos da Lexicologia (BARBOSA, 1990, p. 153).

Como podemos inferir, as práticas lexicológicas e lexicográficas podem ser realizadas em quase todos os níveis da Linguística: Fonologia, Sintaxe, Morfologia, Semântica e no Léxico propriamente dito. Porém, apesar de complementares, cada uma dessas reserva suas particularidades, enquanto a Lexicologia é entendida como “a descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo” (HAENSCH, 1982, p. 92-93), a Lexicografia é concebida como “a ciências dos dicionários” (BIDERMAN, 2001, p.17). Em outras palavras, esta última se utiliza dos fundamentos teórico-metodológicos da primeira com a finalidade de cobrir diversos aspectos de registros lexicais, isto é, tanto num nível técnico-científico como sociocultural.

Nesse viés, Borba (2003) assinala:

A lexicografia pode ser vista sob duplo aspecto: (i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para a seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissão, para registro de variantes etc; (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes. É neste aspecto que entra a grande contribuição da teoria linguística (BORBA, 2003, p. 15).

Diante disso, fica evidente a abordagem onomasiológica adotada pelo fazer lexicográfico, isto é, conferindo conceitos às denominações. Isso ocorre porque a Lexicografia, enquanto tecnologia, trata profundamente das unidades do léxico, assim, compilando-as, classificando-as, analisando-as e, por fim, organizando-as em dicionários, glossários e vocabulários. É importante ressaltar que tais obras lexicográficas não se resumem a uma listagem de palavras com significados, mas, sobretudo, um acervo no qual não somente a língua, mas a cultura de uma sociedade é refletida. Portanto, para compreender o mundo que a cerca, a própria comunidade linguística demanda o fazer lexicográfico.

Sobre a missão dicionarística inerente da Lexicografia, Krieger (2010) comenta:

A missão dicionarística autoriza a compreensão de que se trata de um documento da memória social de todo idioma, permitindo que as sociedades reconheçam-se a si mesmas pelo seu dizer e pelos valores e ideologia que o léxico circunscreve e determina. Assim, a presença de um dicionário numa determinada cultura pode ser compreendida como: “uma construção histórica, fruto da reflexão sobre a língua e orientada para a conservação da memória de experiências de sentido valiosas para a

comunidade linguística inteira” (LARA, 1996, p. 18). (KRIEGER, 2010, p. 136).

Podemos dizer, em resumo, que à Lexicografia cabe o estudo e a elaboração de artefatos de ordem cultural e social, tais quais: o dicionário, o vocabulário e o glossário. Por outro lado, cumpre à Lexicologia a análise e a investigação linguística do léxico das línguas naturais. Como podemos atestar, ambas as ciências estão correlacionadas.

É, nesse sentido que concordamos com Borba (2002, p. 148) quando atesta que “o dicionário é a documentação mais importante que nós temos no léxico da Língua Portuguesa. É o repositório da língua como um todo, que documenta todos os tempos e a forma como o português chega até nós. Reflete a língua tal como ela é”. Às explanações de Borba (2002) faremos ainda um adendo, pois acreditamos que não somente o dicionário, mas toda e qualquer obra lexicográfica possui tamanha relevância para a sociedade, pois são elas as responsáveis por registrar no tempo e no espaço esse tesouro abstrato que é a língua.

Realizadas as discussões sobre os pressupostos teóricos e metodológicos da Lexicografia, no próximo tópico, iremos nos dedicar em apresentar as diferentes tipologias de obras lexicográficas. Apresentaremos, desse modo, suas definições e delimitações, buscando, assim, um melhor esclarecimento acerca da obra que será o resultado de nossa pesquisa: o glossário de Jessier Quirino.

1.1.2.1 TIPOLOGIA DAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS

Há diversas maneiras de classificar as obras lexicográficas, irá depender, sobretudo, da perspectiva adotada pelo pesquisador. Muitas das vezes, a falta de uma conceituação definitiva provoca confusão, o que leva muitas obras serem entendidas como sinônimas, mas não são. A fim de uma explanação panorâmica, apresentaremos algumas definições de tais repertórios.

Acerca do dicionário, Höfling (2006) tece as seguintes considerações:

O dicionário é um produto cultural e comercial destinado ao consumo do grande público. Quanto ao aspecto formal, ele deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para qual é elaborado. Quanto ao seu conteúdo, o dicionário recolhe o tesouro lexical de uma língua num dado momento da história de um grupo social. Assim, conclui-se que o dicionário torna-se uma norma explícita da cultura da comunidade, exercendo um papel normativo dentro da comunidade de falantes (HÖFLING, 2006, p. 65).

Como podemos inferir, os dicionários são indispensáveis em uma sociedade, haja vista que se tratam de objetos culturais, cuja função primária é informar e oferecer subsídios aos falantes de uma língua, além de mostrar o léxico das línguas tal como ele é, permeado de cultura, valores e experiências. Como podemos ver, é um acumulador de informações, sua contribuição vai além de uma simples obra consultiva.

Nas palavras de Krieger (2007):

Entre outros aspectos, o dicionário contribui para a ampliação do conhecimento vocabulário, dos múltiplos significados de palavras e expressões, da norma padrão da língua Portuguesa, de aspectos históricos bem como gramaticais dos itens léxicos, de usos e variações sociolinguísticas. Por meio do dicionário, os aprendizes também podem ter conhecimento de como a norma culta é registrada, para que possam e saibam utilizá-la na produção textual e nos contextos em que estiverem inseridos (KRIEGER, 2007, p. 298).

Sobre isso, é importante pontuar que o dicionário enquanto repositório da língua apresentará muitas versões a depender de sua finalidade, podemos citar como exemplos: os dicionários *onlines*, os dicionários enciclopédicos, os dicionários terminológicos e gerais, os dicionários bilíngues e multilíngues, os dicionários regionais, entre outros. Enfim, há uma multiplicidade gigantesca dessas obras, cujo propósito é o de atuar como agente passivo da comunicação verbal.

Além do dicionário, temos também o vocabulário, o qual tem como objeto de estudo os vocábulos. Barros (2004) esclarece que o vocabulário se distancia do dicionário, uma vez que este tem por unidade padrão o lexema, logo não é constituído por um viés terminológico. Já o vocabulário por ser uma espécie de dicionário terminológico, estrutura-se numa perspectiva terminológica, constituindo-se, desse modo, com base na elaboração sistemática dos conceitos.

Nessa esteira, Barros (2004) apresenta a seguinte definição:

Dicionário terminológico (termo concorrente: *vocabulário*): situa-se no nível da (s) norma (s), registrando unidades terminológicas de um ou vários domínios. Apresenta, obrigatoriamente, definições, mas nenhum dado enciclopédico (BARROS, 2004, p. 144).

Como podemos observar, o vocabulário é um tipo de repertório baseado na terminologia, recobrando, assim, um ou vários domínios discursivos. Nas palavras de Boutin-Quesnel (1985, p. 29), compreende-se como vocabulário o “repertório que arrola os termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por esses termos por meio de definições ou ilustrações”.

Temos ainda como obra lexicográfica o glossário, este diz respeito ao arrolamento de palavras-ocorrências de um determinado texto. Desse modo, o glossário pode apresentar

uma perspectiva sincrônica, sintópica, sintrástica e sinfásica. Acerca desse repertório, Barros (2004) nos apresenta a seguinte definição:

Glossário (termo tolerado: *dicionário bilíngue*, *dicionário multilíngue*): pode situar-se tanto no nível do sistema como no da (s) norma (s). Sua principal característica é não apresentar definições, mas tão somente uma lista de unidades lexicais ou terminológicas acompanhadas de seus equivalentes em outras línguas (BARROS, 2004, p. 144).

Face à conceituação apresentada, é importante frisar que a definição de glossário não é consensual entre os especialistas, alguns o classificam como vocabulário ou dicionário em tamanho reduzido, outros como um tipo de repertório que explica termos arcaicos ou pouco conhecidos. Entretanto, aqui nesta pesquisa, utilizaremos a definição instituída por Barbosa (2001, p. 290), a qual diz que “o glossário resulta do levantamento das palavras-ocorrências e das acepções que têm num texto manifestado”.

Para uma melhor contribuição no entendimento dos conceitos mostrados, reunimo-los sinteticamente no quadro abaixo, enfatizando as principais características. Vejamos:

Tabela 2 – Classificação das obras lexicográficas

OBRAS	NÍVEL	UNIVERSO DE ESTUDO	UNIDADES- PADRÃO
<i>DICIONÁRIO</i>	Sistema	Conjunto léxico	Lexema
<i>VOCABULÁRIO</i>	Norma	Conjuntos de vocabulários ou conjuntos terminológicos	Vocábulo ou termo
<i>GLOSSÁRIO</i>	Fala	Conjuntos de ocorrência	Palavras-ocorrência

Fonte: elaborada pela autora

No quadro acima esquematizamos os conceitos dessas três obras lexicográficas inspirados nas considerações feitas pela estudiosa Maria Aparecida Barbosa (2001), que situa o dicionário no nível do sistema linguístico, o vocabulário no nível da norma e o glossário no nível da fala.

Entendemos, com isso, que não há uma unidade no que se refere às tipologias dos repertórios das línguas. O que existe é uma vasta variedade de obras lexicográficas, as quais buscam atender às particularidades de uma sociedade tão heterogênea.

Realizadas essas ponderações sobre os tipos de obras lexicográficas, no próximo capítulo apresentaremos os pressupostos teóricos da Semântica. Tal discussão far-se-á necessária, visto que o glossário, que será resultado deste estudo, será construído à luz de uma análise léxico-semântica.

1.2 SEMÂNTICA

Levando em consideração que este estudo é de natureza léxico-semântica, torna-se pertinente a discussão sobre a Semântica, enquanto ramo da Linguística, que tem por função investigar a significação das línguas. Logo, cumpre a Semântica estudar o significado das palavras, frases e enunciados.

Nesse sentido, Cançado (2013) atesta:

Todas as línguas dependem de palavras e de sentenças dotadas de significado: cada palavra e cada sentença estão convencionalmente associadas a, pelo menos, um significado. Desse modo, uma teoria semântica deve, em relação a qualquer língua, ser capaz de atribuir a cada palavra e a cada sentença o significado (ou significados) que lhe(s) é (são) associados(s) nessa língua (CANÇADO, 2013, p. 21).

Como podemos perceber, a teoria semântica serve para esclarecer a relação dos sentidos e dos significados de uma língua. Todavia, vale ressaltar que, do ponto de vista teórico, definir a semântica apenas como área que estuda a significação é um tanto genérico, visto que muitas pesquisas evidenciam que se trata de uma área profícua, que vem contribuindo para o conhecimento da língua com vieses e abordagens diferentes.

Nessa direção, é importante pontuar que a semântica se estabeleceu no século XIX com Michel Bréal. Sobre isso Rector e Yunes (1980) comentam:

A semântica propriamente dita começou no século. XIX com Michel Bréal. Semântica (semantike têche) é a “ciência da significação”; provém do verbo sêmainô “significar” que, por sua vez, é derivado de “sêma” (sinal), em oposição à fonética, “ciências dos sons da fala” (Bréal; 8). Segundo Bréal, a semântica consiste no estudo da causa e da estrutura dos processos de mudança nas significações das palavras. Portanto, o enfoque de Bréal é diacrônico (RECTOR E NUNES, 1980, p. 12).

A priori, a definição de Bréal foi bem aceita, inclusive, muitos estudiosos assumiram-na. Porém, alguns teóricos contrapuseram-se. De acordo com Ilari e Geraldi (2011) dizer que a “semântica é a ciência que estuda a significação” é uma confirmação muito generalista, visto que não existe apenas uma semântica, mas várias semânticas.

A este respeito, Lyons (1978, p. 9), conceitua a semântica como “o estudo do sentido”. Guiraud (1955, p. 5), defende que a semântica “é o estudo do sentido das palavras”. Já Cançado (2013, p. 17) explica que “Semântica é o estudo do significado das línguas”. Enquanto Castilho (2014, p. 2) afirma que a Semântica “investiga os sentidos expressos nas línguas naturais, ocupando-se dos processos de sua construção, e dos produtos que daí resultam”. Como podemos averiguar, alguns teóricos defendem uma concepção voltada para o sentido, enquanto outros orientam para o significado.

Nesse viés, “sentido” e “significado” nem sempre serão termos equivalentes. Haja vista que há diversos tipos de sentidos e significados, logo a escolha pela teoria semântica dependerá do objeto de estudo que estar-se-á sendo investigado.

Assim sendo, Castilho (2014) apresenta quatro domínios de estudos dessa área. Ao apresentá-los, o teórico reconhece a difícil tarefa na delimitação. Vejamos:

Para organizar as reflexões sobre a Semântica proporei quatro campos de estudos, mesmo reconhecendo sua difícil delimitação: (i) Semântica léxica, que trata dos sentidos das palavras, (ii) Semântica Gramatical, que trata dos significados das construções, (iii) Semântica discursiva ou pragmática, que trata das significações geradas no intervalo que medeia entre os locutores e os signos linguísticos, (iv) Semântica cognitiva, que trata da criação de sentidos. Acrescento algumas observações ainda muito preliminares sobre a (v) Semântica diacrônica, que trata da mudança dos sentidos (CASTILHO, 2014, p. 5).

Desse modo, fica notório que a Semântica constitui objetos e correntes diferentes, logo cada um apresenta vieses, princípios e abordagens distintas. Diante disso, como neste estudo procuramos investigar o léxico regional/popular em textos literários, especificamente, nos escritos do paraibano Jessier Quirino, é que concentraremos nossa discussão nos pressupostos teóricos da Semântica léxica/Semântica lexical. Assim, no próximo tópico apresentaremos mais detalhadamente esse campo de estudo, o qual tem por objeto de investigação o sentido das palavras.

1.2.1 SEMÂNTICA LEXICAL

A Semântica lexical além de ser um campo da Semântica é, também, uma subárea da Lexicologia, isso se deve ao fato de ambas terem como escopo o sentido, seja do léxico, seja da palavra. Porém, cumpre enfatizar que a Lexicologia é bem mais ampla e por manter uma estreita relação com a Semântica, inclui-a em sua abordagem.

Castilho (2004) ao apresentar o objeto empírico da Semântica lexical, reforça que o sentido está para o léxico e o significado para a língua, e esclarece:

A Semântica lexical, em suma, trata dos traços semânticos inerentes/intencionais, que são explicados nas diferentes categorias léxicas, tais como verbo, substantivos, adjetivos, advérbio, preposições. Diferentes combinações dos traços inerentes, permitem postular as seguintes categorias, que configuram o campo da semântica lexical: (1) referência e designações, (2) paráfrase e sinonímia, (3) contradição e antonímia, (4) polissemia, (5) hiperonímia, (6) meronímia (CASTILHO, 2014, p. 18).

Partindo do pressuposto que o objetivo dessa pesquisa é realizar uma análise léxico-semântica do *corpus* já mencionado, e para tal seguimos os fundamentos teóricos e metodológicos das ciências do léxico combinados aos da Semântica, como efeito estruturaríamos nosso glossário, resultado deste estudo, nas duas categorias da Semântica lexical: a Sinonímia e a Polissemia. A escolha se justifica em virtude da abordagem empírica adotada, visto que para a construção do glossário temos que buscar os significados das lexis regionais.

No que tange a essas duas categorias semânticas supracitadas, podemos sumariamente dizer que a sinonímia parte das relações dos semas, isto é, quando os significados semânticos são próximos. Já a polissemia abarca os vários significados que uma palavra é capaz de abranger. Contudo, é pertinente pontuar que tais definições são muito generalistas. Para um entendimento mais integral, apresentaremos a seguir as contribuições de alguns estudiosos da área.

Nas palavras de Castilho (2014):

São sinônimas as palavras que parafraseiam outras, dispondo de um sentido aproximadamente idênticos, como ocorre em sair/cair fora/dar no pé/ escafeder-se/puxar o carro, etc., ou então falecer/morrer /bater as botas/ir desta para melhor/comer grama pela raiz/mudar-se para chácara dos quietinhos/viver no bairro dos pés juntos, etc. (CASTILHO, 2014, p. 18).

Posto isso, fica notório que as palavras para serem sinônimas não bastam ter apenas o mesmo referente no contexto extralinguístico. Nessa direção, Polguère (2018) pontua que há dois tipos de sinonímias: as exatas e as aproximativas. No entanto, faz uma ressalva, a de que a sinonímia exata ser raríssima.

Vejamos, com mais detalhes, o que diz esse estudioso:

A sinonímia é a relação lexical semântica por excelência. (...) A sinonímia lexical é, acima de tudo, uma sinonímia aproximativa. (...) Os sinônimos não são, portanto, automaticamente, intercambiáveis em todos os contextos em que a substituição parafrástica seja possível para que a relação de sinonímia seja estabelecida (POLGUÈRE, 2018, p. 162-163).

Nessa mesma linha de raciocínio, Cançado (2013) atesta a complexidade de definir a sinonímia:

A sinonímia ocorre entre pares de palavras e expressões; entretanto, definir exatamente essa relação é uma questão complexa, que vem perseguindo estudiosos da linguagem há séculos. Uma das primeiras definições poderia ser: sinonímia é identidade de significados. Mas afirmar isso não basta, pois é uma afirmação muito ampla e que exige um certo refinamento (CANÇADO, 2013, p. 47).

Face às explanações apresentadas, podemos compreender que a relação sinonímica ocorre quando há uma equivalência semântica, isto é, quando as palavras do mesmo campo semântico ao serem traduzidas possuírem significados similares. Como bem nos ressalta Ilari (2002):

Os sinônimos são palavras de sentido próximo, que se prestam, ocasionalmente, para descrever as mesmas coisas e as mesmas situações. Mas é sabido que não existem sinônimos perfeitos: assim, a escolha entre dois sinônimos acaba dependendo de vários fatores a serem explorados (ILARI, 2002, p. 169).

Os fatores dos quais o autor menciona são aqueles relacionados aos contextos em que o falante for utilizar as palavras buscando essa equivalência semântica, como também aos extralinguísticos. Logo, as relações sinonímicas dependem das “características regionais da fala, das diferenças de sentidos, das diferenças entre os objetos de que se fala, do grau de formalismo da fala e de certos aspectos de forma ou função” (ILARI, 2002, p. 169).

Feita essa discussão sobre a sinonímia, aprofundaremos, agora, as relações da polissemia. De acordo com algumas pesquisas existentes, a polissemia acontece quando os possíveis significados das palavras ambíguas possuem alguma semelhança entre si. De modo simplificado, Henriques (2010, p. 110) define: “polissemia é a propriedade semântica de uma única palavra recobrir mais de uma significação, como “anjo”: ser espiritual ou pessoa”.

Nas palavras de Castilho (2014):

Denomina-se polissemia o fato de uma mesma palavra ter sentidos diferentes, como em cabo, “acidente geográfico”, “extremidade de uma ferramenta”, “prolongamento posterior de certos animais”, “fio metálico para transmissão de energia”, “ponto na hierarquia militar”; manga “fruta”, “parte do vestuário”, “chuva forte”, etc. O contexto vai especificar de que cabo, de que manga se trata (CASTILHO, 2014, p. 9).

Verifica-se, pois, que uma palavra é polissêmica se ela apresentar mais de uma lexia. Logo, são os elementos extralinguísticos que determinará o sentido de determinada palavra em uso.

Acerca das origens da palavra polissêmica, Castilho (2014) apresenta:

São diversas as origens das palavras polissêmicas. (1) Algumas derivam de uma mesma etimologia [...]. (2) Outras derivam de mais de uma etimologia, caso em que tais palavras convergiram para uma só forma, por razões fonológicas [...]. (3) A polissemia pode assentar numa metonímia [...] (CASTILHO, 2014, p. 9)

Podemos depreender, com isso, que a polissemia é uma categoria semântica que apresenta uma variedade de significações aos itens lexicais que uma mesma palavra recobre. Além do mais, é por meio das relações polissêmicas que novas palavras e, conseqüentemente, novas significações são criadas e/ou recriadas, isto é, os neologismos.

Nesta direção, Henriques (2018) ao evocar Ilari (2002, p. 151) atesta o quanto a polissemia é útil para os fatores como economia e flexibilidade para o léxico, pois, “a polissemia afeta a maioria das contribuições gramaticais”. Além do mais, a maioria dos vocábulos de uma língua é polissêmica, isso porque ela “é um traço fundamental da fala humana, que pode surgir de maneiras múltiplas” (ULLMANN, 1964, p. 331).

Face ao exposto, torna-se importante que façamos a distinção entre homonímia e polissemia, haja vista que ambos são termos utilizados pela Semântica para caracterizar os itens lexicais. Vejamos o que diz Cançado (2013):

Palavras polissêmicas serão listadas como tendo uma mesma entrada lexical, com algumas características diferentes; as palavras homônimas terão duas (ou mais) entradas lexicais. Em muitos casos, a mesma palavra pode ser considerada uma homonímia em relação a determinado sentido e polissêmica em relação a outros (CANÇADO, 2013, p. 72).

As explicações de Cançado (2013) vão ao encontro das discussões de Henriques (2018) quando este pontua que, didaticamente, é fácil explicar a distinção entre polissemia e homonímia, uma vez que a homonímia é aquela que abarca duas ou mais palavras, cada uma com a sua significação, enquanto a polissemia abrange apenas uma palavra, porém apresenta dois ou mais sentidos. Henriques (2018) ainda nos chama atenção para o fato de essa distinção ser indeterminada e arbitrária, visto que uma homonímia pode vir a ser uma polissemia e vice-versa. Para o estudioso, a delimitação dependerá do(s) critério(s) adotado(s) pelo lexicógrafo acerca da extensão do significado de ambas categorias semânticas.

Dessa forma, consideramos pertinente apresentar as considerações de Ilari (2002), uma vez que reforçam as discussões anteriores:

Fala-se em “polissemia” a propósito dos diferentes sentidos de uma mesma palavra que são percebidos como extensões de um sentido básico. A polissemia se opõe à homonímia: Para que haja polissemia, é preciso que haja uma só palavra; Para que haja homonímia, é preciso que haja mais de uma palavra. Há continuidade entre os vários sentidos que assume uma

palavra ou construção polissêmica entre os sentidos próprios de palavras homônimas, há descontinuidade (ILARI, 2002, p. 151).

Diante de tudo o que já discutimos, pontuamos que as explicações feitas acerca das categorias semânticas apresentadas se fazem relevantes, pois justificam a escolha do tipo de Semântica (a lexical) que fundamentam a nossa pesquisa. Além do mais, julgamos necessário apresentar, ainda, os pressupostos teóricos sobre os neologismos e os arcaísmos, já que o *corpus* em questão apresenta tais unidades de forma expressiva.

Acerca do neologismo, entendemos que se trata de um fenômeno que acontece na língua enquanto fruto do processo de lexicalização. Logo, as unidades neológicas são palavras criadas ou recriadas para designar novas situações, conceitos, fatos e objetos. Cabré (1993, p. 444) entende o neologismo como “uma unidade léxica de formação recente, uma acepção nova de um termo já existente ou de um termo emprestado há pouco de um sistema linguístico estrangeiro”.

Sendo assim, podemos inferir por unidades neológicas a renovação e inovação que ocorrem no sistema léxico das línguas. Desse modo, é que os neologismos fazem parte de um fenômeno natural do sistema linguístico, isso porque nossa sociedade, bem como o léxico, está em permanente evolução e expansão. Logo, as criações neológicas vão se tornando cada vez mais recorrentes, haja vista que a sociedade acompanha todo o processo de desenvolvimento que vem ocorrendo nessa nova era e, como consequência, são refletidas na língua. Pois, como bem assevera Biderman (2001), o universo semântico ancora-se em dois pilares – sujeitos e sociedade – e é a partir da relação/troca entre ambos que se origina o léxico.

O outro ponto importante que deve ser ressaltado é o modo como essas novas unidades lexicais vão adentrando no léxico de uma língua. Ferraz (2007) aponta três mecanismos básicos para que ocorra tal incorporação:

a) Neologia formal – a construção de palavras através de regras do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos no nível morfológico, sintático e fonológico; b) Neologia semântica – a expansão de sentido, quanto da reutilização, com novos significados de unidades léxicas já existentes. c) Neologia de empréstimos – a importação de unidades léxicas de outros sistemas linguísticos, as quais se podem apresentar adaptadas ou não à nova língua (FERRAZ, 2007, p. 54-55).

Face às discussões apresentadas, podemos dizer que as unidades neológicas podem ser de três tipos: 1. Criação de novas palavras, 2. Modificação do sentido de palavras; e 3. Importação de empréstimos de palavras estrangeiras. Nesse viés, para ratificar tais apontamentos, trazemos as explicações de Boulanger (1979):

Um neologismo é uma unidade do léxico, palavra, lexia ou sintagma cuja forma significante ou relação significante-significado, supondo um funcionamento efetivo em um modelo de comunicação determinada, não era realizada no estado imediatamente anterior do código da língua. Conclui-se que o neologismo é uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra emprestada desde há pouco a um sistema linguístico estrangeiro e aceita na língua (BOULANGER, 1979, p. 65).

Acreditamos, com isso, que as criações e as inovações neológicas partam da necessidade da comunidade de falantes, tendo em vista que tais processos sofrem influência do meio, isto é, do crescente desenvolvimento científico, tecnológico, social e cultural. Essa dinamicidade, por sua vez, é reproduzida no léxico. Isso ocorre devido o léxico ser:

O subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas (VILELA, 1994, p. 14).

Portanto, consideramos o processo neológico um importante elemento para a produtividade e a renovação do léxico. Pois, como bem pontua Casanova (2006, p. 84): “o neologismo constitui, de fato, uma força inovadora da linguagem, uma fonte importante de alargamento do léxico, fruto do contato de culturas”.

Além dos neologismos, encontramos no *corpus* em estudo a presença de arcaísmos. Sabemos, no que tange a essas unidades lexicais, que se tratam de palavras que com o passar do tempo caíram em desuso, deixando assim de serem usadas no uso corrente da língua. Antunes (2012) atribui a esse fenômeno o processo de deslexicalização, isto é, quando uma palavra sai de uso, deixando de ocorrer.

Acerca dos arcaísmos, Ilari (2002) tece as seguintes considerações:

Os arcaísmos são pouco comuns na fala corrente: aparece mais frequente na literatura, em especial naqueles gêneros em que as obras do passado continuam servindo de referência à produção dos autores contemporâneos e em autores que fazem do arcaísmo um recurso de estilo (ILARI, 2002, p. 31).

Desse modo, podemos dizer que as lexias arcaicas são aquelas entendidas como antigas e/ou desusadas. Portanto, refletem o uso da língua em um tempo remoto. Assim sendo, quando utilizadas de forma expressiva por meio da literatura deduzimos que o autor as utiliza como um recurso linguístico.

Oliveira e Cano (2008) asseveram para a classificação dos arcaísmos. Segundo esses estudiosos, existem dois tipos distintos de arcaísmos, a saber:

O fenômeno do arcaísmo pode atingir o vocabulário, a morfologia e a estrutura de construção da língua. Os arcaísmos léxicos e semânticos dizem respeito diretamente ao vocabulário. Por arcaísmos léxicos compreendem-se as palavras que deixaram de ser usadas porque se tornaram desnecessárias ou porque foram substituídas por sinônimos de formação variada. Quanto aos arcaísmos semânticos, estes são vocábulos que hoje apresentam uma significação diversa daquela que ostentavam em época passada (OLIVEIRA E CANO, 2008, p. 2).

Dessa forma, fica evidente que o fenômeno do arcaísmo é um movimento próprio das línguas naturais em face de sua evolução. A este respeito, Coseriu (1979) nos esclarece:

A língua muda justamente porque não está feita, mas, sim, faz-se continuamente pela atividade linguística. Em outros termos, muda porque é falada: porque existe apenas como técnica e modalidade da fala. O falar é atividade criadora, livre e finalista, e é sempre novo, enquanto se determina por uma finalidade expressiva individual, atual e inédita. O falante cria ou estrutura a sua expressão utilizando uma técnica e um material anterior que o seu saber linguístico lhe proporciona, a língua, pois, não se impõe ao falante, mas se lhe oferece: o falante dispõe dela para realizar a sua liberdade expressiva (COSERIU, 1979, p. 63-64).

Logo, toda mudança e inovação que ocorrem no sistema linguístico são provenientes desse movimento constante que ocorre na língua, o qual Antunes (2012) denomina por lexicalização (as novas entradas, assim sendo, os neologismos) e deslexicalização (ocorrência em desuso, portanto, os arcaísmos). Isso só é possível porque a língua é viva e está em um ininterrupto processo de evolução, renovação e transformação.

Posto isso, concordamos com Mattos e Silva (2009) quando corrobora:

Neologismo e Arcaísmos são conceitos relativos em relação ao tempo histórico das línguas e em relação aos seus referentes externos – as coisas/objetos. Desaparecendo e reaparecendo, as palavras continuam suas histórias, a depender da história dos falantes das línguas (MATTOS E SILVA, 2009, p. 19).

Desse modo, podemos inferir que a realidade extralinguística exerce forte influência na mutação do sistema linguístico e, conseqüentemente, na atualização e expansão do léxico.

Feitas essas discussões acerca dos neologismos e arcaísmos, bem como das duas categorias da semântica lexical: sinonímia e polissemia, julgamos pertinente enfatizar que a teoria semântica tem como atribuição revelar os significados das sentenças e palavras de uma língua. Com isso, devemos levar em consideração os fatores extralinguísticos e, principalmente, os contextuais.

Desse modo, torna-se assertivo pontuar que a Semântica se faz presente e é necessária na nossa vida. Haja vista que, rotineiramente, estamos à procura de significados, sejam de palavras e/ou frases, seja em uma bula de remédio e/ou em uma manchete de jornais, seja

em uma conversação informal e/ou em uma exposição acadêmica/científica. O certo é que através da Semântica buscamos interpretar e, conseqüentemente, interagir com o mundo.

1.3 TEORIAS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, discorreremos sobre os três ramos da Linguística que se dedicam em estudar o intercâmbio: língua-cultura-sociedade. De modo específico, trataremos da Dialetoлогия, da Sociolinguística e da Etnolinguística. Essa discussão se faz necessária, uma vez que ao analisar o *corpus* de um escritor regional, debruçamo-nos sobre um tipo de linguagem específica, a regional/popular. Assim sendo, faz-se relevante discutir aspectos referentes à diversidade linguística, bem como dos três ramos já citados e de suas relações com as variáveis regionais, sociais e culturais.

A fim de compreendermos melhor a heterogeneidade linguística, buscamos entender o porquê de a língua ser volátil e de ter um caráter tão imprevisível, já que a todo instante há esse movimento de criação, recriação e inovação no sistema linguístico. Para tal, ancoramo-nos nos pressupostos de Bagno (2009), que diz:

Não existe língua sem falantes. Por isso, não é “a língua” que muda – a língua, afinal, não existe sozinha, solta no espaço, com uma entidade mítica... São os falantes, em sociedade, que mudam a língua. E essa mudança não é para melhor, nem para pior: é mudança, simplesmente (BAGNO, 2009, p. 42).

Como podemos ver, há uma razão para a língua ser heterogênea, que é o fato de ela ser um dos principais meios de interação da sociedade. Logo, se esse meio muda, se a cultura muda, conseqüentemente, a comunidade de falantes promoverá mudanças, também, na língua, adequando-a, desse modo, às suas realidades e necessidades. Nesse sentido, Bagno (2009, p. 45), ainda, explica: “a mudança linguística é resultado da interação entre fatores internos – os mecanismos cognitivos que processam a linguagem dentro do nosso cérebro – e fatores externos à língua, ou seja, fatores sociais e culturais”.

Nessa mesma direção, Aragão (1990) pontua que para um melhor conhecimento da língua é importante compreender os fatores externos ligados, intimamente, à ela. Vejamos:

Para se entender a língua é necessário se conhecer o povo que a fala: seus costumes, crenças, tradições, suas histórias de vida enfim. Um estudo de língua feito sem apoio nessa realidade não poderá atingir seus objetivos,

por ser artificial, imposto e, conseqüentemente, ineficaz (ARAGÃO, 1990, p. 19).

Assim, podemos inferir que uma melhor compreensão do sistema linguístico, bem como de sua diversidade, é possível desde que levemos em consideração os contextos histórico, social e cultural em que ocorrem os atos de fala, em outras palavras, quando a língua está em uso. Isso é concebível porque, como bem assinala Bagno (2009):

A língua é uma instituição social, ela é parte integrante da vida em sociedade, por isso as mudanças que ocorrem na língua resultam da ação coletiva de seus falantes, uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar mais precisão ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes com novos sentidos (principalmente os sentidos figurados, metafóricos), de criar novas palavras para dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação, de modificar as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer (BAGNO, 2009, p. 42).

Nessa perspectiva, é notório que somos nós, os falantes da língua, os principais agentes a promover as mudanças linguísticas. É por isso, que a relação entre língua, cultura e sociedade é tão íntima, haja vista que uma reflete na outra. Dessa forma, entendemos que as variações linguísticas são notadas, principalmente, pelo léxico. Visto que é este quem acompanha a mutabilidade social e cultural de um povo que é representada na e pela língua.

Torna-se pertinente ressaltarmos, ainda, que embora existam muitas pesquisas voltadas para a heterogeneidade linguística, há um desprestígio muito evidente, ainda, na sociedade quanto aos falares regionais. Vemos, correntemente, uma expressiva estigmatização relacionada às variações linguísticas, que recebem, na maioria das vezes, a noção de feio e/ou errado.

Com isso, observamos que há inúmeras tentativas de nivelamento da língua, a todo instante notamos essa necessidade de imposição de rótulos à língua, a exemplo: norma culta, padrão e/ou de prestígio. O uso desses estereótipos condiciona a língua em “caixinhas”, negando com isso sua dinamicidade. Além do mais, tais tentativas resultam numa hegemonia, ou seja, a de que há uma língua melhor, mais correta, de maior valor e outra inferior, inapropriada.

É, pois, nesse sentido que surge o preconceito linguístico, que na visão de Bagno (2004, p. 43) é decorrente de um preconceito social. Ilari e Basso (2006, p. 2008) reforçam a tese de Bagno quando afirmam: “é inegável que a gramática [normativa] sempre esteve

sintonizada com a língua da classe mais culta e mais abastada (não existe, historicamente, uma ‘gramática da língua dos pobres’).”

Tendo em vista que um dos objetivos de nossa pesquisa é valorizar os falares regionais, desmistificando, assim, a concepção de língua padrão do português do Brasil, intentamos, nesse viés, em revelar as nuances que caracterizam os falares típicos da região do nordeste brasileiro. Para tal, contamos com a produção literária do escritor paraibano Jessier Quirino, uma vez que nos oferece uma expressiva amostra de falares regionais.

À luz de abordagens linguísticas, faremos uma análise léxico-semântica do objeto de estudo em questão. De modo específico, essa análise será realizada numa perspectiva geosócio-etnolinguística, haja vista que estamos diante de um leque de variantes linguísticas. Por fim, nossa análise resultará em um glossário, em que registraremos as lexias que integram a linguagem regional/popular. Vale enfatizar que, para a estruturação do glossário utilizamos os princípios teórico-metodológicos da Lexicologia e da Lexicografia, as duas ciências do léxico responsáveis por fornecer subsídios para os estudos referentes ao léxico geral das línguas.

Partindo desse panorama, consideramos relevante o léxico literário de Jessier Quirino, visto que, notadamente, faz questão de focar a linguagem regional/popular do nordeste brasileiro. Por se tratar de um universo literário rico em diversidade linguística, consideramos pertinente discorrer sobre as três áreas que estudam as variações, a saber: a Dialetoлогия, cujo enfoque é na variação regional; a Sociolinguística, que se dedica em estudar a variação social; e, por fim, a Etnolinguística que se concentra na variação cultural.

1.3.1 DIALETOLOGIA

A Dialetoлогия é uma ciência de natureza linguística que tem como objeto de estudo os dialetos e os falares que ocorrem nos diferentes espaços geográficos, isto é, a variação diatópica. Crystal (1983, p. 81) entende a Dialetoлогия como “o estudo sistemático de todas as formas de dialeto, em especial, o dialeto regional, chamado também de dialetoлогия, ‘geografia linguística’ ou ‘geografia dialetal’.”

Nesse sentido, podemos dizer que a Dialetologia ao estudar as variantes, que ocorrem em determinado espaço geográfico, tem por objetivo descrevê-las, sistematizá-las, interpretá-las e situá-las. Nas palavras de Dubois (1978, p. 185), trata-se de uma “(...) disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço e de estabelecer-lhe os limites”.

Assim sendo, podemos inferir que é de competência dos estudos dialetológicos investigar a variedade linguística que ocorre em um determinado quadro geográfico. O linguajar, o dialeto e o falar fazem parte do rol desse grupo de variantes geográficas. Nessa direção, Cardoso (2016, p. 13) define a Dialetologia como “ramo da linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados”.

A seguir, para que haja uma melhor compreensão do escopo dessa ciência, apresentamos seus objetivos pela ótica da estudiosa Suzana Cardoso (2016):

Os objetivos da Dialetologia visam (i) descrever, nos espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de línguas, fatos característicos; (ii) qualificar, do ponto de vista social, as ocorrências registradas e, (iii) examiná-las na perspectiva do tempo a que estão submetidas (CARDOSO, 2016, p. 13).

À vista disso, fica notória que a finalidade da Dialetologia está direcionada para os falares regionais com suas delimitações geográficas. No entanto, é pertinente pontuarmos que os estudos dialetológicos diferem dos estudos da geografia linguística. Sendo assim, não podemos entender as duas áreas como equivalentes, mas que dialogam entre si por terem perspectivas fronteiriças.

De acordo com Dubois (1978, p. 304), a Geografia Linguística é “a parte da Dialetologia que se ocupa em localizar as variações das línguas em relações a outras”. Já Câmara Jr (1879, p. 94) afirma que “a Geografia Linguística consiste em levantar mapas da distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal”. Desse modo, podemos depreender que a distinção entre as duas áreas consiste, basicamente, nas técnicas utilizadas na sistematização dos estudos dos dialetos e falares regionais.

Nesse seguimento, Câmara Jr (1879, p. 94-95) assevera que há duas técnicas que estruturam os estudos dialetológicos: a da geografia linguística, que investiga a distribuição de cada traço linguístico dialetal, registrando, por fim, os resultados em atlas linguísticos; e

a da descrição de falares, esta técnica se assenta em pesquisas destinadas a uma dada região, sendo os resultados publicados em gramáticas e glossários regionais.

Com isso, ficam visíveis os princípios nos quais a Dialetologia está sustentada: i. a descrição da diversidade de uma língua por meio dos falares e dos dialetos; e ii. A determinação de limites geográficos em que se situam os falares e os dialetos. Sendo esta última, especificamente, uma atribuição da Geografia Linguística. Assim, atestamos a quão próxima é a Dialetologia da Geografia Linguística, por vezes torna-se até utópico separá-las, haja vista que uma necessita da outra para coexistir, já que ambas são complementares em suas técnicas e objetivos.

Explicitados os conceitos, o objeto de estudo, as finalidades e as técnicas da Dialetologia enquanto disciplina investigativa da variação da língua. Apresentaremos, agora, alguns conceitos relevantes acerca da língua, do dialeto e dos falares, para que possamos entender melhor os princípios da Dialetologia, a discussão de tais pontos se faz fundamental.

Sabemos que o sistema linguístico compreende um conjunto de signos estreitamente vinculados ao processo das relações sociais. Nós, os falantes, somos os principais agentes modificadores desse sistema, já que a língua é transmitida de geração para geração e nela são impostas marcas de nossa cultura, nossos costumes, nossas tradições. Enfim, a todo instante os sujeitos contribuem para a conservação, inovação e renovação da língua.

É por meio desse processo de trocas que ocorre em sociedade que surgem as variações, atestando com isso que não há uniformidade na língua. Muito pelo contrário, a língua é viva, é instável e sofre mudanças de acordo com as exigências comunicativas dos falantes.

A língua é, portanto, construída por uma infinidade de variações: individuais, culturais, sociais, locais, entre outras. Nesta direção, é que existem disciplinas específicas que investigam a ocorrência dessas relações entre: língua e cultura, língua e sociedade e língua e espaço geográfico. São elas: a Etnolinguística, a Sociolinguística e a Dialetologia.

Nessa lógica, Ilari e Geraldi (1985) evidenciam a constante mutação da língua quando falam:

A língua não é um sistema fechado, pronto, acabado, de que podemos nos apropriar. No próprio ato de falantes, de nos comunicarmos uns com os outros, pela forma como o fazemos, estamos participando, queiramos ou

não, do processo de continuação da língua (ILARI E GERALDI, 1985, p. 32).

No tocante ao que foi discutido, compreendemos que a evolução da língua ocorre na fala, visto que enquanto a língua é coletiva, a fala é individual. Saussure (2010) atesta o fato de a língua ser uma atividade social quando estabelece a distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Vejamos:

A língua existe na e para a coletividade. É um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social. [...] A fala é um ato individual de vontade e de inteligência. [...] É o lado executivo [da linguagem] fica, pois, fora da causa, porque a execução não é jamais o fato da massa; ela é individual e o indivíduo é sempre senhor (SAUSSURE, 2010, p. 38).

Logo, se a língua é um produto social e a fala um ato individual, é nesta última, por apresentar o elemento da particularidade, que ocorrerá as variações de todos os tipos: diatópica, diacrônica, diafásica, diastrática, diagenérica e diageracional. “Existe, pois, interdependência da língua e da fala. Aquela é ao mesmo tempo instrumento e produto desta” (SAUSSURE, 2010, p. 27). Logo, podemos afirmar que a fala é a prática da língua, isto é, a língua colocada em uso.

Para uma maior elucidação e objetividade, apresentaremos a distinção entre falar regional e dialeto, além de serem objetos de investigação da Dialetologia, ambos são comumente confundidos como sinônimos. Assim, faz-se fundamental a exposição de suas definições. A saber:

- i. A conceituação de dialetos ou falares regionais sempre é melhor entendida a partir da definição de língua. Língua pode ser definida como um sistema de oposições funcionais, serve de instrumento de comunicação, suporte de pensamento e meio de expressão dos indivíduos de um determinado grupo social. A língua é sempre vista como uma unidade, um todo invisível. No entanto, esta unidade é composta de infinitas variações – regionais, grupais ou individuais – que podem ser estudadas através dos níveis de análise fonética – fonológico, morfológico, sintático e semântico. Cada língua, ou sistema linguístico, é constituído de subsistemas que apresentam pontos de interseção e de disjunção. Esse subsistemas são os dialetos (ARAGÃO, 1983, p. 17).
- ii. [...] O termo dialeto, enquanto oposto à língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é justamente uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior (COSERIU, 1982, p. 11-12).

- iii. O dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que é a própria língua. Empregado correntemente como dialeto regional por oposição a língua, o dialeto é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que desenvolveu, apesar de não ter adquirido o status cultural e social dessa língua, independentemente daquela (DUBOIS, 1978, p. 184).

Como podemos verificar, de acordo com as explicações dos estudiosos acima, o dialeto se trata de um subsistema linguístico menor dentro do sistema maior, ou seja, da língua. Geralmente, é empregado em um espaço delimitado, mais restrito. Por isso, não podemos considerá-lo um falar regional, haja vista que não atingiu as camadas social e cultural como os falares atingem.

Acerca dos falares regionais, selecionamos alguns conceitos para que melhor possamos contrastar e compreender com relação aos dialetos. Vejamos:

- i. Línguas de pequenas regiões, através de um território linguístico dado que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral ou oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum (CÂMARA JR, 1975, p. 151).
- ii. Por oposição ao dialeto, considerado como relativamente coeso sobre uma área muito extensa e delimitada por meio de critérios linguísticos da dialetologia e da geografia linguística, o falar é um sistema de signos e de regras combinatórias definido por um quadro geográfico estreito (vale, por exemplo, ou aldeia) e no qual, de saída, o status social é indeterminado. Uma língua ou dialeto, estudados num ponto preciso, o são, pois, estudados como falares (DUBOIS, 1978, p. 255-256).
- iii. A prática dialetológica consiste em denominar dialeto para variedade que defina uma zona maior, reservando-se falar para variedade que ocupa apenas uma localidade, o localeto (CINTRA, 1983, p. 49).

Face ao exposto, podemos inferir que as conceituações apresentadas ora se assemelham, ora se afastam. O fato é que não apresentam homogeneidade e isso é próprio do fazer teórico, visto que os estudiosos utilizam métodos e critérios diversos para apresentar tais delimitações. No entanto, embora haja múltiplos pontos de vista, a distinção entre dialetos e falares não é utilizada com recorrência. Isso ocorre porque alguns pesquisadores concebem-nos como equivalentes, enquanto outros buscam enfatizar os pontos fronteiriços existentes entre eles, atestando com isso que há sim uma diferença, logo não devendo ser

entendidos como correspondentes. É nessa linha, que Aragão (1983, p. 65) assevera: “a tendência geral, atualmente, é usar os termos dialeto e falar como sinônimos ou parassinônimos”.

Em termos de Brasil, seguindo o raciocínio de Aragão (1983), que nos traz um viés mais contemporâneo acerca dos estudos dialetológicos, apesar do nosso país ser enorme, ter uma dimensão territorial continental e apresentar uma expressiva diversidade, na cultura, nos estratos sociais, nas esferas geográficas e, sobretudo, na língua, o português do Brasil não contém dialetos, mas sim falares. A linguista desvenda o porquê:

Dialeto implica modificações morfosintáticas, na estrutura da língua, chegando a haver incomunicação entre os diferentes dialetos de uma mesma língua. Falar são modificações superficiais: fonéticas e léxicas que não causam incomunicação. A língua portuguesa tem dialetos: o brasileiro, o de países africanos, e dentro de Portugal: o do Minho, do Algarve, etc. etc., mas o português do Brasil não tem dialetos, mas falares (ARAGÃO, 2009 *apud* ALMEIDA, 2009, p. 26).

Por meio das explanações apresentadas, depreendemos que os dialetos têm o seu próprio sistema, logo, trata-se de um subsistema inserido dentro da língua. Sendo assim, causarão mudanças nos campos léxico, sintático, semântico, entre outros. Por outro lado, os falares não causam mudanças tão acentuadas como os dialetos, eles partem das necessidades de comunicação dos falantes situados em culturas, contextos, espaços geográficos e estratos sociais diversificados.

É, pois, nesse âmbito que reside o ponto de intersecção entre os estudos dialetais e os sociolinguísticos. Cardoso (2016) destaca que a Dialetologia se dirigiu por dois caminhos: no plano geográfico ou perspectiva diatópica e no plano sociolinguístico ou perspectiva social. Notemos:

No plano geográfico, a Dialetologia identifica a variedade que uma língua apresenta no plano espacial, mostrando que, diatopicamente, os usos podem representar diferenças regionais que assinalam uma área em relação a outra ou identidades, existentes entre elas, seja num mesmo domínio geopolítico, seja entre países distintos. [...] na perspectiva social, a Dialetologia atesta, numa mesma área, a existência de variantes que não se explicam nem se justificam do ponto de vista geográfico, mas que se associam a fatores sociais. Esse tipo de variação vem a constituir o conjunto de usos que a Dialetologia agrupa como fatos da natureza diageracional, diastrática, diassexual (CARDOSO, 2016, p. 14).

Com isso, fica notório que a Dialetologia tem interesse, também, por variáveis sociais por entender que a esfera regional não é distante da social, em outras palavras, ela atesta o

fato de variantes diastráticas não serem isoladas e/ou afastadas de variantes diatópicas. Nesse sentido, Blanch (1978, p. 42) pontua: “Se a Dialectologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical”.

Face ao exposto, torna-se imprescindível conceituarmos o objeto de estudo próprio da Dialectologia: a variação regional/geográfica/diatópica:

(do grego *dia* = através de, *topos* = lugar), a variação geográfica tem a ver com as diferenças linguísticas observáveis entre falantes oriundos de regiões distintas de um mesmo país oriundo de diferentes países. Podemos observar diferenças tanto entre o Português de além-mar-falado na Europa (Portugal, Açores, Madeira, na África (Angola, Moçambique, Guiné Bissau) e na Ásia (Goa, Macau) – e o português do Brasil, como entre os falares das várias regiões do Brasil (Sul e Nordeste, por exemplo) (COELHO E GORSKI, 2009, p. 76).

As estudiosas acima asseveram, ainda, que as variações diatópicas ocorrem em todos os campos linguísticos. Observemos:

(i) no plano fonético-fonológico- as vogais /e/e/o pretônicas, como nas palavras “serrado” e “novela”, são pronunciadas como vogais abertas (é, ó) no nordeste e como vogais fechadas (ê, ô) no sudeste e no sul, (ii) no plano morfológico – o sufixo derivacional – (z) inho agregado à palavra pai ressalta em painho na Bahia e paizinho nas demais regiões do Brasil; (iii) no plano sintático – a posposição da negação como em vou não é típica do nordeste, a dupla negação como em não vou não é comum no sudeste (especialmente no Rio de Janeiro) e a anteposição da negação como em não vou é preferida no sul; (iv) no plano lexical – as palavras pandorga, papagaio e pipa marcam diferenças regionais entre os falantes; (v) no plano discursivo – facialmente associamos o bah ao gaúcho, o não tem ao florianopolitano, o ôrra meu ao paulista, o me’rmão ao carioca, o pronto ao nordestino, e assim por diante (COELHO E GORSKI, 2009, p. 77).

Como podemos constatar, a variação diatópica é, de fato, muito ampla. É aquela que condiz com as variedades que ocorrem no plano horizontal da língua, sendo, assim, notadas nos sotaques, dialetos e falares locais. Enfim, são as responsáveis pelos regionalismos utilizados por uma dada comunidade linguística. E isso é possível, pois, como sabemos, a língua está em um constante processo de renovação. À vista disso, Marinho (2006, p. 26) declara: “as pessoas das diferentes regiões em que se fala a mesma língua apresentam variação no uso dessa língua, variação que pode ser relativa à forma de pronunciar os sons, ao uso característico do vocabulário ou à forma de construir as estruturas sintáticas”.

Posto isso, conseguimos entender como é intrínseca a relação entre língua e sociedade. A língua por não ser um sistema inerte, mostra-se heterogênea e multifacetada,

na qual e pela qual são refletidas inúmeras variantes por ordens diversas: regional, social, cultural, econômica, entre outros fatores intrínsecos/extrínsecos à própria língua. Assim sendo, a variação diatópica está relacionada ao fator regional/geográfico, como bem nos revela Mussalin e Bentes (2006, p. 34): “a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”.

Diante do exposto, é notório que a Dialetologia, enquanto disciplina que busca descrever os falares e os dialetos e embasar a elaboração de atlas linguísticos, volta-se para a identificação, a descrição, a interpretação e a análise dos fatos linguísticos verificados numa determinada região, sociedade e tempo histórico. Desse modo, é a modalidade falada da língua, isto é, os atos de fala, que constituem o objeto de estudo das pesquisas dialetais.

Nesse sentido, podemos afirmar que a Dialetologia busca aliar a perspectiva diatópica à perspectiva social para melhor recobrir os estudos voltados para a variação. A este respeito, Silva Corvalán (1988) ressalta:

A dialetologia é uma disciplina com larga tradição, como uma metodologia bem estabelecida e uma literatura rica e valiosa. É indiscutível que a dialetologia trouxe importante contribuição à linguística geral e a sociolinguística (SILVA CORVALÁN, 1988, p. 8).

O fato é que ambas, Dialetologia e Sociolinguística, reconhecem a diversidade existente na língua. Nessa direção, seus estudos se complementam, uma vez que em muito vêm contribuindo para a comunidade acadêmica e para a sociedade em geral, no sentido de desnudar a realidade linguística num dado momento da história da língua.

No entanto, é importante salientar que não podemos concebê-las como sinônimas, como equivocadamente alguns fazem, pelo fato de estudarem a língua falada. As duas, conjuntamente, reconhecem a heterogeneidade da língua, porém cada uma adota uma perspectiva individualizada para o seu objeto de estudo, como bem nos evidencia Cardoso (2010):

O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento de dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista

espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas (CARDOSO, 2010, p. 26).

Nota-se, com isso, o quão intercambiável é a relação entre língua, cultura e sociedade, é tão estreita que podemos dizer que uma unidade não existe sem a outra. Assim sendo, os dois ramos linguísticos, a Dialetoлогия e a Sociolinguística, integram-se e totalizam-se um ao outro.

Feita essa discussão acerca da Dialetoлогия e do seu objeto de estudo, bem como de suas abordagens teórico-metodológicas, apresentaremos, a seguir, resumidamente, o percurso histórico dos estudos dialetais. Acreditamos que, com isso, tornaremos a disciplina mais conhecida, evidenciando, portanto, que ela “não se resume aos atlas linguísticos” (ROSSI, 1967, p. 92).

1.3.1.1 A GÊNESE DOS ESTUDOS DIALETAIS

É no século XIX que a Dialetoлогия, enquanto novo ramo da linguagem, foi estabelecida com abordagem e métodos específicos. Observemos o que diz Cardoso (2010) sobre isso:

Os estudos dialetológicos propriamente ditos vêm a se iniciar num momento da história, século XIX, em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja, ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre as dificuldades das áreas, mas resultam, principalmente, da preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua (CARDOSO, 2010, p. 39).

Em solo brasileiro, temos como pioneiro nos estudos dialetais Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca. Suas primeiras contribuições datam de 1826. Acerca desse período, Nascentes (1952) apresenta duas grandes fases:

Pode-se dividir a história dos estudos dialetológicos no Brasil em duas fases: a primeira, de 1826, ano o qual o brasileiro Borges de Barros publicou um estudo no livro de Adrien Balbi, até 1920, ano da publicação do livro *O dialeto Caipira* de Amadeu Amaral, a segunda, de 1920 aos nossos dias (NASCENTES, 1952, p. 181).

No tocante à divisão dos estudos dialetológicos brasileiros, Ferreira e Cardoso (1994), na obra *A Dialetoлогия no Brasil*, propuseram uma reformulação nas fases elencadas

por Nascentes (1952). Segundo as autoras, no Brasil, os estudos dialetais passaram por três fases diferentes. Na ótica de Cardoso (2010, p. 132), “a formulação tripartida tem como base identificar e demarcar as três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas consideradas”.

Abaixo, ilustramos em um quadro as três fases e os principais trabalhos desenvolvidos na época. Vejamos:

Tabela 3 – Fases da Dialectologia no Brasil

FASE	PERÍODO	PRINCIPAIS TRABALHOS PRODUZIDOS
1ª Fase	1826 a 1920	Dicionários, vocabulários e léxicos regionais.
2ª Fase	1920 a 1952	Trabalhos monográficos
3ª Fase	1952 a 1996	Atlas linguístico

Fonte: elaborada pela autora

É importante salientar que a tabela acima foi elaborada à luz das exposições feitas por Cardoso (2010) na obra *Geolinguística: tradição e modernidade*. Em suas discussões, a linguista faz um recorte temporal apresentando a trajetória traçada no Brasil, bem como os principais trabalhos produzidos em cada período.

Na **primeira fase** (1826-1920), Cardoso (2010, p. 132) destaca que “os trabalhos produzidos direcionam-se para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil. São dicionários, vocabulários e léxicos regionais”. A estudiosa elenca, ainda, alguns trabalhos desenvolvidos nesta fase. A saber:

- Glossário de vocábulos brasileiros, tanto de derivados como daqueles cuja origem é ignorada, de Visconde de Beaurepaire – Rohan (1883);
- O tupi na geografia nacional, de Theodoro Sampaio (1901);
- Glossário Paraense, de Vicente Chermont de Miranda (1905);
- Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros, de P. Carlos Teschaver (1912);
- Dicionário de brasileirismos, de Rodolfo Garcia (1912).

No que concerne à **segunda fase** (1920-1952), sabemos que se inicia com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. De acordo com Cardoso (2010), é nessa fase que os primeiros passos da geolinguística, enquanto método da pesquisa dialetológica, são dados no cenário brasileiro. A estudiosa ressalta, ainda, que esse é um período produtivo para trabalhos de cunho monográfico, uma vez que surge a preocupação por parte dos pesquisadores em sistematizar os materiais observados *in loco*.

Nas palavras de Suzana Cardoso (2010):

São, assim, produzidos estudos de caráter monográfico, dos quais se destacam os trabalhos de Amaral, Nascentes e Marroquim, obras iniciais do período, que imprimem uma nova ótica ao exame da realidade linguística brasileira, tentam implantar uma nova metodologia de trabalho e fornecem dados nos diferentes níveis de enfoque da língua (CARDOSO, 2010, p. 134).

Outro ponto que merece destaque é o dos grupos das obras que compunham essa fase. Tais grupos eram organizados de acordo com o enfoque adotado. Cardoso (2010) elenca quatro grupos distintos:

No primeiro grupo, estão os léxicos e glossários regionais (...). No segundo grupo, encontram-se obras de caráter geral que analisam as questões numa perspectiva mais ampla e globalizantes (...). Integrando um terceiro grupo estão estudos de caráter regional, que abordam, particularmente, aspectos ou uma área geográfica e fenômenos específicos de dada região (...). Por fim, vêm a constituir uma quarta vertente de interesses dialetais, nessa segunda fase, os estudos específicos sobre a contribuição africana (CARDOSO, 2010, p. 137-138).

Como podemos inferir, a segunda fase foi muito significativa e prolífera, marcando, assim, o crescimento e o desenvolvimento da geolinguística nos estudos dialetais brasileiros.

Por fim, a **terceira fase** (1952-1996) que é inaugurada pelo decreto de nº 30.643, de 20 de março de 1952, o qual objetivava a fundação da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa e que teria por finalidade a elaboração do Atlas linguístico do Brasil. Nesse período, destacam-se alguns nomes como: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Na ótica de Suzana Cardoso (2010):

A terceira fase da história dos estudos dialetais tem, assim, como marca identificadora o começo dos estudos sistemáticos no campo da geografia linguística. Não ficam, porém, ausentes, desse período, estudos de natureza teórica, a produção de léxicos regionais e de glossários, bem como a

elaboração de monografias sobre regiões diversas (CARDOSO, 2010, p. 141).

Como é possível notarmos, trata-se de um período de maior rigor científico e precisão metodológica. Essa fase é concluída em 1996, ano em que é principiado o *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, que na perspectiva de Mota e Cardoso (2013) é o que delimita o início da quarta fase da história dos estudos dialetais brasileiros. Com isso, observamos que assim como ocorreu com a divisão de Nascentes (1952), ocorreu também com a de Ferreira e Cardoso (1994), e isso é próprio do fazer científico, uma vez que “os passos da história determinam e delimitam novos momentos” (CARDOSO, 2010, p. 142).

Face ao percurso que traçamos, podemos dizer que a Dialectologia vem ganhando cada vez mais espaço e força no Brasil. Atestamos, através das exposições feitas, que ela não se limita ao atlas linguístico, como bem asseverou Rossi (1967). Os estudos dialetais se mantêm objetivos e produtivos, à medida em que adquirem novos desdobramentos e buscam compreender suas interfaces com outras áreas de conhecimento. Portanto, “a dialectologia no Brasil está, de fato, não só viva, mas operante” (CARDOSO, 2010, p. 12).

1.3.2 SOCIOLINGÜÍSTICA

A finalidade desta seção é apresentar alguns aspectos relacionados à Sociolinguística, ramo da Linguística que busca analisar a relação existente entre língua e sociedade. As discussões aqui apresentadas fazem-se necessárias, pois este estudo objetiva analisar por uma perspectiva geo-socio-etnolinguística as variedades da língua em um *corpus* literário.

É importante destacarmos que os estudos sociolinguísticos ancoram-se nas variedades da língua, isso significa dizer que a Sociolinguística não só reconhece o caráter heterogêneo da língua, como também fornece fundamentos para a sua investigação. Sobre isso Cezario e Votre (2018) dissertam:

A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística [...] Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável (CEZARIO E VOTRE, 2018, p. 141).

Em acréscimo, podemos afirmar que independentemente da língua que estejamos analisando, seja na modalidade escrita ou falada, esta apresentará variações. Pois é algo próprio da língua, das necessidades dos falantes que a usam. Logo, “a língua é um todo homogêneo, composto de partes heterogêneas, que, reunidas, constitui a estrutura desse todo. O princípio da variedade na unidade é uma realidade que não se pode desconhecer” (ARAGÃO, 2004, p. 1710).

Para uma maior delimitação da área de estudo aqui apresentada, é relevante pontuar a distinção entre Sociolinguística e Sociologia da linguagem para, assim, evitar posteriores confusões, já que ambas constituem o mesmo objeto de estudo: a linguagem. Embora seja por abordagens diferentes. Vejamos:

Se o objeto de estudo é a linguagem, se o que se estuda é a linguagem mesma, as diferenças linguísticas em relação a estratificação social, que se faz é sociolinguística propriamente dita ou “linguística socióloga”, para a qual a sociologia é somente disciplina auxiliar, no sentido de que as categorias desta são apenas utilizadas como base de referência. Se, ao contrário, o objeto de estudo é o contexto social, as relações sociais como tais, se se comprova quem fala um tipo de linguagem x (que não se estuda como tal) e quando o fala e, portanto, se examina o “status” desse tipo x na comunidade (ou seja, este mesmo tipo como atributo de tal ou qual categoria social), se faz sociologia da linguagem, disciplina para a qual a linguística é somente auxiliar, enquanto identificar os tipos de linguagem a considerar (COSERIU, 1987, p. 35).

Como podemos atestar através das explicações de Coseriu (1987), a Sociolinguística se interessa em investigar a diversidade da língua levando em consideração os estratos sociais. Assim sendo, a Sociolinguística se trata de uma disciplina linguística, não sociológica.

Os estudos sociolinguísticos, desse modo, estão assentados na variabilidade da língua. Dessa maneira, sua finalidade consiste, basicamente, em levantar as variáveis linguísticas que estão intrinsicamente relacionadas aos fatores diastráticos/sociais (escolaridade, sexo, idade, etnia etc.). Neste cerne, Calvet (2002) explica o que é variável linguística:

Temos pois variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social [...]. Uma descrição sociolinguística consiste precisamente em pesquisar esse tipo de correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais efetuando sistematicamente triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos significativos (CALVET, 2002, p. 102-103).

Com isso, percebemos que é de interesse dos fundamentos sociolinguísticos circunscrever e examinar, de modo aprofundado, as relações entre língua-sociedade e os estratos sociais. Nessa conjuntura, Coseriu (1987) apresenta o objeto da Sociolinguística:

O plano do falar em geral é também o plano no qual se estabelecem os fundamentos racionais da sociolinguística [...]. O objeto da Sociolinguística como disciplina descritiva no plano universal é o grau do conhecimento e utilização das normas gerais do falar em relação com a estrutura sócio-cultural das comunidades. Mas, como o que se fala é sempre uma língua, a correlação só pode estabelecer-se para o mesmo conhecimento da língua considerada (COSERIU, 1987, p. 29).

Face às discussões de Coseriu (1987), depreendemos que o dinamismo e a volatilidade são inerentes a qualquer língua viva. Em razão disso é que,

A sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais às comunidades maiores. Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade (MOLLICA, 2008, p. 10).

Foi, portanto, nesse ínterim que surgiu a Sociolinguística na década de 60. Seu nascimento partiu da necessidade de estudar e explicar como ocorre o fenômeno da variação linguística, em outras palavras, como os principais fatores linguísticos e extralinguísticos contribuem para a sua ocorrência.

Desse modo, percebemos que a Sociolinguística, desde os seus primórdios, buscava investigar o valor social concernente às diversas formas de falar. Isso porque, ao conceber a variação como seu objeto de estudo, a Sociolinguística considera-a como uma ocorrência natural e universal, suscetível de ser analisada cientificamente.

É pertinente dizer, ainda, que naquele período, a Sociolinguística nasceu para preencher uma lacuna nas pesquisas linguísticas, visto que muitos estudiosos estavam insatisfeitos por não existir, até então, uma teoria que investigasse a realização da língua e de suas diversas manifestações. A busca para preencher esse hiato resultou no advento da teoria da variação.

O termo “sociolinguística” surge pela primeira vez na década de 1950, mas se desenvolve como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, especialmente com os trabalhos de Labov, bem como os de Gumperz e Dell Hymes e a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Bright. Na conferência, o autor afirma que o escopo da sociolinguística está na demonstração de que existe uma sistemática

covariação entre a estrutura linguística e a estrutura social (CEZARIO E VOTRE, 2018, p. 146).

Nesse contexto, o linguista William Labov ganha destaque ao propor um novo olhar nas bases teóricas e metodológicas do estudo da língua em sua situação real de comunicação. Em seus estudos, Labov dá ênfase aos fenômenos da variação e da mudança linguística, consolidando-se, assim, como o precursor da corrente sociolinguística variacionista.

Labov (tal qual Saussure) vê a linguística como uma ciência do social; dessa forma, a sociolinguística equivale à linguística com ênfase na atenção às variáveis de natureza extralinguística. Assim como a etnolinguística e a psicolinguística, a sociolinguística veio preencher um vazio deixado pelo gerativismo, que considera objetivo legítimo de estudo apenas o aspecto interior das línguas e a competência linguística. Dessa forma, as novas disciplinas vêm priorizar os fatores sociais, culturais e psíquicos que interagem na linguagem. (...) Labov demonstrou que a mudança linguística é impossível de ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, pois pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua (CEZARIO E VOTRE, 2018, p. 146-147).

Como podemos observar, com o enfoque sociolinguístico, a variação linguística passa a ser descrita e analisada como um fenômeno integrante do sistema linguístico que sofre alterações influenciadas por agentes estruturais e sociais. Coelho et al (2010), de modo sumário, apresentam-nos a abordagem Labovina. Observemos:

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação (COELHO et al, 2010, p. 22).

Nessa direção, é possível atestarmos que à luz da perspectiva sociolinguística, a língua é concebida e estudada como um objeto de interação social, em outras palavras, a língua acompanha e reproduz tudo aquilo que ocorre no seio da comunidade que a usa. Logo, se a língua representa a comunidade linguística que dela faz uso, é inegável, então, o seu caráter heterogêneo e variável.

Por esse ângulo, Bagno (2007) afirma:

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para o sociolinguista, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada (BAGNO, 2007, p. 38).

Assim sendo, em virtude desse elo indissociável entres os polos linguístico e social é que, atualmente, os estudos da teoria da variação buscam descortinar questões relativas à heterogeneidade linguística, ao planejamento linguístico, ao bilinguismo, à mudança linguística, ao preconceito linguístico, entre outros igualmente significativos.

Com isso, depreendemos que a comunidade de fala é o elemento fundamental na interação linguística-social, cabendo, assim, à Sociolinguística analisar e descrever os fenômenos que dela se originam. Acerca da definição da comunidade de fala, Labov (2008, p. 188) esclarece: “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas, ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. O teórico assevera, ainda, para o fato de mesmo que existiam variedade na língua, os falantes compartilham das mesmas regras gramaticais: “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 2008, p. 225).

Sobre o fundamento adotado por Labov (2008) para definir comunidade de fala, Coelho et al (2010) tecem as seguintes ponderações:

O principal critério laboviano para definir comunidade de fala não é o uso linguístico compartilhado pelos falantes, mas suas atitudes semelhantes diante dos fatos linguísticos. Nesse caso, é preciso considerar que a uniformidade das normas compartilhadas pelo grupo ocorre quando a variável linguística possui marcas sociais evidentes aos falantes. Isso significa que eles devem ter consciência desses usos e ser capazes de emitir juízos de valores sobre as formas linguísticas variáveis (COELHO et al, 2010, p. 37-38).

Dito de outra forma, os falantes de uma língua, desde os analfabetos até os escritores renomados pela crítica, possuem competência linguística, ou seja, o conhecimento tácito que rege o sistema da linguagem humana. Assim sendo, os falantes são os principais responsáveis por evocar mudanças na língua, não podendo, entretanto, criar agramaticalidades, isto é, construções linguísticas que fujam do entendimento de outros falantes da mesma língua. Vale ressaltar que, não é o conhecimento de regras gramaticais que os orienta no processo de criação e recriação, mas a sua faculdade da linguagem.

Logo, a língua enquanto entidade, isto é, corpo que abriga as várias realizações possíveis e à disposição da comunidade de fala, irá variar em todos os seus níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático. Todavia, as

variações não são arbitrárias, todas elas são ordenadas. Não por gramáticas, mas pela competência linguística que todo falante possui.

Sobre isso, Bagno (2007, p. 40) pontua: “A variação não é aleatória, fortuita, caótica – muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diversos fatores”. O fato de a variação linguística ser ordenada está relacionado à estrutura e à organização própria do sistema linguístico, pois “é impossível desrespeitar as regras da língua, simplesmente porque é impossível falar sem obedecer regras linguísticas” (BAGNO, 2007, p. 42-43).

Para um melhor entendimento, vejamos o que Bagno (2007) explana no que concerne à heterogeneidade ordenada:

A heterogeneidade ordenada tem a ver, então, com essa característica fascinante da língua: o fato dela ser altamente estruturada, de ser um sistema organizado e, sobretudo, um sistema que possibilita a expressão de um mesmo conteúdo informacional através de regras diferentes, todas igualmente lógicas e com conferência funcional. E mais fascinante ainda: um sistema que nunca está pronto, que o tempo todo se renova, se recompõe, se reestrutura, sem todavia nunca deixar de proporcionar aos falantes todos os elementos necessários para a sua plena interação social e cultural (BAGNO, 2007, p. 43).

Face ao exposto, entendemos que é de competência do sociolinguista variacionista investigar as ocorrências linguísticas que se realizam à luz de diferentes motivações sociais, em outras palavras, os chamados fatores extralinguísticos. Coelho et al (2010), concisamente, atestam o fato de todos os falantes de uma língua estarem inseridos em estratos sociais, os quais eles nomeiam células sociais. Atentemos:

Na teoria laboviana, o indivíduo é um ser estratificado, isto é, um tipo social caracterizado por um conjunto de fatores: sexo, idade, escolaridade, profissão etc. Assim, interessa menos ao pesquisador sociolinguista se o informante que fornece os dados é João, Maria ou José; o que interessa mais é identificar o tipo social: indivíduo do sexo masculino, situado na faixa etária de 26 a 40 anos, com grau de escolaridade correspondente ao Ensino Médio, nascido e residente na zona urbana da cidade tal; ou indivíduo do sexo feminino, com idade entre 15 e 25 anos, com nível de escolaridade fundamental, nascido e residente na zona rural da cidade tal. Em outras palavras, os indivíduos são identificados por pertencerem a determinadas **células sociais** (COELHO et al, 2010, p. 38-39).

Neste cerne, compreendemos que a Sociolinguística, enquanto ciência da linguagem, buscará descrever e analisar a atuação linguística de indivíduos inseridos nos diversos contextos de comunidade de fala, ou melhor, aos elementos extralinguísticos nos quais estiverem vinculados, tais quais: origem geográfica, status socioeconômico, faixa etária,

grau de escolarização, gênero, mercado de trabalho, entre outros. É nessa linha de raciocínio que Coseriu (1987, p. 5) afirma que a Sociolinguística é traduzida como o “estudo da variedade e da variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades falantes”.

É esse o olhar que a vertente sociolinguista adota ao analisar a heterogeneidade linguística, um olhar indagativo e explorador. Uma vez que a variação não pode ser concebida como mero acidente, irrelevante ou até mesmo marginal, ela é imanente à própria língua. Assim sendo, um pesquisador sociolinguista ao debruçar-se com dados reais, buscará identificar os mecanismos que regulam a variação, ou seja, aquilo que contribui para a sua ocorrência no sistema linguístico.

A este respeito, a pesquisadora brasileira Maria Cecilia Mollica (2008, p. 11) argumenta:

Cabe à sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origem e níveis diversos (MOLLICA, 2008, p. 11).

Nesse contexto, podemos dizer que a Sociolinguística, enquanto disciplina científica, revela-se de natureza interdisciplinar. Visto que sua abordagem teórico-metodológica está correlacionada, veementemente, às perspectivas linguístico e social. Nesse prisma, Coseriu (1987) evidencia que as variedades da língua, nos estudos sociolinguísticos, são descritas e analisadas por diferentes ângulos: o diatópico, o diastrático e o diafásico. Segundo o estudioso:

No plano histórico a variedade da língua apresenta três grandes tipos de diferenças e, no sentido contrário à diferenciação, três tipos de unidades: diferenças no espaço geográfico ou diatópicas, diferenças entre as camadas sócio-culturais ou diastráticas e diferenças de modalidade expressiva segundo as circunstâncias permanentes ou ocasionadas do falar, ou diferenças diafásicas; e unidades sintópicas (ou “dialetos”), unidades sinstráticas (ou “níveis da língua”) e unidades sinfásicas (ou “estilos de língua”) (COSERIU, 1987, p. 29).

Como podemos atestar, o limiar entre a Sociolinguística (ramo da linguagem que estuda a relação entre língua e sociedade), a Dialetoлогия (ciência que investiga a relação língua e espaço geográfico) e a Etnolinguística (campo disciplinar que analisa a língua como atualização da cultura) é bastante adjacente.

Perante o exposto, para um melhor entendimento, julgamos pertinente distinguir algumas terminologias comumente usadas nos estudos sociolinguísticos, a saber: variação, variedade, variável e variante. De forma didática, com base nos pressupostos de Marcos Bagno (2007), apresentamos no quadro abaixo as quatro classificações. Vejamos:

Tabela 4 – Classificação das terminologias sociolinguísticas

TERMINOLOGIA	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
Variação	São aquelas que ocorrem em todos os níveis da língua influenciadas por um conjunto de fatores sociais.	diatópica, diastrática, diafásica, diacrônica etc.
Variedade	É um dos muitos modos de falar de uma língua.	O “você” ao invés do “tu” como pronome de 2ª pessoa.
Variável	Diz respeito a alguma regra da língua que se realiza de diferentes maneiras.	A variável (r) no final das palavras.
Variante	Variante é cada uma das realizações possíveis de uma variável.	Variantes da variável (r) no final das palavras: vibrante simples, retroflexa, zero etc.

Fonte: Elaborada pela autora

Diante disso, fica notório que toda língua engloba um grande acervo de diversidades e pluralismos. Isso é legítimo, uma vez que toda e qualquer língua é heterogênea por natureza. Até porque “uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada só pode apresentar uma língua igualmente dinâmica e multifacetada” (BAGNO, 2007, p. 73).

Assim, podemos afirmar que estudar o sistema linguístico de forma isolada seria um erro, visto que, como vimos, as variedades da língua buscam atender às necessidades das comunidades linguísticas que delas fazem uso. Por esse ângulo, é que acreditamos ser de importante construir um estudo que leve em consideração as composições que tecem esse sistema vivo e mutável que é a língua, a saber: o social, o cultural, o estilístico e o geográfico. Neste cerne, Bagno (2008) endossa:

Não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta”, que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade

dos seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares (BAGNO, 2008, p. 47-48).

Nessa direção, é assertivo dizer que as diversidades linguísticas são repletas de originalidade, uma vez que são constituídas da volatilidade própria do sistema estrutural (linguístico) e social (extralinguístico). Assim sendo, constituem-se, também, enquanto identidade cultural dos sujeitos que delas fazem uso.

Logo, aos nos debruçarmos na investigação desse tipo de objeto de estudo, não estamos, somente, dando nossa contribuição às pesquisas sociolinguísticas. Estamos, também, registrando o estado da língua no presente, no hoje e no agora. Além do mais, não se trata de apenas registrar os tipos de linguagem utilizadas por um dado povo, mas, acima de tudo, é um documento que reflete sua cultura, suas origens, seus modos de viver e pensar, enfim, suas identidades.

A estudiosa Irandé Antunes (2009) explana, de forma elucidativa, que a língua é esse espelho que reflete sua gente. Atentemos:

Nossa língua nos deixa ver de onde somos. De certa forma, ela nos apresenta aos outros. Mostra a que grupo pertencemos. É uma espécie de atestado de nossas identidades. Revelamo-nos pela fala. Começamos a dizer-nos por ela. Simplesmente pela forma, pelos sons, pela entonação, pelo jeito que falamos. Antes mesmo que nos revelemos pelas coisas que dizemos. As ideias, se dizem de nós, só vem depois do que disseram nosso sotaque, nossas escolhas lexicais e opções sintáticas (ANTUNES, 2009, p. 96).

Nessa perspectiva, concebemos que a construção de um glossário, como o proposto neste estudo, não se reduz a uma mera lista de palavras com suas definições. Vai além disso, trata-se da descrição e da análise da correlação língua-cultura-sociedade. E, sobretudo, é uma forma de manter viva as variedades da língua, de valorizar nossos escritores regionalistas e, também, de enaltecer a rica diversidade que há em nossas regiões multiculturais. Portanto, a construção de um glossário léxico-semântico da linguagem regional-popular contribui, veementemente, para o resgate e preservação do patrimônio linguístico-cultural brasileiro.

1.3.3 ETNOLINGUÍSTICA

A Etnolinguística, também conhecida por Linguística antropológica ou Antropologia linguística, germinou a partir do século XIX, tendo como precursores o antropólogo Franz Boas e o seu discípulo Edward Sapir. De modo geral, a Etnolinguística propõe-se a analisar as relações existentes entre língua e cultura.

Nas palavras de Coseriu (1987), a Etnolinguística pode ser entendida como:

O estudo dos fatos de uma língua enquanto motivados pelos “saberes” (ideias, crenças, concepções, ideologias) acerca das “coisas”, portanto, também acerca da estratificação social das comunidades e acerca da linguagem mesma enquanto fato “real” (COSERIU, 1987, p. 46).

Na mesma perspectiva, Lima Barreto (2010) tece as seguintes considerações:

A etnolinguística abrange domínios tanto da linguística quanto da antropologia, por isso não é disciplina isolada e autônoma. Ela se preocupa em investigar os relacionamentos entre língua e visão de mundo, a partir do contexto em que a língua é produzida, analisando a sua adaptação a este contexto e seu poder de expressão. Através dela, é possível perceber de que forma a visão de mundo de um grupo está relacionada às suas experiências, bem como se verifica a influência da cultura no léxico e na gramática de uma língua, de acordo com as atividades, sua estrutura social e o ambiente geográfico (LIMA BARRETO, 2010, s/p).

Partindo dessas definições, podemos dizer que a Etnolinguística é o estudo da linguagem associado ao ambiente cultural no qual os atos de fala são produzidos, isso quer dizer, nas situações em que a língua está em uso. Em outras palavras, os estudos etnolinguísticos buscam investigar os aspectos linguísticos que estão relacionados à identidade étnico-cultural dos falantes.

Levando em consideração que a teoria etnolinguística investiga o elo entre língua e cultura, julgamos pertinente apresentar, também, a definição desta última para uma melhor elucidação. Observemos o que diz Cascudo (1983):

A cultura é a capacidade que o indivíduo tem de se adaptar ao grupo em que está inserido. É a maneira de se expressar os valores e as crenças que os membros desse grupo partilham. Para tanto, são usados valores que se manifestam por símbolos, como mitos, rituais, histórias, lendas e uma linguagem, ou ainda a forma de pensar, agir e tomar decisões. Assim cultura é algo muito importante inscrito nas estruturas sociais, na história, no inconsciente, na experiência vivida (CASCUDO, 1983, p. 678).

Logo, entendemos que todos os fenômenos da linguagem são permeados de cultura e, conseqüentemente, de seus elementos. Isso é possível e evidente, uma vez que a linguagem, além de ser um meio de comunicação, é, também, um instrumento do qual o homem se utiliza para acessar e explorar o universo cultural.

Nesta direção, é notória uma estreita ligação – podemos até dizer, uma interdisciplinaridade – entre a Etnolinguística e outras disciplinas que objetivam estudar a tríade língua-cultura-sociedade. A título de exemplificação, podemos citar a Dialetologia, a Sociolinguística, a Etnografia, a Antropologia, entre outras. Contudo, é pertinente salientar que embora tais disciplinas científicas compartilhem do mesmo objeto de pesquisa, cada uma delas possui técnicas e métodos específicos.

A este respeito, Lima Barreto (2010) assevera:

Diversas ciências (ramificações da linguística) procuram estabelecer relações com a Linguística: a Psicolinguística, a Sociolinguística, a Antropolinguística, a Etnolinguística, etc. Esta última procura estabelecer relação entre a língua e cultura. A linguagem característica universal do homem, é eminentemente social, estando intimamente relacionada com a cultura. Através dela, todas as concepções do mundo são levadas ao homem (LIMA BARRETO, 2010, s/p).

Assim sendo, acreditamos que os princípios teórico-metodológicos da Etnolinguística estão concentrados nos variados usos linguísticos inseridos nos contextos socioculturais. Assim, inferimos que o interesse da Etnolinguística é circunscrito por tais contextos, haja vista que os fenômenos da linguagem sempre estarão situados num dado ambiente, sendo influenciados por diversos fatores individuais e coletivos, intrínsecos e extrínsecos à língua.

É, pois, nessa direção que o estudo da cultura e de seus desdobramentos no âmbito linguístico é realizável e pertinente, visto que a língua, em seus diversos cenários, é permeada de hábitos, costumes, valores e saberes. E, isso é notório, na medida em que, como sabemos, o falante é um ser social e histórico.

Logo, é na e pela atividade verbal que os elementos relacionados ao coletivo, como ideologias e visões de mundo, são revelados. Assim sendo, entendemos que a língua é um patrimônio cultural e social e, por esse motivo, ela constitui uma relação íntima com a cultura, ratificando, assim, o que Laraia (1986, p. 53) diz: “a linguagem humana é produto da cultura”.

Acerca da concepção da linguagem enquanto produto e condição da cultura, o antropólogo Claude Lévi-Strauss (2003) pontua:

Pode-se, inicialmente, tratar a linguagem como um produto de cultura: uma língua, em uso numa sociedade, reflete a cultura geral da população. Mas num outro sentido, a linguagem é uma parte da cultura; constitui um de

seus elementos, dentre outros. (...) pode-se tratar a linguagem como condição da cultura, e por duplo motivo: diacrônico, visto que é sobretudo através da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo; instrui-se, educa-se a criança pela palavra; ralha-se com ela, lisonjeia-se com as palavras. Situando-se de um ponto de vista mais teórico, a linguagem aparece também como condição de cultura, na medida em que esta última possui uma arquitetura similar a linguagem. Ambas se edificam por meio de oposição e correlações, isto é, de relações lógicas. Tanto que se pode considerar a linguagem como um alicerce destinado a resolver as estruturas às vezes mais complexas, porém do mesmo tipo que as suas, que correspondem à cultura encarada sob diferentes aspectos (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 86).

Nesse sentido, depreendemos que o fazer etnolinguístico busca revelar as interfaces da língua com relação à cultura do povo que a utiliza. Inferimos, com isso, que o enfoque etnolinguístico está centrado na premissa de que se o seio social e o ambiente geográfico influenciam os fenômenos que ocorrem na língua, logo, a cultura, enquanto marca identitária de uma comunidade, influenciará tanto quanto.

Nesse viés, concordamos com Duranti (2000, p. 21-22) quando afirma que a Etnolinguística é “o estudo da linguagem como um recurso da cultura, e da fala como uma prática social”. Com isso, fica evidente que a língua não pode ser estudada sem que se considere o seu aspecto sociocultural. Pois, “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas” (BIDERMAN, 1978, p. 80).

É, nesse ínterim, que a Etnolinguística se ocupa em pesquisar os fenômenos da linguagem como atualização da cultura. A este respeito, Coseriu (1978, p. 19) afirma que é de competência dessa ciência linguística, o estudo dos fatos de uma língua motivados pelos saberes acerca das coisas.

Em virtude de a língua ser o retrato sociocultural de um povo, sendo, portanto, testemunha deste, é que afirmamos que a língua não existe separada da cultura, pelo contrário, só há língua se existir cultura, bem como, só haverá cultura se existir sociedade. A cultura é, portanto, o meio de interação dos homens, uma vez que ela não é inata, mas sim apreendida e disseminada de geração para geração.

Frente às relações evidentes entre língua, cultura e sociedade, Aragão (2006) discorre:

A relação entre linguagem e cultura se dá em 3 sentidos diferentes: a) a linguagem é uma forma primária de cultura, do espírito criador do homem;

- b) a linguagem reflete a cultura não linguística, é atualidade da cultura, manifestar os saberes, as ideias, as crenças acerca da realidade conhecida, das realidades sociais e da própria linguagem enquanto parte da realidade;
- c) a linguagem não é só competência linguística, mas é competência extralinguística, conhecimento do mundo, saberes, ideias e crenças acerca das coisas (ARAGÃO, 2006, p. 8-9).

Dessa forma, compreendemos que não somente os fatores linguísticos, mas, sobretudo, os extralinguísticos constituem-se enquanto fios de condução para a investigação, análise e descrição dos variados fenômenos da linguagem. Isso se dá devido à forte atuação exercida pelo ambiente cultural, atuação esta que promove o surgimento das variações da língua.

Sobre isso, Lima Barreto (2010) explana:

A análise de uma língua de uma determinada comunidade, partindo dos fatos linguísticos para os fatos extralinguísticos, permite conhecer melhor a realidade social desta. Em função dos fatores extralinguísticos, podem ser explicitados vários fenômenos linguísticos, como o aparecimento de determinadas formas linguísticas (LIMA BARRETO, 2010, s/p).

Com isso, podemos afirmar que o sistema linguístico é tanto parte integrante, quanto reprodutor da cultura, esta última, por sua vez, influencia e modifica o primeiro. Em razão disso, a linguagem não pode ser entendida e/ou estudada como um componente independente do contexto, visto que “os enunciados produzidos numa determinada língua ocorrem em contexto e situações que estão culturalmente condicionadas, razão porque, no estudo do significado, o componente extralinguístico ou referente é tão relevante” (PONTES, 2001, p. 37).

Diante de tudo que foi discutido, inferimos que a Etnolinguística, desde os seus primórdios, constitui-se como um campo de estudo amplo e profícuo, buscando por meio de seu arcabouço teórico-metodológico investigar e, sucessivamente, contribuir no entendimento da relação língua e cultura. Nas palavras de Borba (1998, p. 80): “procura-se estabelecer uma identidade de relações entre fatos linguísticos e fatos culturais, ambos condicionados pelas necessidades da vida social”.

Portanto, fica notório que os estudos etnolinguísticos têm como enfoque de pesquisa os fenômenos da linguagem motivados pelo caráter cultural, isto é, pelos “saberes acerca das coisas”.

2. JESSIER QUIRINO: VIDA E OBRA

Filho de Antônio Quirino de Melo e Maria Pompéia de Araújo Melo, no trigésimo dia do mês de abril, no ano de 1954, nasce Jessier Quirino na Rainha da Borborema (Campina Grande – PB). Ainda em solo campinense, Jessier inicia o estudo das primeiras letras, passando pelo Instituto Domingos Sávio e pelo Colégio Pio XI. Mais tarde, na capital pernambucana, Quirino deu início ao curso científico. Só então em 1982, já na grande João Pessoa, ele conclui a graduação em arquitetura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No ano posterior, Jessier muda-se para Itabaiana, cidade interiorana do estado da Paraíba, nesta, por sua vez, o poeta reside até os dias atuais.

A trajetória artístico-literária de Jessier se deu por meio da apreciação da vida sertaneja e das produções artísticas de grandes escritores e declamadores da poesia matuta. Esses dois fatores constituem-se como a principal influência da carreira artística de Quirino. Inclusive, é pertinente destacar que, Jessier ganhou tanta notoriedade nesse meio que hoje mal consegue conciliar as demandas da arquitetura com a sua agenda de shows e apresentações.

Tratando de temas do cotidiano sertanejo e da vida matuta, o escritor em estudo tece uma poética nordestina com elevado grau de singularidade. Muitos estudiosos e críticos da área o definem como um artista plural, haja vista a diversidade de elementos explorados em sua expressão artística. Quirino além de ser contador de histórias e de causos é, também, escritor, compositor, declamador, humorista e artista de palco. Como podemos observar, é um vasto rol que perfila sua identidade artístico-cultural.

Desse modo, é assertivo dizer que Jessier Quirino é um dos poucos de sua geração que consegue reunir tamanha integralidade. Em outras palavras, é um artista autêntico. Ele mesmo atribui a si o rótulo (que já se transformou numa espécie de slogan) de “arquiteto por profissão, poeta por vocação e matuto por convicção”. Assim sendo, podemos afirmar que o estilo quiriniano evoca de forma criativa o que há de mais belo nas tramas da poética matuta, do gracejo nordestino, da natureza sertaneja de ser.

Entre as diversas obras publicadas pelo escritor destacam-se livros, CDs e DVDs. A obra “*Paisagem de Interior*” marca a sua estreia na literatura no ano de 1996. A partir de então, sua carreira deslanchou, culminando, posteriormente, no seu reconhecimento enquanto escritor regionalista e artista de palco. Daí em diante o poeta paraibano tornou-se

profícuo em suas produções literárias, entre elas destacam-se: “Agruras da Lata D’Água” (1998), Chapéu Mau e Lobinho Vermelho (infantil, 1998), Paisagem de Interior I e II (CDs, 1999), “Prosa Morena” (livro e CD, 2001), “Política de Pé de Muro” (2002), “Miudinha” (infantil, 2003), “Bandeira Nordestina” (livro e CD, 2006), “Berro Novo” (2009), “Papel de Bodega” (livro e CD, 2013), “Vizinhos de Grito” (DVD, 2013), “O Causo da Cobra Branca” (2018), e o mais recente, em cooperação com Bráulio Tavares, “Galos de Campina” (2018).

Foi desse modo, então, que Jessier foi ganhando espaço no meio literário, artístico, midiático e acadêmico. Com seu jeito próprio de fazer arte, o escritor reforça a cada publicação/apresentação o orgulho que tem de sua gente, de suas raízes, de sua cultura, do Nordeste brasileiro. E, assim, rompeu/rompe com o limiar do preconceito linguístico. Hoje, reconhecido notadamente pela crítica e pela sociedade, o poeta vem se apresentando em universidades, teatros, programas de rádio e de televisão. Através de sua singularidade, Quirino vem, portanto, consagrando-se como um artista plurifacetado, tornando cada dia a mais conhecida e valorizada a linguagem e a cultura regional brasileira.

Vejamos, a seguir, as considerações trazidas por alguns escritores e críticos, de renome, acerca de Jessier.

Sobre o poeta paraibano, Sivuca comenta:

Jessier Quirino é um artista absurdamente talentoso, um poeta popular da mais expressiva sensibilidade e verbo fluente. Um recitador que tem um curioso tempero para as palavras. Gosto de vê-lo solto nos versos, exercitando, suas virtudes e sua fértil imaginação (SIVUCA *apud* QUIRINO, 2009, s/p).

Gilberto Braga de Mello, ao falar de Quirino, declara:

Jessier Quirino já é “case”, ou causo – como certamente ele vai preferir. A história do arquiteto bem sucedido que fica famoso escrevendo e recitando poesia popular é um exemplo raro de um artista por graça e mérito da sua arte, ainda mais se sua arte é poesia. Mais ainda se sua poesia é matuta. No entanto, a obra de Jessier Quirino vai além do sucesso e da diversão que proporciona em recitais e leituras. Na verdade, ele renovou o que pegamos por vício chamar de poesia popular nordestina. Seus versos não têm uma métrica rígida, ou têm uma métrica própria. Sua poesia não teme ir às raias da prosa, ou sua prosa de tão musical vira poesia. Seu vocabulário resgata termos arcaicos com tanta naturalidade que os fazem soar contemporâneos, assim como termos moderníssimos são incorporados à fala matuta com um sem preconceitos que os fariam naturais até na boca da mais antiga bisavó sertaneja. [...]” (MELLO *apud* QUIRINO, 2006, s/p).

Já Gilvan Lemos quando fala de Jessier e de sua escrita expõe:

Em seus versos poéticos/populares, Jessier Quirino revela-nos o inigualável mérito de – mesmo numa área já tão explorada – não cair na vulgaridade; a maestria de recriar, com renovado humor e sensibilidade, os fatos de nossa gente interiorana, tão brasileira, tão amorável, tão autenticamente especial (LEMOS *apud* QUIRINO 2016, s/p).

Vital Farias, ao falar do escritor e intérprete, disserta:

Observador, pesquisador e, antes de tudo, poeta para entontar, como diz outro imenso poeta, Orlando Tejo, a poesia de Jessier Quirino é um misto de Zé da Luz, Quito Dias, Augusto dos Anjos, romanceiros populares, cantigas de amigos, cantigas de maldizer, cantigas de amor, cantigas de escárnio, poesia, e romance de cordel propriamente dito. (FARIAS *apud* QUIRINO, 2013, s/p).

Por fim, trazemos a exposição de Alberto da Cunha Melo que diz:

Não sei se por que já prevendo uma profunda transformação no mundo rural, em virtude da força homogeneizadora dos meios de comunicação e das novas tecnologias, Jessier Quirino, desde seu primeiro livro, vem fazendo uma espécie de etnografia poética dos valores, hábitos, utensílios e linguagem do agreste e do sertão nordestinos... Sua obra, não tenho dúvidas, além de seu valor estético, cada dia mais comprovado, vai futuramente servir como documento e testemunho de um mundo já então engolido pela voragem tecnológica. (CUNHA MELO *apud* QUIRINO, 2013, s/p).

É notória, portanto, que a produção quiriniana ganhou grandes proporções tanto no âmbito acadêmico quanto no midiático. A fecunda pluralidade do artista o tornou/torna cada vez mais singular. Jessier, portanto, destaca-se pela sua arte autêntica, mas, sobretudo, pelas suas sensibilidade e originalidade com as quais tece a poética nordestina matuta. Inclusive, faz-se relevante uma ressalva, a de que Jessier domina muito bem os recursos técnicos e estilísticos da construção poética, tais como métrica, rima, prosa, sarcasmo, humor, criações neológicas, enfim, o leque de variedades é bem ampliado, embora não tenha feito nenhum curso específico na área de Letras ou Literatura. Quirino vem, assim, atraindo o público e ganhando reconhecimento dos críticos artístico-literários.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este estudo é de natureza descritiva e qualitativa, nesse viés, alicerçamos a presente pesquisa nos pressupostos metodológicos da Lexicologia e, sobretudo, no que diz respeito à construção do glossário, pautamo-nos no arcabouço da Lexicografia e da Semântica. Buscamos, assim, realizar uma análise léxico-semântica da linguagem de Jessier Quirino, para tal, não foi preciso realizar uma pesquisa *in loco*, coletamos as informações necessárias através das obras *Agruras da lata d'água* (2016), *Paisagem de Interior* (2018) e *Galos de Campina* (2018). Desse modo, atentamo-nos em descrever e explicar a existência de fenômenos linguísticos oriundos da diversidade linguística, uma vez que temos como intuito conhecer as peculiaridades lexicais provenientes do intercâmbio língua-cultura-sociedade.

3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para a realização deste trabalho foi feito um levantamento bibliográfico em livros, artigos, dissertações e teses. Fizemos uma ampla pesquisa em fontes documentais as quais nos forneceram relevantes informações sobre as principais teorias que assentam esta tese.

Nas palavras das estudiosas Lakatos e Marconi (2001, p. 66), “a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado em livros (...) monografias, teses, dissertações e material cartográfico (...)”.

Com isso, reafirmamos que o objetivo de nossa pesquisa é revelar fenômenos linguísticos da linguagem regional utilizada pelo escritor paraibano Jessier Quirino, para tal, apoiamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos das seguintes áreas:

- **Lexicologia:** Ciência que se dedica em estudar a relação do léxico com outros sistemas linguísticos.
- **Lexicografia:** Ciência que fornece as técnicas de elaboração das obras lexicográficas, ou seja, da dicionarização do léxico.
- **Semântica:** Área do saber cujo enfoque é o estudo da significação da língua.

- **Dialetologia:** Ciência de natureza linguística, cujo objetivo é analisar as variações linguísticas que ocorrem nos diversos espaços geográficos.
- **Sociolinguística:** Área que se propõe em investigar as relações intercambiáveis entre a língua e a sociedade.
- **Etnolinguística:** Disciplina linguística que se dedica em analisar a língua como a atualização da cultura.
- **Levantamento bibliográfico da vida e obra do autor.**

3.2 UNIVERSO DE PESQUISA

O universo de nossa pesquisa é constituído, sobretudo, do estudo da linguagem regional-popular tecida na escrita literária do escritor paraibano Jessier Quirino. Para tanto, analisamos, à luz das bases teóricas já apresentadas, três obras de sua autoria, a saber: *Agruras da lata d'água* (2016), *Paisagem de Interior* (2018) e *Galos de Campina* (2018).

É válido salientar, que as obras literárias em estudo trazem a linguagem regional-popular de forma muito evidente e representativa. Elas estão dispostas da seguinte forma:

Tabela 5: Total de obras analisadas

<i>Agruras da lata d'água</i>	<i>Paisagem de Interior</i>	<i>Galos de Campina</i>
79 textos	48 textos	01 texto

Fonte: Elaborada pela autora

A motivação pela escolha das obras quirinianas se deu pelo fato de Jessier, em sua tessitura literária, expressar de forma veemente a riqueza linguística do nordeste brasileiro. É notório o afincio que o autor utiliza ao enaltecer a cultura popular da sua região, da sua gente. Nas três obras em estudo, o poeta paraibano apresenta um leque de variações linguísticas nordestinas, desde às formas vivas, isto é, em uso, àquelas que estão em fase de desaparecimento, bem como às neológicas. Enfim, a expressividade de falares regionais utilizadas pelo escritor é significativa.

3.3 SELEÇÃO DO CORPUS

O *corpus* de nossa pesquisa é formado por expressões linguísticas concebidas como regionais/populares. Tais expressões foram extraídas das produções literárias *Agruras da lata d'água* (2016), *Paisagem de Interior* (2018) e *Galos de Campina* (2018). A fim de um melhor detalhamento, cada expressão foi analisada e compreendida nas seguintes ocorrências: lexias simples, compostas, complexas e textuais.

À luz das bases teóricas da Dialetoлогия e da Sócio e Etnolinguística, procuramos reconhecer os traços culturais, regionais e populares nos diversos contextos do conjunto de obras que foi analisado, tais contextos serão utilizados, na construção do glossário, como abonações, com o intuito de esclarecer ao consulente o cenário em que aquela expressão foi utilizada.

Levando em consideração que nosso intento neste estudo é a sistematização das expressões regionais quirinianas, ou seja, a construção de um glossário de Jessier Quirino, para inferir os significados dos vocábulos levantados, consultamos dicionários da Língua Portuguesa erudita e popular.

Primeiramente, apresentaremos os da língua erudita, vejamos: *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (AB)*, *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa (AH)* e o *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras de Evanildo Bechara (EB)*. É importante destacar que nossa escolha está ancorada no reconhecimento que essas três obras lexicográficas adquiriram pelos renomados estudiosos da área. Quanto às obras lexicográficas regionais, preferimos levantar os conceitos nesses três dicionários: *Dicionário do Nordeste*, de Fred Navarro (FN), *Dicionário do Português Nordestino (Nordestinês)*, de Antônio Soares da Fonseca Junior (FJ) e o *Dicionário Popular Paraibano*, de Horácio de Almeida (HA). Faz-se importante sublinhar que, ao longo da pesquisa, utilizamos outros dicionários seja para aprofundar o entendimento de algum significado ou para esclarecer algum conceito, em casos de dúvidas.

No mais, é sabido que essa etapa da pesquisa é de extrema importância, uma vez que a consulta nas obras lexicográficas nos permite confirmar se as lexias selecionadas fazem ou não parte do domínio linguístico regional/popular. Desse modo, a verificação dos significados nos permitiu inferir e aferir, nas diversas fontes de dicionarizações, quais as expressões que apresentavam sentidos equivalentes ou diferentes daquelas dispostas na literatura quiriniana.

Além do mais, é relevante esclarecer que algumas expressões, comumente utilizadas pelo escritor, não constavam nas obras dicionarísticas. No entanto, os princípios geo-sócio-etnolinguísticos nos mostravam que essas ocorrências se tratavam de expressões regionais/populares. Nestes casos, em específico, fizemos o registro em nosso glossário, uma vez que se inserem no universo da linguagem regional, e discutimos a possibilidade de ser uma criação neológica do autor.

3.4 FICHAMENTO DO *CORPUS*

Algumas etapas, essenciais para o alcance dos resultados, foram percorridas para o levantamento e o fichamento do *corpus*, são elas:

1. Seleção da tipologia da obra lexicográfica elaborada: glossário. A escolha por construir um glossário justifica-se pelo fato de trabalharmos, nesta pesquisa, com ocorrências linguísticas no nível da fala, isto é, analisamos falares regionais em obras literárias. Acerca do glossário, Barbosa (2001, p. 41) argumenta: “o glossário deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências de um *chronos*, de um *topos*, de uma *phasis*, ou noutros termos, extraídas de um único discurso concretamente realizado.” Ainda de acordo com a autora, o glossário se encontra no nível da fala e trabalha com conjuntos manifestados em determinados textos, manifestando-se através de palavras. O glossário é, portanto, sincrônico, sintópico, sinstrático e sinfásico.
2. Leitura integral e minuciosa das três obras de Jessier Quirino, cujo objetivo foi o de identificar e selecionar as expressões ditas regionais que compõem o nosso glossário léxico semântico. O levantamento e a aferição foram feitos apoiados nas bases teóricas da Dialectologia, da Sociolinguística e da Etnolinguística.
3. Feitas as sondagens e o arrolamento das unidades lexicais, compusemos fichas lexicográficas para que, seguidamente, reuníssemos o *corpus* definitivo que compôs o glossário.

Quanto a ficha lexicográfica que utilizamos para o registro do *corpus*, fizemos uma adaptação do modelo de Silva (2007). Como podemos observar abaixo, a ficha é composta por oito campos:

1. Entrada
2. Aspectos gramaticais
3. Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas
4. Variante léxica
5. Definição final
6. Abonação
7. Remissivas
8. Notas: linguísticas e/ou enciclopédicas

A fim de realizarmos o registro das lexias, projetamos os campos da ficha do seguinte modo:

- a) **Entrada:** De acordo com Mattos (1996, p. 20), “a entrada é o elemento fundamental da obra lexicográfica e o seu conjunto caracteriza a obra de cada uma delas aparece colocada num ponto exclusivo, comumente por ordem alfabética”. Assim sendo, a entrada configura o item lexical, o qual pode ser formado por uma ou mais palavras, dependendo do tipo de lexia que se enquadre. Enfim, trata-se da lexia propriamente dita.
- b) **Aspectos gramaticais:** Trata-se dos elementos que caracterizam as classes gramaticais e lexicais. Revelam, dessa forma, informações acerca da classe lexical, do número e do gênero.
- c) **Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas:** Para verificar se a expressão regionalista, apresentada no glossário como *Entrada*, é dicionarizada ou não, realizamos consultas nos dicionários da Língua Portuguesa erudita e popular citados no item 3.3.
- d) **Variante léxica:** Nas palavras de Bagno (2007, p. 50), variante é “cada uma das formas diferentes de se dizer a mesma coisa”. Logo, registraremos

neste campo as unidades lexicais diferentes àquelas dispostas na *Entrada*, mas que possuem significados equivalentes.

- e) **Definição final:** “É o “conjunto de ‘informações’ ordenadas que se segue à entrada e que tem uma estrutura constante, corresponde a um programa e a um código de informação aplicáveis a qualquer entrada” (BARBOSA, 1989, p. 570). De modo sumário, a definição final se trata da interpretação dos significados dicionarizados, ou seja, é a aceção do item lexical após feita a análise dos conceitos agregados a este.

- f) **Abonação:** Diz respeito ao contexto no qual a expressão regional/popular se encontra na obra literária. Nas obras dicionarísticas, a abonação é utilizada para elucidar o contexto de uso ao consulente. Para tal, é feita a transcrição de um trecho da obra, seguido das indicações de fonte bibliográfica e da página.

- g) **Remissivas:** Servem para esclarecer as relações de significação e complementariedade (sinonímia, parassinonímia, hiperonímia, hiponímia) entre a lexia-entrada e outras apresentadas ao longo do glossário. Neste estudo, optamos por utilizar a remissiva Conferir (Cf.)

- h) **Notas – linguísticas ou enciclopédicas:** Notas linguísticas: São notas linguísticas registradas com base nos dicionários consultados. No glossário, elas são indicadas com a sigla NL; Notas enciclopédicas: São as que apresentam informações de natureza histórica e/ou sociocultural. Em outras palavras, as notas enciclopédicas revelam importantes informações da lexia que não estão previstas em sua definição. Em nosso glossário, utilizamos a sigla NE.

3.5 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

Quanto a análise do *corpus*, esta foi dirigida pelos objetivos definidos e hipóteses levantadas, mas, sobretudo, pela crítica, atenta e analítica das obras *Agruras da lata d'água* (2016), *Paisagem de Interior* (2018) e *Galos de Campina* (2018).

Feito o levantamento e a seleção das lexias que constituem o glossário, analisamo-las, cuidadosamente, norteando-nos pelos pressupostos teóricos que as legitimam como unidades lexicais regionais. Para tanto, alguns critérios foram adotados, a saber:

- a) Seleção dos dicionários gerais e regionais da Língua Portuguesa conforme apontado no item 3.3;
- b) Levantamento e estudo analítico das unidades lexicais regionais/populares com bases nas teorias da Dialetologia e da Sócio e Etnolinguística;
- c) Sistematização do léxico quiriniano em um glossário léxico-semântico, ou seja, faremos a listagem das lexias. Para isso, embasamo-nos nas vertentes teórico-metodológicas da Lexicologia e da Lexicografia.

É válido salientar, que as lexias que não foram encontrados os seus registros nos dicionários, concebemo-las como criações neológicas do autor e construímos definições próprias – com base no nosso entendimento e nos estudos das disciplinas já citadas –, visto que tratam de ocorrências linguísticas derivadas de palavras já existentes, sendo que em seu processo de formação sofreu influência do intercâmbio língua-cultura-sociedade, enquadrando-se, assim, no universo da linguagem regional. Portanto, tratá-la-emos como neologismos regionais.

Além do mais, é importante enfatizar que o percurso metodológico adotado foi o semasiológico, desse modo, partindo do significante para o significado. Em outras palavras, partimos de uma lexia-entrada e à sua frente está a sua definição. Quanto a tipologia da obra lexicográfica, trata-se de um glossário, uma vez que analisamos e descrevemos o léxico particular de um escritor específico. Acerca do público-alvo, o nosso trabalho é remetido aos pesquisadores e estudiosos da área, mas, acima de tudo, à sociedade em geral. Sobre a característica informacional transmitida pelas lexias, esta é basicamente linguística, no entanto, frisamos que, há algumas notas enciclopédicas.

Por fim, destacamos que o glossário está estruturado integralmente na Língua Portuguesa, compreendendo-se, desse modo, como monolíngue. No que concerne à

quantidade de lexias, o glossário é composto por 435 entradas, organizadas em ordem alfabética.

3.6 ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO

A organização do glossário foi direcionada por meio das contribuições teórico-metodológicas da Lexicografia. Nessa perspectiva, utilizamos como referência a obra de Silva (2007), além das discussões sobre o fazer lexicográfico engendradas por Biderman (2001) e Faustich (2010).

Assim, construímos o glossário léxico-semântico do escritor Jessier Quirino, o qual, por sua vez, apresenta um leque de variedades lexicais que integram a linguagem regional/popular, especificamente do nordeste brasileiro. Sistematizamos as lexias em ordem alfabética, sempre contextualizadas com as abonações, após termos feito o estudo analítico de cada uma delas, bem como a verificação dos seus significados nos dicionários gerais e regionais da Língua Portuguesa.

3.6.1 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS ITENS LEXICAIS DO GLOSSÁRIO

O glossário léxico-semântico da Linguagem regional/popular de Jessier Quirino está estruturado conforme os preceitos lexicográficos e tem como entrada:

- a) Quatro tipos de lexias: simples, compostas, complexas e textuais que fazem parte da linguagem regional/popular;
- b) Lexias, dicionarizadas ou não dicionarizadas, que caracterizem a heterogeneidade da língua em seus aspectos geo-sócio-etnolinguísticos: variações diatópicas, diastráticas e diafásicas;
- c) Lexias arcaicas (variação diacrônica), desde que façam parte do universo regional/popular;
- d) Lexias neológicas, desde que se enquadrem na linguagem regional/popular.

3.6.2 ORGANIZAÇÃO INTERNA DO GLOSSÁRIO

Quanto a organização interna do glossário, utilizamos três paradigmas estruturais: a macroestrutura, a microestrutura e o sistema de remissivas, também conceituado de médioestrutura.

3.6.2.1 A MACROESTRUTURA

- **Nas entradas:** A ordem das entradas é a alfassistemática, sendo assim, pautada em um sistema conceitual. Sobre a apresentação da macroestrutura, organizamo-la em ordem alfabética contínua. Além disso, a lexia-entrada está disposta em caixa alta, negrito, fonte *Times New Roman* – 12. Para verbetes que apresentam dois ou mais significados, foram abertas correspondentes.

Segue abaixo as lexias que estão com entradas independentes:

- **Lexias polissêmicas:** São aquelas que apresentam duas ou mais definições para uma mesma unidade lexical. Em nosso glossário, as variadas conceituações estão sinalizadas por uma enumeração, em ordem crescente, cada uma com a sua entrada;
- **Lexias sinonímicas:** Levando em consideração o fato dos estudos apontarem a ausência de sinônimos perfeitos na Língua Portuguesa, as lexias sinonímicas são as menos frequentes. Todavia, de modo geral, são aquelas que apresentam uma mesma definição ou um mesmo campo de conceptualização.
- **Dos aspectos gramaticais:** Referem-se às informações linguísticas que indicam a categoria lexical (substantivo, adjetivo e verbo) e a categoria gramatical (gênero e número) da lexia-entrada. Os aspectos gramaticais são representados pelas seguintes abreviaturas em letra itálica:
V. – verbo;
S. – substantivo
Adj. – adjetivo;
Prep. – preposição;
Exp. – Expressão;
Interj. – Interjeição;

Loc. Subst. – Locução Substantiva;

Loc. Adj. – Locução Adjetiva;

Loc. Adv. – Locução Adverbial.

f. – feminino

m. – masculino

É importante destacar que as demais categorias gramaticais foram registradas por, apenas, *exp.* (expressão).

- **Indicações de dicionarização ou não dicionarização:**

Para verificar se uma lexia é ou não dicionarizada, consultamo-la em dicionários gerais e regionais citados no item 3.3. A indicação de dicionarização das lexias é apontada por meio das seguintes legendas:

-LND = Lexia não dicionarizada.

-LSDAE = Lexia simples, dicionarizada com acepção equivalente

-LSDAD = Lexia simples, dicionarizada com acepção diferente.

-LCPDAE = Lexia composta, dicionarizada com acepção equivalente.

-LCPDAD = Lexia composta, dicionarizada com acepção diferente.

-LCXDAE = Lexia complexa, dicionarizada com acepção equivalente.

-LCXDAD = Lexia complexa, dicionarizada com acepção diferente.

- LTDAE = Lexia textual, dicionarizada com acepção equivalente.

- LTDAD = Lexia textual, dicionarizada com acepção diferente.

- **As variantes léxicas:** É concernente às variantes encontradas nas obras de referência. Apresentam-se em minúsculo e itálico, sob a indicação Var.
- **Definição final:** Para a definição final, formulamos acepções às lexias conforme a interpretação dos seus significados nas obras literárias.
- **No quesito abonação:** É o trecho do *corpus* em que foi encontrada a lexia. Estruturamos as abonações entre aspas, negrito, com as indicações das obras em sigla, entre parênteses, seguido do número da página.

- **No item remissivas:** As remissivas aparecem em minúsculo, negrito e itálico. Elas estão registradas com a sigla Cf. (conferir), que indica a relação de uma lexia-entrada com outras do mesmo campo semântico ou conceitual (sinonímia, parassinonímia, hiperonímia-hiponímia).
- **Nas notas linguísticas ou enciclopédicas:** As notas estão sinalizadas com as indicações NL (nota linguística) ou NE (nota enciclopédica). Elas são relevantes no glossário, visto que possibilitam um conhecimento mais aprofundado dos itens lexicais. Informações como arcaísmos, neologismos, empréstimo ou expressão regional nordestina estão registradas nas notas.

3.6.2.2 A MICROESTRUTURA

A estrutura organizacional que utilizamos na microestrutura para compor o nosso glossário já foi apresentada no item 3.4 intitulado “Fichamento do *Corpus*”, em que apresentamos um modelo adaptado de ficha lexicográfica usada por Silva (2007).

Nesse viés, concebemos por microestrutura os elementos que estão dispostos horizontalmente no glossário. Nosso glossário léxico-semântico da linguagem regional-popular de Jessier Quirino apresenta, por sua vez, o modelo abaixo:

ENTRADA + aspectos gramaticais + definição + abonação + dicionarização +/- remissiva +/- variante +/- nota.

A título de exemplo:

BRUGUELO *s.m.* Criança pequena. Bebê. “Os **bruguelo** de Minarva desapareceu todo ensino, véve chêi de maruage, véve todo se bulino” (PI – p. 27). LSDAE em AH, FJ, FN e HA. LSND em AB e EB. NL: AH registra a lexia como regionalismo no nordeste brasileiro.

CALOTEIRO *adj.* 1. Refere-se à pessoa que faz dívidas e não paga. 2. Diz-se daquele que é malandro, ardiloso. “Tamo chêi dessa bostice de promessa e eleição. Dos que vem de vez em quando se rindo, estendendo a mão. Candidato a **caloteiro**, aprendiz de trapaceiro, corruto, falso e ladrão” (PI – p. 19). LSDAE em AB, EB e AH. LSND em FJ, FN e HA. NL: AH registra a lexia como uso informal da Língua Portuguesa.

4. GLOSSÁRIO QUIRINIANO: UMA ABORDAGEM LÉXICO-SEMÂNTICA

A

ABESTALHAR-SE v. Ação ou efeito de ser abestalhado, tolo, bobo. “E meu Padim Ciço ou Ciço Romão. Agora babando se **abestaltou**. Quando James Bond da maca pulou” (ALD – p. 103). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Var.: *Abestar-se*. NL: AB registra a lexia como brasileirismo.

ABESTAIADO *adj. m.* Diz-se daquele que é bobo, leso. “Inté um retrato com o peste do lado. Todo **abestaiado** me pus a tirá” (PI – p. 39). LSDAE em AB, EB, HA e FJ. LSND em AH e FN. Cf: **Abilolado**. **Abiscoitado**. Var.: *Abestalhado*. NL: AB registra a lexia como um brasileirismo.

ABILOLADO *adj. m.* Bobo. Alienado. “Abilolaste o azucrino deste povo azucrinado. Com dez Pelés de Garrincha abilolaste o driblado. Perus fazendo rodeios. Aquele rodopiado. Quatro glus-glus por um grito. Eu pito, pito e repito. Negócio de **abilolado**” (ALD – p. 78). LSDAE em AH, HA, FJ e FN. LSND em AB e EB. Cf: **Abestaiado**. **Abiscoitado**. Var.: *Abibobado*. *Abirobado*. NL: AH registra a lexia como brasileirismo de uso informal.

ABISCOITADO *adj. m.* 1. O mesmo que bobo, abestalhado. 2. Diz-se do que se assemelha ao biscoito. “Avia, Quinca, te avexa. Vai lá em Mané Bolacha. Ver se aquele **abiscoitado**. Logo cedo te despacha” (ALD – p. 126). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em AB. LSND em AH, EB e HA. Cf: **Abestaiado**. **Abilolado**. Var.: *Abistuntado*.

ABOLETAR-SE v. 1. Sentar-se, alojar-se em algum lugar. “Cumpade Mané Farofa. Faz tempo que nós não prosa. Se apei, se **abolete**. Aprume o forobosquete. Nessa velha preguiçosa” (ALD – p. 130). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN.

ACOCHADO *adj. m.* Que(m) está apertado, sufocado. “Mandei tomar no centroma. Com o meu pornofonês. Uma reca de cagólogo. Sexólogo ou putanhês. Uns doutorzim **acochado**. Me deixando acabrunhado. Com um falar arretadês” (ALD – p. 115). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

ACUADO *adj. m.* 1. Diz-se de animal que não quer andar, que está parado, que não vai adiante. 2. Constrangido, envergonhado. “O mato cheirando forte. Canteiro de bem-casado. Calça matando marreca. Um vira-lata **acuado**. Resina de catingueira. Tiro forte de roqueira. Um burro velho peado” (ALD – p. 52). LSDAE em HA, FJ e AH. LSDAD em AB e EB. LSND em FN. NL: AH registra a lexia como uso figurado.

ACUDIR v. Ir em socorro. Ajudar. “**Acóde** cadê o gás. Deu o créu lá na cozinha. O bode caiu pra trás” (PI – p. 56). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em HA, FJ e FN. NL: Trata-se de um arcaísmo.

ACUNHAR v. 1. Enfiar. Encaixar. 2. Apressar-se. 3. Transar. “**Acunho** logo a tramela nas portas da corrupção. Toco fogo na lixeira e passo de mão em mão” (PI – p. 36). LSDAE em HA. LSDAD em FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

A FERRO E FOGO *loc. adv.* 1. Diz-se de algo quando é feito com muita intensidade ou violência. 2. Diz-se de alguém quando leva tudo à sério. “Tem umas com a faca e o queijo na mão. Tem outras com a mão na frente e outra atrás. Tem umas com a pulga atrás da orelha. Que **a ferro e a fogo** rejeitam a paz. Tem umas que ficam de queijo caído. De peito lavado, de pernas pro ar. Tem uma com cara de poucos amigos. No olho da rua do seu arruar” (ALD – p. 72). LCXDAE em HA. LCXND em AH, AB, EB, FJ e FN.

AFOBAÇÃO *s. f.* Ato ou efeito de apressar-se, desesperar-se. “Sou o terror do terror e pistoleiro. Sou um poço minando a **afobação**. Papa-figo e também bicho-papão” (ALD – p. 120). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. NL: AH e AB registram a lexia como um brasileirismo.

AFOITO *adj. m.* Corajoso. Destemido. Valente. “O padre tinioso, mordido e **afoito**. Falou: - Com mentira ninguém me ilude. Foi fazer milagre lá em Hollywood. Milagre pesado maior de dezoito” (ALD – p. 104). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN.

AFOLOZAR *v.* Deixar algo ou alguém frouxo; Alargar. “Seu Quinca, da Pitombeira. Irmão de Dudé Piaba... Me disse Bento Tiquinho, **afolozou** direitinho Bibi de Mané Capixaba” (ALD – p. 151). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

AFULEIMADA *adj. f.* Valente. Irritada. “Falou que os povo pagaro pra vê. Que foi briga boa bem **afuleimada**. No bom da nutiça fez uma zoadá. Não deu quem matou e nem disse o praquê” (PI – p. 39). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

A GRANEL *loc. adj.* Em pequena quantidade/porção. “A segunda vitrine é de pão doce. É tareco, sequilho e cocorote. Broa, solda, bolacha de pacote. Bolo fofo e jáú esfarofado. Um porrete serrado e lapidado. Faz o peso prum maço de papel. Se embrulha de tudo **a granel**. E por dentro se encontra uma gaveta. Onde desembainha-se a caderneta. Do freguês pagador e mais fiel” (ALD – p. 41). LCXDAE em FJ. LCXND em AH, AB, EB, HA e FN.

ALESADO *adj. m.* Diz-se de quem é bobo, tolo, ingênuo. “(...) Tou dengoso e **alesado**. Só pensando nos amá” (PI – p. 137). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

ALGUIDAR *s. m.* Espécie de vaso de barro, geralmente utilizado para fins domésticos. “Se espalha uma colcha de mangalho: é cabresto, cangalha e é peixeira. Urupema, pilão, desnatadeira, candeeiro, cabaço e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. Alpercata, chicote e landuá. Arataca, bisaco e **alguidar**. Pé de cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez, dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar” (ALD – p. 40). LSDAE em AH, AB e FJ. LSND em EB, HA e FN.

ALMOCREVAR *v.* Ato de conduzir animais com cargas, vendendo-as de forma ambulante. “Quis também **almocrevar** na mula besta selada. Caminhos de toda sorte. Reviver velha jornada” (ALD – p. 166). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

ALPERCATA *s. f.* Sandália. “Um motorista cangueiro. Um jipe chêi de batata. Um balai de **alpercata**. Porca gorda no chiqueiro. Um camelô trambiqueiro” (PI – p. 21). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. Var.: *Alparcata. Alpergata. Alpargata. Apragata*. NL: AB registra a lexia como brasileirismo.

AMEDRONHADO *adj. m.* Temeroso. Medroso. “Já vi cabra **amedronhado** se transformar num tarado. Cavucando com proveito” (ALD – p. 131). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

AMEIGAR *v.* Ação de afagar, mimar, fazer carícias. “Um bordado de caçola que **ameiga** o coração. O gráfico de um olhar num preto e branco em retrato. Se vê num buquê do mato. Do mato do meu sertão” (ALD – p. 59). LSND em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

AMIGAR-SE *v.* Viver maritalmente. “Já Nica de Zé Pompeu tá o cão chupando manga. Trabaiô cum caronê. **Amigô-se** cum capanga. Butou gaia lá no peste. Hoje diz no Agreste q’uele tá sortando franga” (PI – p. 27). LSDAE em AB, HA e FJ. LSND em AH e FN. Var.: *Amancebar-se. Amasiar-se*.

AMOLENGAR *v.* 1. Amolecer. Soltar o corpo. 2. Apalpar. Apertar com os dedos. “Quando ela me faz uma cosquinha. Dou risada que afrouxo a suspensão. **Amolengo** o espinhaço e o coração” (ALD – p. 68). LSDAE em FJ. LSDAD em HA. LSND em AH, AB, EB e FN.

AMUADO *adj. m.* Diz-se de quem está emburrado, raivoso. “Oléro véve **amuado**. Mode a feiura da véia” (PI – p. 103). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN.

AMUNDIÇADA *adj. f.* Diz-se de quem não tem classe. Pessoa acanalhada. “Lôra toda **amundiçada**. Que nem porca atropelada. Gritava que dava dó” (PI – p. 63). LSDAE em HA e FJ, LSND em AH, AB, EB e FN.

ANÁGUA *s. f.* Saia de tecido mais fino, utilizada por baixo da roupa com o intuito de inibir a transparência ou gerar volume. “É uma peça rendosa e refinada. Modelada pros traços da viola. Não é calça, calção e nem caçola. Camisola, **anágua** ou “baby-dó”. Esse traje é dos trajes o menor. Provoqueiro, faceiro e brincalhão. Cobre o ímã do mundo com razão” (ALD – p. 68). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN.

ANCHÔ *adj. m.* Diz-se de quem é/está cheio de si. Vaidoso. Presunçoso. Convencido. “Quando o amor estonteia o meu juízo. Boto “uma” num copo de geleia. Escancaro as portas das ideias. Todo **anchô** me abasto de sorriso” (PI – p. 66). LSDAE em AH, AB, HA e FJ. LSND em EB e FN.

APAIDEGUADO *adj. m.* Que(m) é muito grande. Avantajado no tamanho. “(...) uma cuscuzeira de fundo emendado. Num pai de chiqueiro bem **apaideguado**. Irmão duma cabra de Frei Damião” (PI – p. 112). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

APEIAR *v.* Acomodar-se. Descer de montaria. “Cumpade Mané Farofa. Faz tempo que nós não prosa. Se **apei**, se abolete. Aprume o forobosquete. Nessa velha preguiçosa” (ALD – p. 130). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. NL:AH registra a lexia como brasileirismo.

APROCHEGAR-SE *v.* O mesmo que aproximar-se; ajuntar-se. “Nem Roberto que marine. Nem Santo que se **aprochegue**. Não tem dinheiro que chegue pros ternos de gabardine” (ALD – p. 135). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. NL: De acordo com FJ, a lexia é um neologismo originada da junção dos verbos “aproximar” e “chegar”.

APRUMAR-SE *v.* 1. Pôr-se reto; endireitar-se. 2. Melhorar de vida. 3. Adquirir juízo. “Prateleiras são tábuas enjambradas. Com um caibro servindo de escora. Tem também não sei qual Nossa Senhora. Com um jarrinho de louça bem do lado. Um trapézio de flandres areados. Um jirau com manteiga de latão encostado ao lado do balcão. Um caneiro embicando uma lapada. Passa as costas da mão pelas beijadas. **Se apruma** e sai dando trupicão” (ALD – p. 41). LSDAE em AH, AB e EB. LSDAD em HA. LSND em FJ e FN.

ARATACA *s. f.* 1. Armadilha para animais. 2. Diz-se de quem é muito cabeludo. “Se espalha uma colcha de mangalho: é cabresto, cangalha e é peixeira. Urupema, pilão, desnataadeira, candeeiro, cabaço e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. Alpercata, chicote e landuá. **Arataca**, bisaco e alguidar. Pé de cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez, dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar” (ALD – p. 40). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

ARENÇA *s. f.* Discussão. Bate-boca. Implicância. “Briga mode os desgoverno. briga por religião. **Arenga** mode as riqueza. Mode os tanto de canhão” (PI – p. 49). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como brasileirismo.

ARENGAR *v.* Discutir. Brigar. Trocar palavras. “Escuto o choro dos meninos **arengando**. Só tem doze se criando e a tudinho eu quero bem” (PI – p. 171). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN.

ARENGUEIRO *adj. m.* Diz-se de quem é rixento, desunido. “Cá pra nós os brasileiro. O caba mais **arengueiro**. Foi um tá de Lampião” (PI – p. 49). LSDAE em AB, HA e FJ. LSND em AH, EB e FN.

ARFAÇÃO *s. f.* Ofegância. Cansaço. “Causamento intupidô. Que é morre cum peido dento. **Arfação**. Andaço e bolo (...)” (PI – p. 43). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

ARIAR *v.* Lavar. Limpar. Dar brilho. “Bebo lascando a canela. Escorregando na fruta num batente, uma matuta **ariando** uma panela. Cachorro numa cadela se livrando das predada” (PI – p. 20). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN.

ARREGO *s. m.* Ajuda. Socorro. “(...) dez freguês ruim de pagar. Um doido pedindo **arrego**. A botija de Zé Galego tem tudo que se pensar” (PI – p. 143). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

ARREMÊDO *s. m.* 1. Imitação ou reprodução de algo ou alguém. 2. Conserto. Emenda. “**Arremêdo** de loro. Sou o dedo engilhado. No sangrar do açude” (PI – p. 85). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSDAD em FN. LSND em HA.

ARRETADÊS *adj. m.* O mesmo que arretado. “Mandei tomar no centroma. Com o meu pornofonês. Uma reca de cagólogo. Sexólogo ou putanhês. Uns doutorzim acochado. Me deixando acabrunhado. Com um falar **arretadês**” (ALD – p. 115). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Cf.: **Arretado**.

ARRETADO *adj. m.* Diz-se de algo que é muito bom, excelente. “Astragildo de Medêro. Ô nomezim **arretado!**” (PI – p. 70). LSDAE em EB, HA, FJ e FN. LSND em AH e EB. Cf.: *Arretadês*. NL: EB registra a lexia como um regionalismo.

ARRUPINAR-SE *v.* Arrepiar-se; sentir medo. “Ô menina, me responda ligeiro sem engoiar: se eu, de fósforo aceso na tua pólvora encostar, se um olhar fácil de ler, o meu olhar te botar, será que tu **se arrupina**, me incrimina, recrimina e larga o pau a gritar?” (ALD – p. 43). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA.

ARUÁ *adj. m.* 1. Tolo. Bobo. Abestalhado. 2. Espécie de molusco. “Tão boquejando no mundo que o povo é tudo **aruá**. Gavião caranguejeiro é que é difícil de pegar. Bicho zero de estima faz o avoo lá por cima. Vem cá embaixo roubar” (ALD – p. 139). LSDAE em HA, FJ e FN. LSDAD em AB. LSND em AH e EB. Cf.: *Besta. Mané*. Var.: *Aruá de galocha. Boca de aruá. Besta como aruá*.

ARVOROÇO *s. m.* 1. Alteração de ânimo; agitação; gritaria. 2. Pressa; precipitação; 3. Fase do cio da fêmea animal. “Mas tive um disgosto dispois do reporte mode uma notiça que o peste deu. Falou que mataro cumpade Nêneu, pertou o meu peito, me deu um sobroço, os povo correno, foi um **arvoroço** (...)” (PI – p. 39). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em HA, FJ e FN. Var.: *alvoroço*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil e AB como brasileirismo.

AVIAR-SE *v.* Ir depressa, rapidamente. Apressar-se. Aprontar-se. “**Avia**, Quinca, te avexa. Vai lá em Mané Bolacha. Ver se aquele abiscoitado. Logo cedo te despacha” (ALD – p. 126). LSDAE em AB, EB, HA, FJ e FN. LSND em AH.

AZUCRINADO *adj. m.* Enraivecido. Perturbado. Mal humorado. “Abilolaste o azucrino deste povo **azucrinado**. Com dez Pelés de Garrincha abilolaste o driblado. Perus fazendo rodeios. Aquele rodopiado. Quatro glus-glus por um grito. Eu pito, pito e repito. Negócio de abilolado” (ALD – p. 78). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como brasileirismo.

B

BABAU *interj.* 1. Já era! Acabou-se! Foi-se! 2. Velho. Ultrapassado. 3. Mamulengo. João-redondo. “O capitão Virgulino. Baixaeguese da égua. Queria dar uma trégua. Não deu agora **ba-bau!** Tristezou num pé de pau” (ALD – p. 145). LSDAE em AH, AB e HA. LSDAD em FJ e FN. LSND em EB. NL: AH registra a lexia como informal e AB como uso familiar.

BADOCAR *v.* Caçar com badoque/baladeira. “Lavadeira batendo lentamente. Tricoline, fustão, bramante e linho. E um menino caçando passarinho. **Badocando** e pisando mansamente” (ALD – P. 54). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

BAFAFÁ *s. m.* Confusão. Discussão. Bate-boca. “Seu doutor adevogado. Eu vou logo lhe contar. Pra evitar remunheta. Um lundum, um **bafafá**. Um le-rê-rê, um fuá. Um zambê ou latumia. Um dizer de putaria. Na frente do pessuá” (ALD – p. 107). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. Cf: **Fuá. Furdunço. Fuzuê. Gongá. Quiprocó. Remunheta.** Var.: **Rolo**. NL: AH e AB registram a lexia como brasileirismo e EB como de uso coloquial.

BALACO-BACO *s. m.* Que(m) é incrível, notável, bonito. “Meu verso disse e desdisse. Ao contagiador de chanha. Pois nem a Mãe de Pantanha. Tem tanto **balaco-baco**” (ALD – p. 96). LCPND em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

BANDAS *s. f.* 1. O mesmo que direção, lado. “Vi Hitler entupigaitado nas **banda** da Alemonha. Pois comeu uma pamonha e pamonhou sem cuidado” (PI – p. 55). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN.

BANDO *s. m.* 1. Grupo de seres ou coisas. 2. Quadrilha. “Quem passou aqui quem foi pelo mundo do Sertão. Foi um **bando** de vivente de fuzil na mão (...)” (PI – p. 173). LSDAE em AH, AB e EB. LSDAD em HA. LSND em FJ e FN.

BANGUELA *s. f.* 1. Ato de descer uma ladeira com a marcha do veículo em ponto morto, isto é, desligada. 2. Pessoa desdentada. 3. Espiga de milho com grãos reduzidos. “Sou mosquito que traz febre amarela, sou espinha de peixe na garganta, sou o peso da roda da jamanta quando desce a ladeira na **banguela**... sou furada de ponta de sodela, sou aranha emboscada em sua teia, rabanada de cauda de baleia, telegrama trazendo má notícia: sou carona no carro da polícia e hospedagem gratuita na cadeia” (GC – p. 22). LSDAE em AH, EB e HA. LSDAD em AB e FJ. LSND em FN.

BAQUE *s. m.* 1. O mesmo que queda, tombo. 2. Barulho de uma queda. 3. Abalo, choque. “Já quase toda enfadada, provei lavagem de porco, aí mexeram de novo: botaram o pau na beirada. E assim, desconchavada, medi areia e cimento, carreguei muito concreto, molhado, duro e frito, sofri de peitos aberto, levei **baque**, dei peitada” (ALD – p. 48). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN.

BARRANQUEAR *v.* Ter relações sexuais. Transar. “O gandaeiro do Geba **barranqueou** Mariquinha. Já era descabçada. Mas era até direitinha” (ALD – p. 152). LSND.

BASSORA *s. f.* Objeto doméstico utilizado para varrer o chão de casas em geral. “(...) Cilostomina Fontoura que cure a cara de bruxa. Que só não tem a **bassora**” (PI – p. 105). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL¹: AH, AB e EB registram *vassoura*. NL²: Trata-se de um arcaísmo.

BATENTE *s. m.* 1. Degrau. 2. Trabalho efetivo. 3. Relevo que fica localizado em vão de porta ou janela. “Bebo lascando a canela. Escorregando na fruta num **batente**, uma matuta ariando uma panela. Cachorro numa cadela se livrando das predada” (PI – p. 20). LSDAE em HA e FJ. LSDAD em AH, AB e EB. LSND em FN.

BATER A BIÉLA *loc. v.* Morrer. Falecer. “Cumpade Coitim **bateu a biela**. Seu frêi nas estrada inriba dum Fó. Pedim defuntou-se num mêi dum forró” (PI – p. 45). LCXDAE em

FJ e FN. LCXND em AH, AB, EB e HA. Cf: **Bater as botas. Foi pro beleléu.** Var.: *Bater a caçoleta.*

BATER AS BOTAS *loc. v.* Morrer. Falecer. “Quem **bateu as bota** foi Zé Bacamarte. Findou-se de vez cumpade Zulu” (PI – p. 46). LCXDAE em HA e FJ. LCXND em AH, AB, EB e FN. Cf: **Bater a biéla. Foi pro beleléu.**

BATORÉ *adj. m.* Diz-se de indivíduo que tem baixa estatura. “(...) Pode crear que’u redigo. Lengalenguisse não ligo. Pode falar quem quiser. Se eu fosse **batoré**. Eu corria do papa-figo” (PI – p. 98). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Var.: *Tamborete de forró. Tamborete de zona. Torengo. Caga-baixinho.*

BEIÇO *s. m.* O mesmo que lábios. Boca. “Meu inglês foi pros Istêites. Nos **beiço** do Pai Tomaz. Sem catabi, sem friage. Sem oxente, sem mais-mais” (PI – p. 55). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em HA, FJ e FN.

BERADEIRO *adj. m.* Diz-se de quem é matuto; caipira. “Que **beradeiro** tapado, só negocia perdendo” (ALD – p. 118). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Cf: **Brocoió. Capiáu.**

BERÉU *s. m.* Prostíbulo. Meretrício. Cabaré. “Passar no **beréu** de Jucelino Cu de Cheque. Saber quem são aquelas trepeças” (ALD – p. 58). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA.

BESTA *adj. m.* 1. Diz-se de quem é tolo; bobo. 2. Diz-se de que é pedante; pretensioso. 3. Animal de carga. 4. Égua. “É nessa tamborilada que os **besta** vira tarado. Que madame vira quenga. Que urso vira viado. Que o mais pacato se zanga. Que generá faz munganga. Qu’ê premitido pecado” (PI – p. 79). LSDAE em HA. LSDAD em AH, AB e EB. LSND em FJ e FN. Cf.: **Aruá. Mané.**

BICUDO *adj. m.* 1. Embriagado. 2. Diz-se do que tem bico. 3. Chute violento com o bico do sapato. 4. Zangado, emburrado. 5. Pessoa fuxiqueira. “Ao bafejo de cachaça. Ao briteiro triscado. Ao ébrio, ao pinga-fogo. Ao **bicudo** e ao melado. Ao chupa-rolha, ao pinguço. Ao

compaço do soluço. E ao cachaceiro safado” (ALD – p. 85). LSDAD em AH, AB, EB, HA, FJ e FN. Cf: **Ebrioso. Melado. Triscado.**

BILOLA s. f. Pênis de tamanho reduzido. “Abilolaste as ancas das fêmeas do rebolado. Abilolaste as **bilolas**. Este membro afimosado. O psique dos poetas abilolaste ao quadrado” (ALD – p. 78). LSDAE em AH, HA, FJ e FN. LSND em AB e EB. Var.: *Biloca. Piloca. Pinta. Bilunga*. NL: AH registra a lexia como uso informal.

BILÔRA s. f. Mal-estar. Síncope. Desmaio. “Comigo não tem burdão. Nem chêpa nem atrapalho. Nem puxa-encói nem **bilôra**. Nem queixo desse trabalho. Não tem se quê nem pra quê. Nem medo de vara-pau. Nem zambê nem latumia. Nem luxo nem putaria. Nem a gota ou escambau” (ALD – p. 51). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Var.: *Biloura*.

BIMBADA s. f. O mesmo que relação sexual. “Tou com dor nos ispinhaço. Faz três mês que não amunto. É uma dô, é um cansaço. Qu’eu quaje me disconjunto. Ô dôzinha disgramada. Tou quaje sem dá **bimbada**. Sem risada e sem assunto” (PI – p. 28). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

BIONGO s. m. Casa pequena e desqualificada. Morada sem as mínimas condições. “Sou boteco, sou latada. Pé-sujo, **biongo**, bar. Eu sou o gato e sapato dos bebos desse lugar” (ALD – p. 80). LSND em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

BIRITA s. f. Cachaça. Bebida alcoólica. “Leve também uma saudade lascada da debulha do feijão. No colo da namorada. Da **birita** na quartinha. Na sombra do tijupá” (PI – p. 88). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Cf.: **Calibrina. Gramática. Gororoba. Meropeia. Quequéu**. NL: AH registra a lexia como informal, AB como brasileirismo e EB como gíria.

BIRRENTO adj. m. 1. Obstinado, teimoso. 2. Implicante, antipático. 3. Que(m) faz birra, pirraça. “A Divina inspiração me chega com este intento: apresentar para vocês um caçuá de argumentos destes dois cabras da peste, duas crias do Nordeste, encontro duro e **birrento**” (GC – p. 11). LSDAE em FJ, AH e EB. LSDAD em AB. LSND em HA e FN.

BISACO *s. m.* Espécie de mochila; saco. “Se espalha uma colcha de mangalho: é cabresto, cangalha e é peixeira. Urupema, pilão, desnatadeira, candeeiro, cabaço e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. Alpercata, chicote e landuá. Arataca, **bisaco** e alguidar. Pé de cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez, dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar” (ALD – p. 40). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

BIXIGA TABOCA *exp.* Diz-se quando está em momento de raiva ou espanto. “Eu tou ca bixiga, **bixiga taboca**. Não gosto do troncho, não gosto do certo” (ALD – p. 114). LCXDAE em FJ. LCXND em AH, AB, EB, HA e FN. Var.: *Bexiga Taboca*.

BIXIGUENTA *adj. f.* 1. Sem vergonha 2. Desgraçado. Amaldiçoado. 2. Aquele que tem bexiga (varíola). “A **bixiguenta** da Lôla laigô de mão Zé Pinote que morreu dum trupicão c’us quengo cheim de mote. A peste se infeitiçô-se por um cego endinheirado e o pobre caiu na têia (...)” (PI – p. 26). LSDAE em FN e FJ. LSDAD em AB e AH. LSND em HA e EB. Var.: *bexiguenta*.

BODEGUEIRO *adj. m.* Diz-se de quem é dono de bodega (pequena mercearia). “Bode véio de barbicha. Bisaco de caçador. Um vaqueiro aboiador. **Bodegueiro** adormecido. Isso é cagado e cuspidor paisagem de inteiror” (PI – p. 21). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Var.: *Taberneiro*.

BODOQUE *s. m.* Arma sertaneja, feita com forquilhas e elástico, utilizada para atirar pedras. “Sou mosquito fazendo chocadeira em cacimba de água estagnada, sou **bodoque** mandando uma pedrada que acerta um bebê bem na moleira... Emboscada de onça carniceira. Sou topada num prego enferrujado, urubu tocaiando um boi deitado, tempestade que assusta um jangadeiro; CPI no Congresso brasileiro, espalhando ladrão pra todo lado!” (GC – p. 36). LSDAE em AH, AB, EB, HA, FJ e FN. Var.: *atiradeira, baladeira, estilingue*.

BOFE *s. m.* O mesmo que pulmão. “Pouco mais chega os ladrão. Botando pra fora os **bofe**. Dá um puxão na estrofe. Que os versos rola no chão” (ALD – p. 132). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AH registra a lexia como informal, AB como popular e EB como uso coloquial.

BOGÓ *s. m.* 1. Vasilha de couro geralmente utilizada para tirar água do poço. 2. Borracha. “Veio o gerente do banco. Impeleítá um forró. Meia dúzia de **bogó**. E um taio de aguardente. Fragaró vinte tenente. Putanhando em Maceió” (PI – p. 96). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em HA. LSND em AH, AB e EB.

BOLEIA *s. f.* Cabine de caminhão. “(...) Parece Mané Cagão. Na fila da diarreia. Carrega na caminhonete. Uma fileira de caxete. Que vai bater na **boleia**” (PI – p. 103). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN.

BOQUEJAR *v.* Fofocar. Propagar mentiras. “Tão **boquejando** no mundo que o povo é tudo aruá. Gavião caranguejeiro é que é difícil de pegar. Bicho zero de estima faz o avou lá por cima. Vem cá embaixo roubar” (ALD – p. 139). LSDAE em AH, AB e FJ. LSND em EB, HA e FN.

BORNÁ *s. m.* Mochila. Bizaco. “O meu viver tem riquezas. Ancoreta e caçuá. Bola de meia e de gude. Broa, boró e **borná**” (ALD – p. 110). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Var.: *Bornal. Embornal*.

BORÓ *s. m.* Cigarro de péssima qualidade. “O meu viver tem riquezas. Ancoreta e caçuá. Bola de meia e de gude. Broa, **boró** e borná” (ALD – p. 110). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

BOROCOXÔ *adj. m.* Triste. Amargurado. Cabisbaixo. “Todo Paraíso dispranaviou. E Eva, evando a bestice Adão. Puxou o lesado pro mei do salão. Aí foi aí que o parzinho dançou. Adão foi ficando mei **borocoxô** quando escutou: - Os dois, tira o quincá!!!! Casal pecador nessa festa não brinca” (ALD – p. 106). LSDAE em AH, AB e FJ. LSND em EB, HA e FN. Var.: *Borocoxó*. NL: AH registra a lexia como brasileirismo de uso informal e AB como gíria.

BORREGO *s. m.* Carneiro novo. “Ser a página bem sonora dum radinho tocador. Ser a caúna cantando. Um **borreguinho** rinchando na baixa do rinchador” (ALD – p. 161). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN.

BOTIJA *s. f.* 1. Tesouro ou dinheiro enterrado. 2. Vasilhame. “(...) A **botija** de Zé Galego tem tudo que se pensar” (PI – p.142). LSDAE em HA e FJ. LSDAD em AH, AB e EB. LSND em FN.

BREBOTE *s. m.* 1. Conversa fiada. Asneira. 2. Petisco. Tira-gosto. “É bonito uma parada pra tomar um negocim. Um conversar de **brebote** com mestre Severinim” (ALD – p. 62). LSDAE em FJ. LSDAD em FN. LSND em AH, AB, EB e HA. Var.: *breboto*.

BREGUEÇO *s. m.* 1. O mesmo que coisa qualquer. Traste. Cacareco. 2. Pessoa chata, inconveniente. “Comigo não tem perreps, nem de trevés nem de frente, nem boreal nem austral. Nem rodilhando a serpente. Nem **bregueço** nem mumunha. Nem manha nem gabação. Nem coisada nem coisura. Nem frescagem nem frescura. Nem bitcho nem mermão” (ALD – p. 51). LSDAE em AH, FJ e FN. LSND em AB, EB e HA. Var.: *Breguesse*. NE: FN esclarece que o significado da segunda entrada é utilizado nos estados da BA e MG, tendo com variantes *piolho-de-cu* e *sebite*. NL: AH registra a lexia como Brasileirismo de uso informal.

BRENHA *s. f.* 1. Lugar ermo. 2. Matagal. 3. Coisa complicada. “E Lôla de João Froxó casou-se c’um batoré. Um brocoió lá das **brenha** com o nome de Nêgo Zé” (PI – p. 61). LSDAE em FJ. LSDAD em AH, AB e EB. LSND em HA e FJ.

BROCOIÓ *adj. m.* Diz-se de quem é matuto; caipira. “E Lôla de João Froxó casou-se c’um batoré. Um **brocoió** lá das brenha com o nome de Nêgo Zé” (PI – p. 61). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Cf: *Beradeiro. Capiau*.

BRUÁCA *adj. f.* Diz-se da mulher quando é velha e feia. “Quem morreu foi Itribádo. As **bruáca** tão de luto. Aqueles gôso adubado. Faz três mês que não escuto” (PI – p. 24). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AH e EB registram a lexia como uso pejorativo e AB como popular.

BRUCUTA *s. f.* 1. Expressão utilizada em momentos de espanto, admiração. 2. Furor, Raiva. “Aqui jaz um cabra macho. Galinhadô e femeeiro. Gostadozim de cachaça. Jogado e trambiqueiro. Atiradô da **brucuta**. A nenhum fela da puta negou um tiro certo” (PI – p. 64). LSDAD em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

BRUGUELIM s. m. Menino novo. Bebê. “Vira-lata e papagaio. Carroça de amolador. Fachada de toda cor. Um **bruguelim** desnutrido. Isso é cagado e cuspidor paisagem de interior” (PI – p. 21). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

BUFA s. f. Eliminação de gases intestinais. Peido. “Na farrambamba da fala dos doutor de lá pra cá. Falei do peso da **bufa**. Do talo do caruá. Do gemido do furdunço. Em tempo de azoinar. Do jumento acangalhado. De andar estropiado. E o matuto a cipoar” (ALD – p. 116). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

BUFETE s. m. O mesmo que tapa, golpe, pancada. “Aí Padre Ciço tacou-lhe um **bufete**. Pegou de surpresa Zero Zero Sete” (ALD – p. 104). LSDAE em AH e FJ. LSND em AB, EB, HA e FN. Var.: *Bofete*. NL: AH registra a lexia como informal.

BUGIGANGA s. f. Objeto de pouco valor. “Adão vendeu a costela pra gastar com **bugiganga**. Debaixo dum pé de manga. Manguei da caçola dela. Minha poncheira amarela tem ponche de acerola. Vi lima grega espanhola. Com um grego montado nela” (PI – p. 54). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. Var.: *Ninharia*.

BULIR v. 1. Mexer (se). Remexer (se). 2. Ofender mulher sexualmente. “Os bruguelo de Minarva desaprendeu todo ensino. Véve chêi de maruage. Véve todo se **bulino**” (PI – p. 27). LSDAE em AB, EB e FJ. LSDAD em HA. LSND em AH e FN. Var.: *Bolir*. NL: Trata-se de uma lexia que caiu em desuso, configurando-se, assim como um arcaísmo.

BUNDACANASCA s. f. Cambalhota feita dentro d’água. “Já virou **bundacanasca** o país da corrupção” (PI – p. 48). LCPDAE em HA, FJ e FN. LCPND em AH, AB e EB. Var.: *Bundacanástica*. *Bunda-canastra*. *Plantar bananeira*.

C

CABAÇO *s. m.* 1. Fruto do porongo. 2. Hímen. 3. Coisa nova, sem uso. “Se espalha uma colcha de mangalho: é cabresto, cangalha e é peixeira. Urupema, pilão, desnatadeira, candeeiro, **cabaço** e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. Alpercata, chicote e landuá. Arataca, bisaco e alguidar. Pé de cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez, dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar” (ALD – p. 40). LSDAE em AB. LSDAD em HA e FJ. LSND em AH, EB e FN.

CABOCA *s. f.* 1. Mulher morena, mulata. 2. Ave pequena da família dos columbídeos, conhecida popularmente por rolinha. “Bonito é cisterna cheia e o milhará penduando. Dez batalha de sossego com dez inverno passando. E o azul fino dos olhos da **caboca** me olhando” (ALD – p. 62). LSDAE em AH, AB, EB, FJ e FN. LSDAD em HA. NL: AH registra a lexia como um coloquialismo e AB como brasileirismo.

CABRA DA PESTE *s. m.* 1. Indivíduo destemido, corajoso, valente. 2. Amigo leal, pessoa boa. 3. Pessoa desqualificada, mau. “A Divina inspiração me chega com este intento: apresentar para vocês um caçuá de argumentos destes dois **cabras da peste**, duas crias do Nordeste, encontro duro e birrento” (GC – p. 11). LCPDAE em FJ e FN. LCPDAD em HA e EB. LCPND em AH e AB. Var.: *cabra-macho*, *cabra de peia*.

CABULOSO *adj. m.* 1. Complicado; confuso. 2. Que(m) tem ou dá azar; azarento. “(...) o mais **cabuloso** desse trocaiado. Foi um senador em fim de senado por três deputado e um Fe-ne-mê” (PI – p. 113). LSDAE em EB e FJ. LSDAD em AH, AB e HA. LSND em FN.

CAÇOLAS *s. f.* Vestuário íntimo femininas; Calcinha. “Às vezes na molequeira, eu verso uma garanhagem que imputa quem pariu. Mas isso sempre existiu! Só era mais complicado:

colchetes enfileirados abotoavam as **caçolas**. E por isso nem dou bolas: Sapateio na unha encravada do pudor, mas ele nem!... No frigar dos ovos, fica aquela graxa em cima do fogão. Conclusão: sou rádio de ondas curtíssimas e frequências bem moduladas.” (ALD – p. 22). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Var.: *Calçolas*. NL: De acordo com os nossos estudos, trata-se de um arcaísmo.

CAÇUÁ *s. m.* Cesto utilizado para transportar objeto, alimentos ou pequenos animais. “A Divina inspiração me chega com este intento: apresentar para vocês um **caçuá** de argumentos destes dois cabras da peste, duas crias do Nordeste, encontro duro e birrento” (GC – p. 11). LSDAE em HA, FJ, FN. LSND em AH, AB e EB.

CADÊRA *s. f.* 1. Quadris. 2. Objeto usado para sentar (se). “Adis pois de muita dança. Dô de ispinhela caída. Dô de **cadêra** duída. Panzinamento de pança” (PI – p. 42). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. Var.: *Cadeiras*.

CAGA SIBITE *s. m.* Pássaro pequeno. “É manga caída, é bagaço chupado. É uma cera de vara, é arame farpado. É tutano de vento, é o vento na rede. É pote gelado num pé de parede. É uma **caga sibite**, é tiziu, é mocó” (ALD – p. 117). LCPDAE em HA. LCPND em AH, AB, EB, FJ e FN. Var.: *Caga-sebito*.

CAIPORA *adj. m.* 1. Diz-se daquele é azarado, sem sorte. 2. Personagem folclórico brasileiro. 3. Diz-se de quem fuma cigarro em excesso; tabagista. “Esse magote fême que saíro quaje agora. São tudo quenga chifrêra, véaca e **caipora**. De todas aqui presente, as única mulé decente só era eu e a sinhora” (PI – p. 165). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSDAD em FN.

CAIXA-PREGO *s. f.* Lugar distante, longínquo. Cafundó. “Fale pra ele dessa existência bela, dos jarrinhos na janela, dos fuxico e dos xodó, já que você vai partir do Oiapoque à **caixa-prego** não esqueça esse forró” (PI – p. 89). LCPDAE em AH, EB, HA, FJ e FN. LCPND em AB. Var.: *caixa-bozó*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

CALANGUEAR *v.* 1. Andar altivamente, de cabeça erguida. 2. Balançar, zigue-zaguear. “Montada nessa sandália. Tu sabes **calanguear**. E tem mais de dez andares. O diabo do teu andar” (ALD – p. 69). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

CALIBRINA *s. f.* Cachaça. Bebida alcoólica. “À aperitividade dos bêbados. A carraspanice diária. Às meropeias da vida. À **calibrina** necessária. Ao bebível, ao potável. A tudo comemorável. Ao coquetel caneado” (ALD – p. 85). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Cf.: *Birita. Gramática. Gororoba. Meropeia. Quequéu.*

CALIFON *s. m.* O mesmo que sutiã. “– Olha o jirimum cabôco! – Olha o abacaxíí! – Brinco de menina fême! – Traíra de coco e siri! – É **califon** e caçola que tá no risco da moda! (...)” (PI – p. 117). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA. Cf.: *Corpete*. Var.: *Califone. Califom. Soutien. Corpinho. Corpete*. NL: Trata-se de um arcaísmo.

CAMARINHA *s. f.* 1. Quarto de dormir. 2. Prateleira. “Diga que Nem de Seu Dá descansou de manhãzinha. Que sofreu um piripaque na porta da **camarinha**” (ALD – p. 126). LSDAE em AB, EB, HA, FJ e FN. LSDAD em AH. NL: De acordo com os nossos estudos, trata-se de um arcaísmo.

CAMBITO *s. m.* Diz-se de perna muito fina. Canela fina. “Já tratei de tiriça das coitada das criança. Tratei de dô nos **cambito** adispois de muita dança (...)” (PI – p. 42). LSDAE em AH, AB, EB, HA, FJ e FN. Var.: *Gambito. Jocosos*.

CAMUMBEMBICE *s. f.* Referente à pobreza, à ralé. “Não basta ser governante. Transputador de quenguisse. Mauá de **camumbembice**. Defecadista ou laxante (...)” (PI – p. 99). LSND. NL: Trata-se de uma criação neológica do escritor.

CANEADO *adj. m.* Embriago. Bêbado. “Toma uma, toma duas. Enche a bitola de pau. E depois de **caneado**. Enxergando engarrafado. Bebe até frasco pintado. Com as areias de Tibau” (ALD – p. 81). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA.

CANEIRO *adj. m.* O mesmo que cachaceiro; tomador de cana. “Prateleiras são tábuas enjambradas. Com um caibro servindo de escora. Tem também não sei qual Nossa Senhora. Com um jarrinho de louça bem do lado. Um trapézio de flandres areados. Um jirau com manteiga de latão encostado ao lado do balcão. Um **caneiro** embicando uma lapada. Passa as costas da mão pelas beijadas. Se apruma e sai dando trupicão” (ALD – p. 41). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

CANGALHA *s. f.* 1. Armação de madeira colocada no lombo dos animais para transportar cargas em geral. 2. Traição; chifre. 3. Pessoa que tem as pernas em forma de arco. “Se espalha uma colcha de mangalho: é cabresto, **cangalha** e é peixeira. Urupema, pilão, desnatadeira, candeeiro, cabaço e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. Alpercata, chicote e landuá. Arataca, bisaco e alguidar. Pé de cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez, dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar” (ALD – p. 40). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSDAD em FN.

CANIGADA *adj. f.* Enfraquecida. Debilitada. “Rezo quatro Ave-Maria ao Glorioso São Gerome para que nos livre da dor (...) Nos livre da punição da saúde **canigada**. Pois a enxada na mão é melhor que mão inchada” (ALD – p. 50). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

CANGOTE *s. m.* Parte posterior do pescoço. Nuca. “Sandalinha lepo-lepo. Vestidinho bem folote. Dou-lhe um chique na cintura. Taco um cheiro no **cangote**. Vejo o corpo torneado. Morenoso e jambeado. De amor cheim de mote” (ALD – p. 66). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Var.: *cogote*. NL: AB registra a lexia como de uso popular.

CANGUEIRO *adj. m.* Diz-se de motorista quando é inábil. “Um motorista **cangueiro**. Um jipe chêi de batata. Um balai de alpercata. Porca gorda no chiqueiro. Um camelô trambiqueiro” (PI – p. 21). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

CAPIAU *adj. m.* 1. Diz-se de quem é matuto; caipira. 2. Prato típico do Piauí. “Tenho quatro fia feme. Na mira dos **capiau**. Vós já sabe como é” (ALD – p. 130). LSDAE em AH, AB e EB. LSDAD em FN. LSND em HA e FJ. Cf: **Beradeiro**. **Brocoió**. NL: AB registra a lexia como brasileirismo.

CAPCILONE *s. m.* Tampa para vedar o pito da câmara de ar do pneu. “E compre **capcilone** pro pneu da bicicleta” (ALD – p. 126). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Var.: *Capsilone*. *Capsulana*.

CAQUEADO *adj. m.* 1. Que tem trejeito, artimanha. 2. Diz-se da espiga de milho que tem poucos grãos. “E eu de Gessy Lever. Já todo ensabonetado. Banhado de vaidade. Todo chei

de **caqueado**” (ALD – p. 90). LSDAE em HA e FJ. LSDAD em FN. LSND em AH, AB e EB.

CAQUEIRA *s. f.* Vaso ou suporte para outros vasos de plantas, geralmente feito com a fibra do coco ou com barro. “Meu jumento deu um freio. Pro riba de uma **caqueira**. Sapatiei as roseira. Caí num tacho de mel. Minha sogra deu o créu. Tacou-me a mão de pilão” (ALD – p. 90). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA.

CARECER *v.* Precisar. Desejar. Necessitar. “Tu tens o corpo aluado. Tens o olhar de serpente. Tu nasceste pra modelo. Juntando assim o cabelo. Tu não **careces** de pente” (ALD – p. 69). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. NL: De acordo com os nossos estudos, trata-se de uma lexia que está em desuso, configurando-se, assim, como um arcaísmo.

CARRASPANICE *s. f.* Bebedeira. “À aperitividade dos bêbados. A **carraspanice** diária. Às meropeias da vida. À calibrina necessária. Ao bebível, ao potável. A tudo comemorável. Ao coquetel caneado” (ALD – p. 85). LSDAE em AB, EB, HA e FJ. LSND em AH e FN. Cf: **Pifão. Pileque**. Var.: *Carraspana*. NL: AB registra a lexia como de uso popular e EB como coloquialismo.

CARUÁ *s. m.* Planta. Um espécie de gravatá. “Na farrambamba da fala dos doutor de lá pra cá. Falei do peso da bufa. Do talo do **caruá**. Do gemido do furdunço. Em tempo de azoinar. Do jumento acangalhado. De andar estropiado. E o matuto a cipoar” (ALD – p. 116). LSDAE em HA e FN. LSND em AH, AB, EB e FJ. Var.: *Caroá. Crauá. Carrapicho*.

CATABI *s. m.* Solavanco. Trepidação. “Meu inglês foi pros Istêites. Nos beijo do Pai Tomaz. Sem **catabi**, sem friage. Sem oxente, sem mais-mais” (PI – p. 55). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Var.: *Catabil. Catabio*.

CATEMBA *s. f.* Restos secos da casca do coco; quenga de coco. “Piaçavice de vassoura. Num batente atijolado. Maniva de macaxeira. Um lerão bem aguado. **Catempa** velha de coco. Galinha tirando o choco. Um cabrito escabichado” (ALD – p. 53). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

CAVUCAR v. O mesmo que escavacar, escavar. “Tou pensando no homem paciente.com direito de ali nunca ter nada. Do trabalho arrastado na enxada. **Cavucando** o terroso continente. E apesar de sofrido este valente. Solta um riso risido e clareado” (ALD – p. 55). LSDAE em FJ, AH, AB e EB. LSND em HA e FN. NL: AH, AB e EB registram *cavoucar*.

CHAMBREGAR v. 1. Namorar. Transar. 2. Embriagar-se. “Fôro logo **chambregá**. E o cumpade todo puro. Sendo mulé janelêra. Sarrêra de pé de muro. Ela disse: Pinto Branco. Menino é que nem tamanco só se faz com pau bem duro” (PI – p. 157). LSDAD em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

CHANHA s. f. Coceira excessiva. Sarna. Escabiose. “Meu verso disse e desdisse. Ao contagiador de **chanha**. Pois nem a Mãe de Pantanha. Tem tanto balaco-baco” (ALD – p. 96). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA. Var.: *Xanha*.

CHAPEADO s. m. Carregador de bagagens. Carreteiro. “Pela agudissse das pontas. És corno de assenoite. Essa vida é um açoite. O **chapeado** previa. Passaram xêxo em Maria (...)” (PI – p. 96). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

CHÊI DE NOVE HORA loc. adj. 1. Diz-se de quem é cheio de artimanhas. 2. De quem está cheio de luxo. “Matuto leiteiro **chêi de nove hora**. Encosta o jumento pra se apiá. Todo labrojeiro se põe a andá” (PI – p. 108). LCXDAE em FJ. LCXDAD em HA. LCXND em AH, AB, EB e FN.

CHÊPA s. f. 1. Interrupção, corte em uma conversa. 2. Comida; Refeição. “Comigo não tem burdão. Nem **chêpa** nem atrapalho. Nem puxa-encói nem bilôra. Nem queixo desse trabalho. Não tem se quê nem pra quê. Nem medo de vara-pau. Nem zambê nem latumia. Nem luxo nem putaria. Nem a gota ou escambau” (ALD – p. 51). LSDAD em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

CHISPAR v. 1. Sair em disparada. 2. Lançar chispas. “Lampião limpou o fundo com a bata branca do bispo. Eu tando perto me **chispo** pra não ver a confusão” (ALD – 102). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. NL: AH registra a lexia como de uso informal e AB como figurado.

CHOVE NÃO MOLHA *exp.* Situação indefinida; aquilo que não se resolve. “Mas chega de lengalenga, pois o bode é que bodeja. Saio do **chove não molha**, entro no ar que troveja. Falar muito não me arrisco, deixo pra Antô Francisco. – Vou dar início à peleja!” (GC – p. 14). LCXDAE em HA, AH e EB. LCXND em FJ, FN e AB.

CIPOAR *v.* Bater em algo ou alguém com cipó. “Na farrambamba da fala dos doutor de lá pra cá. Falei do peso da bufa. Do talo do caruá. Do gemido do furdunço. Em tempo de azoinar. Do jumento acangalhado. De andar estropiado. E o matuto a **cipoar**” (ALD – p. 116). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

COLARINHO *s. m.* 1. Bolhas ou espuma branca que fica acima da bebida. 2. Parte da camisa que envolve o pescoço. Gola. “Olha a cana de pertinho. Analisa o **colarinho**. Mode ver se tá no grau” (ALD – p. 81). LSDAD em AB. LSDAE em AH, EB e HA. LSND em FJ e FN. NL: AH registra a lexia como brasileirismo de uso informal.

COM A FACA E O QUEIJO NA MÃO *exp.* Diz-se de alguém quando está em vantagem, quando tem algum poder para resolver determinadas situações. “Tem umas **com a faca e o queijo na mão**. Tem outras com a mão na frente e outra atrás. Tem umas com a pulga atrás da orelha. Que a ferro e a fogo rejeitam a paz. Tem umas que ficam de queijo caído. De peito lavado, de pernas pro ar. Tem uma com cara de poucos amigos. No olho da rua do seu arruar” (ALD – p. 72). LTND em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

COM A MÃO NA FRENTE E OUTRA ATRÁS *exp.* Sem recursos financeiros. Sem nada. Pobre. “Tem umas com a faca e o queijo na mão. Tem outras **com a mão na frente e outra atrás**. Tem umas com a pulga atrás da orelha. Que a ferro e a fogo rejeitam a paz. Tem umas que ficam de queijo caído. De peito lavado, de pernas pro ar. Tem uma com cara de poucos amigos. No olho da rua do seu arruar” (ALD – p. 72). LTND em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

COM A PULGA ATRÁS DA ORELHA *exp.* Desconfiança. Ter suspeita de algo ou alguém. “Tem umas com a faca e o queijo na mão. Tem outras com a mão na frente e outra atrás. Tem umas **com a pulga atrás da orelha**. Que a ferro e a fogo rejeitam a paz. Tem umas que ficam de queijo caído. De peito lavado, de pernas pro ar. Tem uma com cara de poucos amigos. No olho da rua do seu arruar” (ALD – p. 72). LTND em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

CONFERTO *s. m.* 1. Toda e qualquer bala de açúcar. 2. Bolas açucaradas utilizadas para decorar bolos e doces. “É bodega sortida cor de giz. Sortimento surtindo grande efeito. Meia dúzia de frascos de **confeito**. Carrossel de açúcar dos guris. Querosene se encontra nos barris. Onde a gata amamenta a gataiada. Sacaria de boca arregaçada. Gargarejo de milhos e farelos. Dois ou três tamboretas em flagelo. Pro conforto de toda freguesada” (ALD – p. 40). LSDAE em AH, HA e FJ. LSDAD em AB e EB. LSND em FN. NL: AH registra a lexia como um brasileirismo.

CONTECENÇA *s. f.* Acontecimento. Fato acontecido. “O teu cumpade Zezim pedindo logo licença. Pra fala das **contecença**. Dizer tim-tim por tim-tim” (PI – p. 24). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA. Var.: *Acontecência*.

CORPETE *s. m.* 1. O mesmo que sutiã. 2. Blusa ajustada ao corpo. “Uma dúzia de alfinete. Um xêxo de pedra-ume. Quatro saca de estrume. Dez fivela de **corpete** (...)” (PI – p. 144). LSDAE em AH, EB, HÁ, FJ e FN. LSDAD em AB. Cf.: **Califon**. Var. *Corpinho*. NL: Trata-se de uma lexia que caiu em desuso, isto é, um arcaísmo.

CORRUCHIADO *s. m.* O mesmo que chamego. “Coração por três vez pede transplante. Pra bater junto com o **corruchiado**. É pedaço de amor pra todo lado e zoada pra mais de mil berrante” (PI – p. 66). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN. Cf.: **Xodó**.

CRIVO *s.m.* 1. Prova, avaliação minuciosa. 2. Peneira de metal. 3. Cigarro. 4. Bordado que forma uma espécie de labirinto. “Não foi em qualquer esquina, nem encontro visual. Nem também de frente a frente, nem peleja virtual. Não boto peia, nem **crivo**, vem das páginas de dois livros. Dois discursos – pau a pau” (GC – p. 13). LSDAE em AH, AB e EB. LSDAD em FN. LSND em HA e FJ. NL: De acordo com Navarro (2004), crivo é sinônimo de cigarro no estado de Alagoas.

CUNHÃO *s. m.* O mesmo que testículo. “Ele morreu de avexo. C’a braguia dando um fecho. Bem no couro dos **cunhão**” (ALD – p. 150). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Var.: *Culhão*.

D

DAR FÉ *loc. verb.* Notar. Perceber. “Galope era tanto que o mar se calava. O vento soprava pro lado de lá. As onda quebrava mas bem devagar. O povo passava e nem **dava fé**” (PI – p. 147). LCXDAE em HA e FJ. LCXND em AH, AB, EB e FN.

DA GOTA *loc. adj.* Diz-se quando a coisa é muito boa ou ruim; Diz-se de algo quando é de montão. “Dá um trabalho **da gota** o cabra arrumar trabalho” (PI – 97). LCXDAE em FN. LCXND em AH, AB, EB, HA e FJ. Var.: *Da peste*.

DAR NOS CALOS *loc. verb.* Fugir. Escafeder-se. “É e nesse Nordeste tão desajulado. Que eu jangadeiro com o meu versejar. Vejo um violeiro no seu pontear. Musando uma musa que já **deu nos calo**. Enxergo um canteiro de crista de galo. Semelhante a do dito animá” (ALD – p. 73). LCXND em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

DAR O CRÉU *loc. verb.* Diz-se de algo quando quebra ou dá problema. “Acóde cadê o gás. **Deu o créu** lá na cozinha. O bode caiu pra trás” (PI – p. 56). LCXDAE em FJ. LCXND em AH, AB, EB e FN.

DAR UMA TRÉGUA *loc. verb.* Dar um tempo. Esquecer ou que houve. “O capitão Virgulino. Baixaeguense da égua. Queria **dar uma trégua**. Não deu agora ba-bau! Tristezou num pé de pau” (ALD – p. 145). LCXND.

DE PERNAS PRO AR *exp.* Diz-se de alguém que está desocupado, à toa. “Tem umas com a faca e o queijo na mão. Tem outras com a mão na frente e outra atrás. Tem umas com a pulga atrás da orelha. Que a ferro e a fogo rejeitam a paz. Tem umas que ficam de queijo

caído. De peito lavado, **de pernas pro ar**. Tem uma com cara de poucos amigos. No olho da rua do seu arruar” (ALD – p. 72). LCXND em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

DE QUEIXO CAÍDO *exp.* Diz-se de alguém quando fica surpreso ou admirado. “Tem umas com a faca e o queijo na mão. Tem outras com a mão na frente e outra atrás. Tem umas com a pulga atrás da orelha. Que a ferro e a fogo rejeitam a paz. Tem umas que ficam **de queijo caído**. De peito lavado, de pernas pro ar. Tem uma com cara de poucos amigos. No olho da rua do seu arruar” (ALD – p. 72). LCXND em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

DERNA *prep.* Desde. “O cumpade Zé Migué, punheteiro de alugue **derna** da meninice” (ALD – p. 150). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN. Var.: *Derne*.

DESABOLETAR *v.* Sair. Partir. Ir embora. “Quando o amor estonteia o meu juízo. Se amorcega nos peito sem aviso. E a tristeza vai **desaboletando**” (PI – p. 66). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN.

DESADORO *adj. m.* 1. Incomodado. Impaciente. 2. Desesperado. “O cumpade Pinto Branco é caba **desadorado**. Além de pequeno é fêi. Além de fêi, injuado (...)” (PI – p. 157). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em HA. LSND em AH, AB e EB.

DESBRIADO *adj. m.* 1. Sem vergonha. Desaforado. 2. Desmerecido; sem mérito. “Trago no assoalho da garganta. O entalo de lindos pensamentos. Da tristeza amuada dos jumentos. Tais e quais um bruguelo **desbriado**” (ALD – p. 54). LSDAD em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

DESCABAÇADA *adj. f.* Diz-se da mulher que não é mais virgem. Desvirginada. “O gandaeiro do Geba barranqueou Mariquinha. Já era **descabaçada**. Mas era até direitinha” (ALD – p. 152). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

DESCONHAVADA *adj. f.* Coisa ou pessoa torta, desconcertada, mal feita. “Já quase toda enfadada, provei lavagem de porco, aí mexeram de novo: botaram o pau na beirada. E assim, **desconhavada**, medi areia e cimento, carreguei muito concreto, molhado, duro e friento, sofri de peitos aberto, levei baque, dei peitada” (ALD – p. 48). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

DESCONJUNTAR v. Perder a forma. Desunir. Desencaixar. “Tou com dor nos ispinhaço. Faz três mês que não amunto. É uma dô, é um cansaço. Qu’eu quaje me **disconjunto**. Ô dôzinha disgramada. Tou quaje sem dá bimbada. Sem risada e sem assunto” (PI – p. 28). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN.

DESEMBESTAR v. 1. Perder o controle. Enlouquecer. 2. Correr em disparada. “E Chica de Mané Grôa. **Desembestou** e sumiu. Pois dissero qu’ela tinha alicate no xibiu. Cumpade Pinto, coitado, só fala “Pinto Quebrado é a puta que pariu!” (PI – p. 158). LSDAE em AH e FJ. LSDAD em AB, EB e HA. LSND em FN.

DESFOLHAR v. 1. Declarar-se. 2. Tiras as folhas, pétalas. 3. Tirar da bainha qualquer arma branca. “Vou me **disfoiá** pra ela. Vou dizer Cuma que’eu tou. Que nem filme de novela. Vou cantá musga d’amô” (PI – p. 137). LSDAD em AH, AB, EB, FJ e FN. LSND em HA.

DESLERIADO *adj. m.* Diz-se daquele que é ingênuo; leso. “Não sou esses balai todo! Sou meio **desleriado**. E quando ligo o desligo: Tõe-õe-õe-õe-õe-õe-õe! Vejo que só tem arranco, ao me ver ali parado. Minhas dúvidas são campestres. Minhas rimas são risais. Baldias, uns dias. De procurar alegrias na baixa dos tristezaís” (ALD – p. 21). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

DESMASTRIAR v. O mesmo que abandonar. “Com os peitos judiados. **Desmastriei** minha bandeira do amor” (ALD – p. 122). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Var.: *Desmatrilar*.

DESUNERAR-SE v. 1. Ato ou efeito de eliminação frequente de fezes. 2. Estragar-se. Degenerar-se. O mesmo que ter diarreia. (Prendêro Ciço Mofado robando Zabé do doce. Bimaé **desunerou-se** com choriço e queijo assado. Fragáro Lisa brechando as “parte” de Frei Nonando e nós tudo ajueilhado” (PI – p. 25). LSDAD em AH. LSND em FN, FJ, HA, AB e EB.

DESPACHAR v. 1. Atender. Vender. 2. Incumbir de missão, etc. 3. Despedir-se. 4. Matar. Executar 5. Comer imediatamente. “Avia, Quinca, te avexa. Vai lá em Mané Bolacha. Ver se

aquele abiscoitado. Logo cedo te **despacha**” (ALD – p. 126). LSDAE em EB. LSDAD em AH, AB e HA. LSND em FJ e FN.

DIACHO *interj.* 1. Expressão utilizada em momentos de indignação, decepção ou surpresa. 2. Diabo. “RECADO de Inaça Parteira: Por que **diacho** os douto não partejam mais? Só se vê operação!” (ALD – p. 160). LSDAD em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN.

DISGAVIAR *v.* Sair da direção ou caminho. Desviar. Sair do rumo. “Rezo quatro Ave-Maria ao Glorioso São Gerome para que nos livre da dor (...) Nos livre dum nôro besta ou duma genra fregona. Que Zé meu abaixe o facho pro lado daquela dona. Nos livre duma visage de alma braba e defunto... Puxando agora de banda. **Disgaviando** o assunto. Nos livre daqui pra diante do roubo dos governantes, coisa que duvido muito” (ALD – p. 50). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

DISGRAMADA *adj. f.* Diz-se daquela que é infeliz, sem sorte. Desgraçada. “Tou com dor nos ispinhaço. Faz três mês que não amunto. É uma dô, é um cansaço. Qu’eu quaje me disconjunto. Ô dôzinha **disgramada**. Tou quaje sem dá bimbada. Sem risada e sem assunto” (PI – p. 28). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

DISPRANAVIAR *v.* Enlouquecer. “Todo Paraíso **dispranaviou**. E Eva, evando a bestice Adão. Puxou o lesado pro mei do salão. Aí foi aí que o parzinho dançou. Adão foi ficando mei borocoxô quando escutou: - Os dois, tira o quincal!!!! Casal pecador nessa festa não brinca” (ALD – p. 106). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Var.: *Despranaviar*.

DISTIORADO *adj. m.* 1. Valentão. Encrenqueiro. 2. Aquilo que está danificado, corrompido. “Caboco **distiorado**. Achador de mau conselho. Penurador de destino. Ficador do que é alheio” (ALD – p. 87). LSDAE em FJ. LSDAD em HA. LSND em AH, AB, EB e FN. Var.: *Destiorado*.

DOIDEJO *s. m.* Excitação. “Aviventa o respiro e o **doidejo**. Catuaba pra alma estimular. Mandacaru eclipsando o luar. Nas barracas profundas do desejo” (ALD – p. 68). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

DOIDICE *s. f.* Ato ou comportamento doido; loucura. “Os meus olhares piscosos? São piscos de alegria. Alegria é manga-espada, é sempre verde e amarela. Tanto que às vezes penso até com uma certa **doidice** que sou filho da escrotice do bico do peito dela” (ALD – p. 21). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. Var.: *doideira, doidura*.

DOIDO VARRIDO *loc. adj.* Diz-se de quem perdeu o bom senso; que age loucamente. “É beata, é um padre, é um mói de pecado. É um cabra da peste, é um pé desmentido. É um pega sono, é um **doido varrido**” (ALD – p. 117). LCXDAE em HA. LCXND em AH, AB, EB, FJ e FN.

DUVI-DE-O-DÓ *exp.* Diz-se quando se quer enfatizar que algo dito ou prometido não será realizado. “Aniversário da troca de óleo da frigideira. Do bar de Zé Foninho. Trocará de novo? **DUVI-DE-O-DÓ!**” (ALD – p. 57). LCXDAE em FJ. LCXND em AH, AB, EB, HA e FN.

E

EBRIOSO *adj. m.* Embriagado. “À bebedeira, ao pileque. Ao mundo do engasga-gato. Da branquinha e da bicada. Do **ebrioso** de fato” (ALD – p. 85). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Cf.: **Bicudo**. **Triscado**.

EMBICAR *v.* 1. Virar um copo de cachaça sem parar; entornar. 2. Deparar-se com um obstáculo imprevisto; tropeçar. 3. Tomar rumo; prosseguir. “Prateleiras são tábuas enjambradas. Com um caibro servindo de escora. Tem também não sei qual Nossa Senhora. Com um jarrinho de louça bem do lado. Um trapézio de flandres areados. Um jirau com manteiga de latão encostado ao lado do balcão. Um caneiro **embicando** uma lapada. Passa as costas da mão pelas beijadas. Se apruma e sai dando trupicão” (ALD – p. 41). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em AH, EB, AB e HA.

EMPRENHADO *v.* Diz-se de algo ou alguém que está cheio, repleto. “Quero ver teu corpo nu **emprenhado** de doçura. Cheio de derretedura no tranxinxim da paixão” (ALD – p. 65). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

ENDIABRADO *adj. m.* 1. Furioso; mau. 2. Travesso; esperto; 3. Endemoniado. “Trupizupi prepara a tua cova é chegado o dia da decisão. Vai fazer tua última comunhão pois eu já preparei a tua prova. De arame farpado vai ter sova. Vai lembrando do teu aprendizado pois eu já tou ficando **endiabrado**, só de raiva já dei um saculejo, dei até beliscão em azulejo mas ainda não tou mal-humorado” (PI – p. 76). LSDAE em AH e AB. LSDAD em HA e EB. LSND em FN e FJ.

ENFADADA *adj. f.* 1. O mesmo que cansada, exausta. 2. Chata. Antipática. 3. Torta. Desconcertada. “Já quase toda **enfadada**, provei lavagem de porco, aí mexeram de novo:

botaram o pau na beirada. E assim, desconchavada, medi areia e cimento, carreguei muito concreto, molhado, duro e friento, sofri de peitos aberto, levei baque, dei peitada” (ALD – p. 48). LSDAE em HA. LSDAD em AH, AB, EB e FJ. LSND em FN.

ENJAMBRADA *adj. f.* Diz-se de coisa ou alguém que está torta, empenada. “Prateleiras são tábuas **enjambradas**. Com um caibro servindo de escora. Tem também não sei qual Nossa Senhora. Com um jarrinho de louça bem do lado. Um trapézio de flandres areados. Um jirau com manteiga de latão encostado ao lado do balcão. Um caneiro embicando uma lapada. Passa as costas da mão pelas beíçadas. Se apruma e sai dando trupicão” (ALD – p. 41). LSDAE em AH, HA e FJ. LSND em AB, EB e FN. Var.: *engembrada*, *ingembrada*.

ENREDEIRO *adj. m.* Quem se envolve em enredos, intrigas, fuxicos. “Bajulador, **enredeiro**. Rabujento e lambuzão. Sovacudo e indecente. Tapiador de inocente. Perreador de leão” (ALD – p. 87). LSDAE em AH, HA e FJ. LSND em AB, EB e FN.

ENTREMPADO *v.* Diz-se de algo que está empilhado de qualquer jeito. “No balcão de madeira descascada. Duas torres de vidro são vitrines. A de cá mais parece uma magazine com perfume e cartelas de *Gillete*. Brilhantina safada, canivete. Sabonete, batom... tudo **entremcado**. Filizolla balança bem ao lado. Seus dois pratos com pesos reluzentes. Dá justeza de peso a toda gente. Convencendo o freguês desconfiado” (ALD – p. 41). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

ENTUPIGAITADO *adj. m.* 1. Atrapalhado. Confuso. 2. Calado. Inibido. “Vi Hitler **entupigaitado** nas banda da Alemonha. Pois comeu uma pamonha e pamonhou sem cuidado” (PI – p. 55). LSDAE em AH e AB. LSDAD em HA e FJ. LSND em EB e FN. NL: AB registra a lexia como *brasileirismo*.

ENVERNEIRA *s. f.* Inverno prolongado. Invernada. “Meninos nas tanajura, caminhão de jogador. A vaia come no centro: Caga-lona, Tricolor! Ninguém liga pras besteira. No tempo de enverneira todo mundo é torcedor” (ALD – p. 62). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN. Var.: *inverneira*.

ENXERIMENTO *s. m.* Sem-vergonhice. Ousadia. “E basta o vento assoprar uns dois dedinhos de vento, que todo **enxerimento** quer nele se enfiar” (ALD – p. 59). LSDAE em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

ESBREGUE *s. m.* Bronca. Repreensão. Esculacho. “Do pasto verde da praça. Do **esbregue** do maluco. Dos bagos, fruto do suco. Do miolo da cabaça” (ALD – p. 163). LSDAE em AH, HA e FJ. LSND em AB, EB e FN. Var.: *Esbregues*. NL: AH registra a lexia como brasileirismo.

ESCAMBAU *s. m.* 1. De jeito nenhum, de nenhuma maneira. 2. Utilizado para dar ideia de grande quantidade. 3. O mesmo que diabo a sete ou diabo a quatro. “Comigo não tem burdão. Nem chêpa nem atrapalho. Nem puxa-encói nem bilôra. Nem queixo desse trabalho. Não tem se quê nem pra quê. Nem medo de vara-pau. Nem zambê nem latumia. Nem luxo nem putaria. Nem a gota ou **escambau**” (ALD – p. 51). LSDAD em HA e FJ. LSDAE em FN e AH. LSND em AB e EB. NL: AH registra a lexia como um Brasileirismo de uso informal.

ESCANGAIADO *adj. m.* Diz-se de que(m) está aberto exageradamente. “Dessa alegria de hoje vou morrer **escangaiado** (...)” (PI – p. 64). LSDAE em AH e FJ. LSND em AB, EB, HA e FN. NL: AH registra a variante *Escangalhado*.

ESCOLADO *adj. m.* Inteligente; esperto. “Trupizupe, olha tu não me assusta com a fama da tua valentia. Porque esta macheza é freguesia e até nem me parece tão robusta. Uma boa palmada não me custa pois no fundo eu te acho delicado. Se tu és um valente **escolado** eu quebrei no cacete a tua escola. O teu mestre saiu de padiola e teu supervisor invertebrado” (GC – p. 17). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. NL: AH registra a lexia como informal e AB como Brasileirismo.

ESPINHAÇO *s. m.* Dorso. Costas. “Quando ela me faz uma cosquinha. Dou risada que afrouxo a suspensão. Amolengo o **espinhaço** e o coração” (ALD – p. 68). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AH registra a lexia como informal e AB como popular.

ESTOPORAR *v.* 1. Explodir. Eclodir. 2. Sofrer apoplexia. “Na Universidade de Coco do Pajeú. Lá vou enterrar o destampatório da ignorância. Se eu não roubá-la de volta, eu

estopore!” (ALD – p. 122). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSDAD em HA. LSND em FN. Var.: *Estuporar*. NL: AH e EB registram a lexia como uso figurado e AB como popular.

ESTROPIADO *adj. m.* Cansado. Fadigado. Quebrado. “Na farrambamba da fala dos doutor de lá pra cá. Falei do peso da bufa. Do talo do caruá. Do gemido do furdunço. Em tempo de azoinar. Do jumento acangalhado. De andar **estropiado**. E o matuto a cipoar” (ALD – p. 116). LSDAE em AH e FJ. LSND em AB, EB, HA e FN.

F

FACEIRO *adj.* 1. Alegre; risonho. 2. Que ou aquele que age como se nada tivesse acontecido. 3. Dengoso. 4. Elegante; enfeitado. “(...) Os povo chegaro nós descobrermos. Inté amenhã foi o que dissemo, marcando um encontro pra outro lugar. No dia seguinte, eu todo **faceiro** que nem Rock Lane, dos tiro do amor (...)” (PI – p. 47). LSDAE em AH, AB e EB. LSDAD em FJ. LSND em HA e FN. NL: AH registra a *lexia* como um brasileirismo.

FACHO *s. m.* 1. Aquilo que alimenta a paixão. 2. Dinheiro. 3. Objeto que emite luz. “Rezo quatro Ave-Maria ao Glorioso São Gerome para que nos livre da dor (...) Nos livre dum nôro besta ou duma genra fregona. Que Zé meu abaixe o **facho** pro lado daquela dona. Nos livre duma visage de alma braba e defunto... Puxando agora de banda. Disgaviando o assunto. Nos livre daqui pra diante do roubo dos governantes, coisa que duvido muito” (ALD – p. 50). LSDAE em AH. LSDAD em AB, EB, HA, FJ e FN. NL: AH registra o significado da *lexia* como figurado.

FALAR PELOS COTOVELO *loc. v.* Tagarela; falar excessivamente. “Matuto cortando lenha. Desinteirando o inteiro. Vaqueiro astuto, tinhososo. Pegando o gado no pelo. Com cheiro doce de bosta. Cheio de nó pelas costa. **Fala pelos cotovelo**” (ALD – p. 53). LCXDAE em HA. LCXND em AH, AB, EB, FJ e FN.

FAMIAÇÃO *s. f.* O mesmo que família. “Aqui jaz o Zé Tulão. Causadô de bafafã. Que viveu pra se quexá. De num tê **famiação**” (PI – p. 64). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN. Var.: *Famíliação*.

FARNIZIM *s. m.* Inquietude. Mal-estar. Agonia. Incômodo. “Curei frouxidão dos neuvo. Friviôco e brubuim. Tirei mentira de unha. Lundum, manzanza e pantim. Inchaço, má de

gastura. Queimação e quebradura. Barrigada e **farnizim**” (PI – p. 43). LSDAE em AH, AB, EB, HA, FJ e FN. Var.: *Farnesim. Frenesi*. Cf: **Friviôco**. NL: AH registra a lexia como informal.

FARRAMBAMBA s. f. Gabolice. Presunção. “Na **farrambamba** da fala dos doutor de lá pra cá. Falei do peso da bufa. Do talo do caruá. Do gemido do furdunço. Em tempo de azoinar. Do jumento acangalhado. De andar estropiado. E o matuto a cipoar” (ALD – p. 116). LCPDAE em HA, FJ e FN. LCPND em AH, AB e EB.

FELA DA PUTA loc. subst. Filho da puta no superlativo. Xingamento popular utilizado para ofender alguém afetando também a sua mãe. “Aqui jaz um cabra macho. Galinhadô e femeeiro. Gostadozim de cachaça. Jogado e trambiqueiro. Atirado da brucuta. A nenhum **fela da puta** negou um tiro certo” (PI – p. 64). LCXDAE em HA, FJ e FN. LCXND em AH, AB e EB. Var.: *Fila da puta. Fela da pota*.

FELAPUTISTA adj. m. Aproveitador. Enganador. “De corrupto e de boleiro. Vigarista e quadrilheiro. Trambiqueiro espertalhão. Malandro, goela e bufão. **Felaputista** afamado. Patife deseducado” (ALD – p. 18). LCPDAE em FJ. LCPND em AH, AB, EB, HA e FN.

FEMEEIRO adj. m. Diz-se de homem mulherengo. “Aqui jaz um cabra macho. Galinhadô e **femeeiro**. Gostadozim de cachaça. Jogado e trambiqueiro. Atirado da brucuta. A nenhum fela da puta negou um tiro certo” (PI – p. 64). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN. Cf.: **Galinhadô**.

FILOSOFÊRO adj. m. Diz-se de quem é pensador. “Astragildo de Mêdero. Ô nomezim arretado! Cum ele bem adubado. Eu era um **filosofêro**” (PI – p. 70). LSND. NL: Trata-se de uma criação neológica do escritor.

FILOSOFURA s. f. O mesmo que conhecimento, pensamento. “O raso não tem fundura ia pro Repórter ESSO. Ia ser grande sucesso a minha **filosofura**” (PI – p. 70). LSND. NL: Trata-se de uma criação neológica do escritor.

FIOFÓ *s. m.* Ânus. “Pros cumpade com franqueza. Desejo grande riqueza: saúde no **fiofó**” (PI – p. 156). LSDAE em AH, HA e FJ. LSND em AB, EB e FN. Cf.: **Zebesquete**. NL: AH registra a lexia como brasileirismo.

FOI PRO BELELÉU *loc. verb.* Morrer. Falecer. “Ginura já tava na última morada. Quando pediu baixa o vaqueiro Zebu. **Foi pro beleléu** nas bandas do Sul” (PI – p. 46). LXCDAE em HA. LCXND em AH, AB, EB, FJ e FN. Cf.: **Bater a biéla. Bater as botas**.

FOLOTE *adj. m.* Diz-se de que(m) está frouxo ou folgado. “Sandalinha lepo-lepo. Vestidinho bem **folote**. Dou-lhe um cheque na cintura. Taco um cheiro no cangote. Vejo o corpo torneado. Morenoso e jambeado. De amor cheim de mote” (ALD – p. 66). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

FOROBOSQUETE *s. m.* Bunda. Nádegas. Traseiro. “Cumpade Mané Farofa. Faz tempo que nós não prosa. Se apeí, se abolete. Aprume o **forobosquete**. Nessa velha preguiçosa” (ALD – p. 130). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN. Var.: *Fiofó. Forroboscóite*.

FRECHADO *adj. m.* 1. Azarado; Sem sorte. 2. Famoso. Popular. “Mas será o impussive que’u sou assim tão **frechado!**” (PI – p. 107). LSDAE em HA e FJ. LSDAD em FN. LSND em AH, AB e EB.

FREGONA *s. f.* Serviçal. Cozinheira. “Rezo quatro Ave-Maria ao Glorioso São Gerome para que nos livre da dor (...) Nos livre dum nôro besta ou duma genra **fregona**. Que Zé meu abaixe o facho pro lado daquela dona. Nos livre duma visage de alma braba e defunto... Puxando agora de banda. Disgaviando o assunto. Nos livre daqui pra diante do roubo dos governantes, coisa que duvido muito” (ALD – p. 50). LSND. NL: o *Dicionário Online Informal* registra a lexia como um arcaísmo originário do castelhano.

FRESCAGEM *s. f.* Frescura. Gozação. “Comigo não tem perreps, nem de trevés nem de frente, nem boreal nem austral. Nem rodilhando a serpente. Nem bregueço nem mumunha. Nem manha nem gabação. Nem coisada nem coisura. Nem **frescagem** nem frescura. Nem bicho nem mermão” (ALD – p. 51). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

FRIAGE *s. f.* Vento frio e úmido. “Meu inglês foi pros Istêites. Nos beijo do Pai Tomaz. Sem catabi, sem **friage**. Sem oxente, sem mais-mais” (PI – p. 55). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. Var.: *Friagem*.

FRICOTE *s. m.* Dengo, Manha. Melindre. “Pensei, só quero bebê aquele tá de iscóte. Fumá Carlíto com filtro. Ser todo chei de **fricote** (...)” (PI – p. 52). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. NL: AH e AB registram a lexia como brasileirismo.

FRIVIÔCO *s. m.* 1. Inquietude. 2. Ânus. “Curei frouxidão dos neuvo. **Friviôco** e brubuim. Tirei mentira de unha. Lundum, manzanza e pantim (...)” (PI – p. 43). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN. Cf.: *Farnizim*. Var.: *Frivioca*. *Frevioco*. *Frenesi*.

FROUXO *adj. m.* Diz-se de quem é covarde, medroso. “Já bebi com padre, juiz, delegado. Doutor, deputado, bebi com você. Bebi com ateu, com judeu, com crente. Com frouxo e valente tentando entender” (PI – p. 60). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como brasileirismo.

FUÁ *s. m.* Confusão. Zoeira. Discussão. “Seu doutor adevogado. Eu vou logo lhe contar. Pra evitar remunheta. Um lundum, um bafafá. Um le-rê-rê, um **fuá**. Um zambê ou latumia. Um dizer de putaria. Na frente do pessuá” (ALD – p. 107). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA. Cf.: *Bafafá*. *Furdunço*. *Fuzuê*. *Gonga*. *Quiprocó*. *Remunheta*.

FUBICA *s. f.* Automóvel velho. “Vez ou outra passava uma **fubica**. Latumia de toda cachorrada (...)” (PI – p. 133). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Var.: *Fubiquinha*.

FULERAGEM *s. f.* 1. Sacanagem. 2. Bagunça. Desorganização. 3. Alguém ou algo que não presta. “Lai fôro os dois a se ri. Pro moté Ciço Romão. Foi grande judiação. C’as baguia sem abri. Era aquele qui-qui-qui. Era aquela **fulerage**. Azeitaro as engrenage e foram se diverti” (PI – p. 62). LSDAE em HA. LSDAD em FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

FUNDURA *s. f.* 1. Medida de profundidade. 2. Empresa arriscada. 3. Confusão. Encrenca. “Astragildo de Mêdero. Ô nomezim arretado! Cum ele bem adubado. Eu era um filosofêro. E

dizia em toda artura: - o raso não tem **fundura** no planeta brasileiro!” (PI – p. 70). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSDAD em HA e FN.

FURDUNÇO s. m. Confusão. Baderna. Desordem. “Na farrambamba da fala dos doutor de lá pra cá. Falei do peso da bufa. Do talo do caruá. Do gemido do **furdunço**. Em tempo de azoinar. Do jumento acangalhado. De andar estropiado. E o matuto a cipoar” (ALD – p. 116). LSDAE em AH, HA e FJ. LSND em AB, EB e FN. Cf: *Bafafá. Fuá. Fuzuê. Gongga. Quiprocó. Remunheta*. NL: AH registra a lexia como brasileirismo.

FUTRICA s. f. Fuxico. Mexerico. Fofoca. “A mentira carregou. O mundo se estrupiô. Deu fuzuê e **futrica**. Se vovó não se impeitica. Morria sem ver vovô” (PI – p. 56). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como brasileirismo.

FUZUÊ s. m. Confusão. Desordem. Arruaça. “E o tempo não volta mais. As vendas mal assoadas. E o **fuzuê** nas calçadas. Se perdem pelos varais” (ALD – p. 165). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Cf: *Bafafá. Fuá. Furdunço. Gongga. Quiprocó. Remunheta*. NL: AH e AB registram como brasileirismo e EB como gíria.

G

GABAÇÃO *s. f.* Vaidade. Presunção. “Comigo não tem perreps, nem de trevés nem de frente, nem boreal nem austral. Nem rodilhando a serpente. Nem bregueço nem mumunha. Nem manha nem **gabação**. Nem coisada nem coisura. Nem frescagem nem frescura. Nem bitcho nem mermão” (ALD – p. 51). LSDAE em AH, AB e FJ. LSND em EB, HA e FN.

GABOLADÔ *adj.* Que ou aquele que se gaba; vaidoso; fanfarrão. “Cumpade Zé de Cirila sempre foi **gaboladô**. Fí e neto de vaquêro, bisneto de aboiado. Deixou de ser boiadêro pra sonhá cu’s instragêro, magine só seu douto” (PI – p. 51). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. Var.: *gabola, gabarola*.

GAIA *s. f.* O mesmo que traição amorosa. “Já Nica de Zé Pompeu tá o cão chupando manga. Trabiô cum caronê. Amigô-se cum capanga. Butou **gaia** lá no peste. Hoje dize no Agreste q’uele tá sortando franga” (PI – p. 27). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA.

GAITADA *s. f.* Gargalhada. Risada escandalosa. “Peço logo a mão dela em casamento. Faço um verso e me estoro na **gaitada**” (PI – p. 66). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

GALINHADÔ *adj. m.* Diz-se de homem mulherengo. “Aqui jaz um cabra macho. **Galinhadô** e femeeiro. Gostadozim de cachaça. Jogado e trambiqueiro. Atirado da brucuta. A nenhum fela da puta negou um tiro certo” (PI – p. 64). LSND. Cf.: **Femeeiro**.

GAMELA *s. f.* Recipiente de uso doméstico. Vasilha. “Garrote, gorro, garrido. Garrancho, gancho e gangão. **Gamela**, goma e garrafa” (ALD – p. 123). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN.

GANDAEIRO *adj. m.* Diz-se daquele que gosta de farra, que vive na gandaia. “O **gandaeiro** do Geba barranqueou Mariquinha. Já era descabaçada. Mas era até direitinha” (ALD – p. 152). LSDAE em AH e FJ. LSND em AB, EB, HA e FN. Var.: *Gandaieiro*.

GANHAR A LAPA DO MUNDO *loc. verb.* Ir para longe. Exilar-se. “(...) Foi premêro sem segundo. **Ganhou as lapa do mundo** e nós fiquemo por cá” (PI – p. 51). LCXDAE em HA, FJ e FN. LCXND em AH, AB e EB. Var.: *Cair na lapa do mundo*.

GARGALHATIVO *adj. m.* Aquele que gargalha, risonho. “Só não somo o que nós somos. Pra não somar alegria. Meu verso pra mim dizia. Num choro **gargalhativo**. Sou o estampado bem vivo” (ALD – p. 96). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

GASIMIRA *s. f.* Forma genérica utilizada para nomear alguns tecidos. “Não tem mel de jandaíra. Nem roupa de **gasimira**. Nem tem cobra de cipó” (PI – p. 30). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. Var.: *Casimira*. *Caxemira*.

GASTURA *s. f.* Acidez estomacal. Azia. Mal-estar. “Curei frouxidão dos neuvo. Friviôco e brubum. Tirei mentira de unha. Lundum, manzanza e pantim. Inchaço, má de **gastura**. Queimação e quebradura. Barrigada e farnizim” (PI – p. 43). LSDAE em AH, EB, HA, FJ e FN. LSND em AB. NL: AH registra a lexia como brasileirismo e EB como uso coloquial.

GATO E SAPATO *exp.* Diz-se de alguém quando é usado por outrem para obter certas vantagens. “Sou boteco, sou latada. Pé-sujo, biongo, bar. Eu sou o **gato e sapato** dos bebos desse lugar” (ALD – p. 80). LCXND em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

GIBÃO *s. m.* Caso de couro geralmente usado por vaqueiros. “Gaiola, ganso e **gibão**. Galego, garbo e galope. Um guzerá grandalhão. Um grangazá granfinoso. Galã, gorducho e guloso. É gado gado, gadão” (ALD – p. 123). LSDAE em AH, AB, EB, HA, FJ e FN. NL: AH e AB registram a lexia como brasileirismo.

GOBIRA *s. m.* 1. Homossexual. 2. Macaco. “Tem vigarista, **gobira**. Gente boa é muito pouca. Achei um dono de circo. Infeliz das costa ôca se dizendo companheiro. Comeu todo meu

dinheiro. Me deixando só de touca” (PI – p. 31). LSDAE em HA. LSDAD em FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

GOELA s. f. 1. O mesmo que garganta. 2. Pessoa ambiciosa, gananciosa. “Seu motorista. Lá no fim desse asfalto. Sinhô pare que eu salto. Que minha **goela** deu um nó” (PI – p. 171). LSDAE em AH, AB e EB. LSDAD em HA. LSND em FJ e FN. NL: AB registra a lexia como popular e EB como coloquialismo.

GONGA s. f. 1. Confusão. Zombaria. 2. Roupa velha. “Puvera Deus queu não entre. Nessa **gonga** com fuá. Não sou home que na briga qualquer um pode escapar” (ALD – p. 108). LSDAE em FJ. LSDAD em FN. LSND em AH, AB, EB e HA. Cf.: *Bafafá. Fuá. Furdunço. Fuzuê. Quiprocó. Remunheta.*

GOROROBA s. f. 1. Cachaça. Pinga. 2. Comida ruim. “Ao inventor da meiotá. Do pifão e da lapada. Da talagada ferina. Da **gororoba** precária. Da abrideira querida. Da saideira sofrida. Da mandureba ordinária” (ALD – p. 85). LSDAE em FN. LSDAD em AH, EB, HA e FJ. LSND em AB. Cf.: *Birita. Calibrina. Gramática. Meropeia. Quequéu.* Var.: *Mamãe-de-luanda. Mamãe-de-arua.*

GOTA SERENA s. f. 1. Diz-se de algo ou alguém que causa espanto, surpresa. 2. Doença que prejudica a visão, amaurose. 3. Pessoa bandida, desgraçada. “E deu as **gotas serenas**. Só vendo pra mode crer. Canistas e pifonistas à caça do que fazer” (ALD – p. 83). LCXDAE em FJ. LCXDAD em HA e FN. LCPND em AH, AB e EB.

GRAMÁTICA s. f. 1. Cachaça. Bebida alcoólica 2. Normas e regras que regem uma língua. “Foi dois dedo de **gramática**. Um despertar de memória. Um lumiar de ideia. Mais uma pr’aquela estória” (ALD – p. 83). LSDAE em HA e FN. LSDAD em AH, AB e EB. LSND em FJ. Cf.: *Birita. Calibrina. Gororoba. Meropeia. Quequéu.*

GRANGAZÁ adj. m. Diz-se de indivíduo de estatura muita alta. “Gaiola, ganso e gibão. Galego, garbo e galope. Um guzerá grandalhão. Um **grangazá** granfinoso. Galã, gorducho e guloso. É gado gado, gadão” (ALD – p. 123). LSDAE em HA e FN. LSND em AH, AB, EB e FJ. Var.: *Varapau. Galalau. Manjolão.*

H

HOME *s. m.* Indivíduo. Pessoa do sexo masculino. “Mediro lá minhas terra, fizero valiação e me dero um tá de cheque que não vale um tostão. Mas segundo aqueles **home**, quando o caba assina o nome vale mais de cem milhão” (PI – p. 26). LSDAE em FJ. LSDAD em FN. LSND em HA, AB, EB, AH. NL¹: FJ diz que a lexia é uma corruptela de *homem*. NL²: AH, AB e EB registram a lexia no uso formal “*homem*”.

I

IMPEITICAR-SE v. Implicar. Causar contendas. “A mentira carregou. O mundo se estrupiô. Deu fuzuê e futrica. Se vovó não se **impeitica**. Morria sem ver vovô” (PI – p. 56). LSND.

IMPELEITAR v. Contratar. Acertar previamente um serviço. “Veio o gerente do banco. **Impeleitá** um forró. Meia dúzia de bogó. E um taio de aguardente. Fragaró vinte tenente. Putanhando em Maceió” (PI – p. 96). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AH, AB e EB registram *Empreitar*. Var.: *Empeleitar*.

INFELIZ DAS COSTA ÔCA exp. Que ou aquele que é danado, desgraçado. “Tem vigarista, gobira. Gente boa é muito pouca. Achei um dono de circo, **infeliz das costa ôca** se dizendo companheiro comeu todo meu dinheiro me deixando só de touca” (PI – p. 31). LCXDAE em FJ, LCXND em HA, FN, AB, AH e EB.

INFERNAÇÃO s. f. Aporrinhão. Importunação. “Era aquela **infernação**. Os lenço não dava pé. E Lôra priquiteando os possuído de Zé” (PI – p. 63). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN.

INGRIZIA s. f. 1. Mal-estar. Aflição. 2. Confusão. Briga. “Matuto com insucesso. Eu já curei um bucado. Tiro, coice, pexerada. Queda de burro marvado. Má querença, má tensão. **Ingrizia**, triação. Três-sol e peito cerrado” (PI – p. 44). LSDAD em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN. Var.: *Ingresia*.

INHACA s. f. Fedor. Mau cheiro. “(...) tiramento de **inhaca**. Baibiadô de suvaco. Vi tapadô de buraco. Disfarçadô de ressaca” (PI – p. 161). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AH e AB registram a lexia como brasileirismo.

INVERNADA s. f. Inverno prolongado. “Quando chega a **invernada**. A vida fica mais rica” (PI – p. 57). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Var.: *Inverneira. Invernica*. NL: AH registra a lexia como brasileirismo.

ISCABRIADO adj. m. Desconfiado. Acanhado. Tímido. “Foi me dando uma gastura. Me fartou suspiração. Fiquei todo **iscabriado**. Sulerou o coração” (PI – p. 136). LSDAE em AH, AB, EB, FJ e FN. LSND em HA. NL: AH, AB e EB registram a variante *escabriado*.

ISPINHELA CAÍDA loc. subst. Dor no peito causada por excesso de esforço físico ou cansaço. Segundo a crença popular, só cura com rezas e benzeduras. “Adispois de muita dança. Dô de **ispinhela caída**. Dô de cadêra duída. Panzinamento de pança” (PI – p. 42). LXDAE em HA, FJ e FN. LCXND em AH, AB e EB. Var.: *Espinhela Caída*.

ISPRITADO adj. m. 1. Atrevido. Mal criado. 2. Valentão. “Sou moleque **ispritado** na cacunda do pai” (PI – p. 85). LSDAE em FJ. LSDAD em FN. LSND em AH, AB, EB e HA. Var.: *Espritado*.

ISSO É CAGADO E CUSPIDO PAISAGEM DE INTERIOR exp. Diz-se de algo ou alguém que é muito semelhante a outra coisa ou pessoa. “Preto véio rezador. Jumento, jipe e trator. Lençol voando estendido. **Isso é cagado e cuspidado paisagem de interior**” (PI – p. 19). LCTND. NL: HA, FJ e FN registram *cagado e cuspidado*.

ISTOPOR s. m. 1. Explosão de temperamento. 2. Letargia dos sentidos. “Voltou num pilheriose. Birrento do **istopor**. Foi dizendo pro meu lado: - Couro de bombo furado vale mais que teu amor” (ALD – p. 107). LSDAE em FJ. LSDAD em HA. LSND em AH, AB, EB e FN. Var.: *Estopor. Istopô*.

INSTRAGEIRAR-SE v. Exilar-se para fora do país. “Cumpade Zé de Cirila. **Instragerou** se deu bem (...)” (PI – p. 51). LSND. NL: Trata-se de uma criação neológica do escritor.

J

JAGUNÇO *s. m.* Espécie de guarda-costas. Homem valente; destemido. “Sou da selva, selvático, selvagem. Sou **jagunço**, sou bárbaro matador. Corta-goela, bandido e atirador” (ALD – p. 120). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FN. LSND em FJ. Var.: *Capanga*. NL: AH e AB registram a lexia como brasileirismo.

JAMANTA *s. f.* 1. Caminhão de grande carroceria. 2. Pessoa grande, desengonçada. 2. Peixe comum nos mares tropicais. “Sou mosquito que traz febre amarela, sou espinha de peixe na garganta, sou o peso da roda da **jamanta** quando desce a ladeira na banguela... sou furada de ponta de sovela, sou aranha emboscada em sua teia, rabanada de cauda de baleia, telegrama trazendo má notícia: sou carona no carro da polícia e hospedagem gratuita na cadeia” (GC – p. 22). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. NL: AB registra a lexia como um brasileirismo.

JAMBEADO *adj. m.* Diz-se de que(m) está Bronzeado, da cor do jambo. “Sandalinha lepo-lepo. Vestidinho bem folote. Dou-lhe um cheque na cintura. Taco um cheiro no cangote. Vejo o corpo torneado. Morenoso e **jambeado**. De amor cheim de mote” (ALD – p. 66). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

JIRIMUM CABÔCO *s. m.* Fruto da aboboreira; abóbora. “– Olha o **jirimum cabôco**! – Olha o abacaxíí! – Brinco de menina fême! – Traíra de coco e siri! (...) (PI – p. 117). LCPDAE em HA, FN, FJ, AH, AB e EB. Var.: *jerimu*, *gerimum*. NL: AH registra a lexia como regionalismo brasileiro e AB como brasileirismo.

JUNTAS *s. f.* 1. Articulação do corpo. 2. Parelha de bois do carro de boi. 3. O mesmo que mutirão, trabalho em conjunto. “Era aquele sofrimento, as **juntas** enferrujadas. Fiquei com o

fundo comido. Quando pensei que tivesse minha batalha cumprido, um remendo me fizeram: tome madeira no fundo. E tome água e leva água, e tome água e leva água” (ALD – p. 47). LSDAE em AH, EB, AB e FJ. LSDAD em HA e FN. NE: De acordo com FN, a lexia é sinônimo de mutirão no estado do PE.

L

LABROJEIRO *adj. m.* 1. Que ou aquele que é desajeitado, desengonçado. 2. Rústico, grosseiro. “Matuto leiteiro chêi de nova hora, encosta o jumento pra se apiá. Todo **labrojeiro** se põe a andar (...)” (PI - p. 108). Var.: *labojeiro*. LSDAE em HA. LSDAD em FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

LAMBAIO *s. m.* O mesmo que serviçal. “(...) tome vaia daquela meninada. No coitado **lambaio** de oficina. Que encarcava o pitoco da buzina e a fubica peidava em disparada” (PI – p. 133). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN.

LANDUÁ *s. m.* Pequena rede de pesca presa a uma armação de madeira. “Se espalha uma colcha de mangalho: é cabresto, cangalha e é peixeira. Urupema, pilão, desnatadeira, candeeiro, cabaço e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. Alpercata, chicote e **landuá**. Arataca, bisaco e alguidar. Pé de cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez, dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar” (ALD – p. 40). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

LAPADA *s. f.* 1. Dose de cachaça. 2. Surra; bofetada. 3. Relação sexual. “Prateleiras são tábuas enjambradas. Com um caibro servindo de escora. Tem também não sei qual Nossa Senhora. Com um jarrinho de louça bem do lado. Um trapézio de flandres areados. Um jirau com manteiga de latão encostado ao lado do balcão. Um caneiro embicando uma **lapada**. Passa as costas da mão pelas beijadas. Se apruma e sai dando trupicão” (ALD – p. 41). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

LARGAR DE MÃO *loc. verb.* O mesmo que abandonar, deixar pra lá. “Rezo quatro Ave-Maria ao Glorioso São Gerome para que nos livre da dor (...) Nos livre da companhia dum

cabra chato e pidão. Dum sujeito bexigoso, sem figo e sem coração. Duma tosse igreja. Dum trupicão de ladeira. Duma **laigada de mão**” (ALD – p. 49). LCXDAE em HA. LCXND em AH, AB, EB, FJ e FN.

LARGAR O PAU *loc. verb.* 1. Fazer algo sem parar. 2. Provocar uma briga. 3. Bater sem piedade. “Ô menina, me responda ligeiro sem engoiar: se eu, de fósforo aceso na tua pólvora encostar, se um olhar fácil de ler, o meu olhar te botar, será que tu se arrupina, me incrimina, recrimina e **larga o pau** a gritar?” (ALD – p. 43). LCXDAD em FJ e FN. LCXND em AH, AB, EB e HA.

LATUMIA *s. f.* 1. Confusão; Discussão sem nexos. 2. Cantiga monótona. “Comigo não tem burdão. Nem chêpa nem atrapalho. Nem puxa-encói nem bilôra. Nem queixo desse trabalho. Não tem se quê nem pra quê. Nem medo de vara-pau. Nem zambê nem **latumia**. Nem luxo nem putaria. Nem a gota ou escambau” (ALD – p. 51). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em HA. LSND em AH, AB e EB. Var.: *Latomia*.

LAÚÇA *s. f.* Personagem de bloco carnavalesco. “Vi nêga de incarnado. Usando peruca lôra. Paiaço de ambulância. **Laúça** dando bilôra” (PI – p. 80). LCPDAE em FJ e FN. LCPND em AH, AB, EB e HA. Var.: *Laursa. La ursa*.

LENGALENGA *s. f.* Prolixidade; narrativa sem fim; conversa fiada. “Mas chega de **lengalenga**, pois o bode é que bodeja. Saio do chove não molha, entro no ar que troveja. Falar muito não me arrisco, deixo pra Antô Francisco. – Vou dar início à peleja!” (GC – p. 14). LCPDAE HA, FJ, AH, AB e EB. LCPND em FN. Cf.: **Lengalenguisse**.

LENGALENGUISSE *s. f.* Conversa fiada. Mentiras. Lorota. “(...) Pode crear que’u redigo. **Lengalenguisse** não ligo. Pode falar quem quiser. Se eu fosse batoré. Eu corria do papa-figo” (PI – p. 98). LCPND. Cf.: **Lengalenga**. NL: Trata-se de uma criação neológica do escritor.

LESADO *adj. m.* 1. Bobo. Sem noção. 2. Que sofreu alguma lesão. “Todo Paraíso dispranaviou. E Eva, evando a bestice Adão. Puxou o **lesado** pro mei do salão. Aí foi aí que o parzinho dançou. Adão foi ficando mei borocoxô quando escutou: - Os dois, tira o quince!!!! Casal pecador nessa festa não brinca” (ALD – p. 106). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA.

LETREJADO *adj. m.* Pessoa culta, instruída. “Pra mode ser **letrejado**. No erudito grã-fino. Abecedador de ensino. Painossador de amém. Aprendi não sei com quem. Uns três verbim em inglês” (ALD – p. 129). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

LUNDUM *s. m.* 1. Emburração. Pantim. 2. Dança de salão. “Seu doutor adevogado. Eu vou logo lhe contar. Pra evitar remunheta. Um **lundum**, um bafafá. Um le-rê-rê, um fuá. Um zambê ou latumia. Um dizer de putaria. Na frente do pessusá” (ALD – p. 107). LSDAE em HÁ e FJ. LSDAD em AH, AB e EB. LSND em FN. Var.: *Lundú*.

LUNDUZENTO *adj. m.* Emburrado. Zangado. Tinhoso. “Cabra do cambite fino. Testa de carneiro mocho. **Lunduzento**, catinguento. Covarde, birrento e frouxo” (ALD – p. 87). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN. Var.: *Lundunzeiro*.

LUSCO-FUSCO *s. m.* Diz-se do entardecer, escurecer. Crepúsculo. “(...) e os pais regressavam da jornada. **Lusco-fusco** do sol da tardezinha” (PI – p. 134). LCPAE em AH, AB, EB e FJ. LCPND em HA e FN.

M

MACACÔA *s. f.* 1. Qualquer doença sem gravidade. 2. Fadiga. Cansaço. “Já receitei pronto alívio pra tudo que é **macacôa**. O caba chega duente. Sai cum saúde das boa” (PI – p. 42). LSDAE em AB, EB e HA. LSDAD em FJ. LSND em AH e FN.

MACHEIRA *adj. f.* Diz-se da mulher da vida. Rapariga. “Aquilo é mulher **macheira** e cheia de piscção... Mulher noiteira é assim. Depois das Ave- Maria, troca a noite pelo dia e haja chuva no Sertão” (ALD – p. 130). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Cf.: **Quenga. Puta. Sirigaita**. Var.: *Rameira. Puta. Quenga*.

MACHEZA *s. f.* Qualidade de quem é macho. “Trupizupi, olha tú não me assusta com a fama da tua valentia. Porque essa **macheza** e freguesia até nem me parece tão robusta” (PI – p. 72). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN.

MÃE DE PANTANHA *s. f.* 1. Mãe do diabo. Mãe do coisa-ruim. 2. Personagem folclórico: uma bruxa que oferece aos homens duas noites de prazer. “Meu verso disse e desdisse. Ao contagiador de chanha. Pois nem a **Mãe de Pantanha**. Tem tanto balaco-baco” (ALD – p. 96). LCPDAE em FJ. LCPND em AH, AB, EB, HA e FN.

MAGOTE *s. m.* Bando. Turma. Porção. Grande quantidade de coisas ou pessoas. “Esse **magote** fême que saíro quaje agora. São tudo quenga chifrêra, véaca e caipora. De todas aqui presente, as única mulé decente só era eu e a sinhora” (PI – p. 165). LSDAE em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

MANÉ *adj. m.* Tolo. Ingênuo. “Vou deixar de ser **Mané**... Vou deixar de ser menino. Vou aprender poesia” (ALD – p. 122). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. Cf.: **Aruá**. **Besta**. NL: AH registra a lexia como uso informal, AB como brasileirismo e EB como uso coloquial.

MANGAÇÃO *s. f.* Chacota. Gozação. Zombaria. “Existe uma brincadeira qu’eu não gosto de brinca. É pulá qui nem macaco nos dia de Carnavá. É brincadêra suada, com sujeira e vexação. C’us povo bebo e muiado, vivendo de **mangação** (...)” (PI - p. 79). LSDAE em AH, HA, FJ e FN. LSND em AB e EB.

MANGAR *v.* Rir. Zombar. Caçoar. Ridicularizar. “Adão vendeu a costela pra gastar com bugiganga. Debaixo dum pé de manga. **Manguei** da caçola dela. Minha poncheira amarela tem ponche de acerola. Vi lima grega espanhola. Com um grego montado nela” (PI – p. 54). LSDAE em AH, AB, EB, HA, FJ e FN.

MANZANZA *s. f.* Lerdeza. Lentidão. “Curei frouxidão dos neuvo. Friviôco e brubuim. Tirei mentira de unha. Lundum, **manzanza** e pantim (...)” (PI – p. 43). LSND.

MARUAGE *s. f.* O mesmo que malandragem. “Os bruguelo de Minarva desaprendeu todo ensino. Véve chêi de **maruage**. Véve todo se bulino” (PI – p. 27). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN.

MATREIRO *adj. m.* 1. Astuto, esperto, experiente. 2. Malicioso. “Do Tavares, conhecido, ele mesmo é quem assina: “Sou brigador, sou **matreiro**, sou o galo de Campina. Sou ligeiro como um

‘zupe’, o meu nome é Trupizupe, o Raio da Silibrina” (GC – p. 13). LSDAE em HA, AH, AB e EB. LSND em FJ e FN.

MEIOTA *s. f.* Meia garrafa de qualquer bebida alcoólica. “Ao inventor da **meiota**. Do pifão e da lapada. Da talagada ferina. Da gororoba precária. Da abrideira querida. Da saideira sofrida. Da mandureba ordinária” (ALD – p. 85). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

MELADO *adj. m.* 1. Embriagado. 2. Sujo, emelecado. 3. Mel grosso de engenho, melaço. “Ao bafejo de cachaça. Ao biriteiro triscado. Ao ébrio, ao pinga-fogo. Ao bicudo e ao **melado**. Ao chupa-rolha, ao pinguço. Ao compaço do soluço. E ao cachaceiro safado” (ALD – p. 85). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em AH, AB, EB e HA. Cf.: **Bicudo. Ebrioso. Triscado.**

METER O PAU *loc. verb.* Falar mal de outrem. “(...) **mete o pau** no fí de seu Fulustreca... que não tem medo dele e sua reca. E aí começava o parará...” (PI – p. 134). LCXDAE em HA. LCXND em AH, AB, EB, FJ e FN.

MEROPEIA *s. f.* Cachaça. Bebida alcoólica. “À aperitividade dos bêbados. A carraspanice diária. Às **meropeias** da vida. À calibrina necessária. Ao bebível, ao potável. A tudo comemorável. Ao coquetel caneado” (ALD – p. 85). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Cf.: **Birita. Calibrina. Gororoba. Gramática. Quequéu.** Var.: *Merol.*

MIOLO DE POTE *loc. subst.* Diz-se de coisa tola, sem importância. Asneira. “(...) caboca varrendo pra lá e pra cá. Com laço de fita no mêi do cangote. Matuto conversa **miolo de pote**. Grudado num rádio da RCA” (PI – p. 108). LCXDAE em HA, FJ e FN. LCXND em AH, AB e EB.

MOLEIRA *s. f.* 1. Parte amolecida do crânio do recém-nascido. 2. Mulher do moleiro. 3. Proprietária ou funcionária de moinho. “Sou mosquito fazendo chocadeira em cacimba de água estagnada, sou bodoque mandando uma pedrada que acerta um bebê bem na **moleira**... Emboscada de onça

carniceira. Sou topada num prego enferrujado, urubu tocaiando um boi deitado, tempestade que assusta um jangadeiro; CPI no Congresso brasileiro, espalhando ladrão pra todo lado!” (GC – p. 36). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em FJ e FN.

MOLÉSTA DOS CACHORROS *loc. subst.* 1. Ira. Furor. Raiva. 2. Doença (hidrofobia). “eu sou filho do ôba! Afilhado do viva! Sou irmão da risada. Contramão da maldade. **Molésta dos cachorro** do vazio dos homens” (PI – p. 86). LCXDAE em FJ. LCXDAD em HA. LCXND em AH, AB, EB e FN.

MONARÊTA *s. f.* Tipo de bicicleta antiga. “Uma goiabada comida a metade. Numa **monarêta** não sei de que ano. Se troca fulano poar vinte sicrano” (PI – p. 112). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

MONDRONGO *adj. m.* 1. Coisa ou pessoa desajeitada. 2. Má-formação. 3. Pênis avantajado. “Chega o dia, toca o gongo. Os noivo vão pro altá. Ela de oi no **mondrongo** e o caba sem disfoiá” (PI – p. 141). LSDAE em AH e HA. LSDAD em FJ e FN. LSND em AB e EB. NL: AH registra a lexia como pejorativa.

MORCEGAR *v.* Andar agarrado numa condução. Apanhar uma condução. “Três moleque fedorento **morcegando** um caminhão. Chapéu de couro e gibão. Bodega com surtimento” (PI – p. 19). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Var.: *Amorcegar*.

MORMAÇO *s. m.* 1. Namoro libidinoso. 2. Tempo abafado. Calor. “Um graveto de amor no bico dum passarinho. Acolchoando o teu ninho nesse **mormaço** de lua. E ver tua carne crua só refletindo o clarão” (ALD – p. 65). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em AH, AB e EB. LSND em HA. Var.: *Mormasso. Bredo. Paleio. Embeleco. Xenhenhém*.

MOTE *s. m.* 1. Bebida alcoólica. Cachaça. 2. Assunto. Tema. 3. Conceito para ser glosado. 4. Estrofe colocada no início de um poema. “A bixiguenta da Lôla laigô de mão Zé Pinote. Que morreu dum trupicão. C’us quengo cheim de **mote**” (PI – p. 26). LSDAD em AH, AB e EB. LSND em HA, FJ e FN.

MUMUNHA *s. f.* Ato ilegal para benefício próprio. Corrupção. Artimanha. Mutreta. “Comigo não tem perreps, nem de trevés nem de frente, nem boreal nem austral. Nem rodilhando a serpente. Nem bregueço nem **mumunha**. Nem manha nem gabação. Nem coisada nem coisura. Nem frescagem nem frescura. Nem bitcho nem mermão” (ALD – p. 51). LSND.

MUNDIÇA *s, f.* 1. Ralé, populacho; 2. Sujeira. 3. Todo e qualquer inseto que incomode. “Meu cumpade Zé de Nuca recebi suas nutiça e já li, dei risada. Já espalhei pra **mundiça** por aqui tá um sufoco nós véve de pouco a pouco mode ladrão e puliça” (PI – p. 29). LSDAE em HA, FN, FJ e AH. LSND em AB e EB. NL: AH registra a lexia como regionalismo do nordeste do Brasil.

MUNGANGA *s. f.* Palhaçada. Careta. “Você que véve arrimado nas bengala do podê. Dou um chuto na bengala mode alejado corrê. Dou dedo, faço **munganga**. Canto Ouvira do Ypiranga e mando tudo se fudê” (PI – p. 36). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Var.: *Moganga. Muganga. Mungango.*

N

NHECO-NHECO *s.m.* Onomatopeia que designa a relação sexual. “os bicho faz a canção, faz tio-tio, faz teco-teco. Vou fazer um **nheco-nheco** no gemido do colchão” (PI – p. 58). LCPND em AH, AB, EB, HA, FN, e FJ.

NO FRIGIR DOS OVOS *loc. verb.* O mesmo que ao final; no fim de tudo. “Às vezes na molequeira, eu verso uma garanhagem que imputa quem pariu. Mas isso sempre existiu! Só era mais complicado: colchetes enfileirados abotoavam as caçolas. E por isso nem dou bolas: Sapateio na unha encravada do pudor, mas ele nem!... **No frigir dos ovos**, fica aquela graxa em cima do fogão. Conclusão: sou rádio de ondas curtíssimas e frequências bem moduladas.” (ALD – p. 22). LCXND.

O

O CÃO CHUPANDO MANGA *exp.* 1. Que ou aquele que apronta, danado. 2. Pessoa brava, valente. “Já Nica de Zé Pompeu tá **o cão chupando manga**. Trabiô cum coroné, amigo-se cum capanga, butou gaia lá no peste. Hoje dize no Agreste q’uele tá sortando franga” (PI – p. 27). LTDAE em FN. LTDAD em FJ. LTND em HA, AB, EB, AH.

OPILAÇÃO *s. f.* 1. Doença. Amarelão. 2. Obstrução. Entupimento. “Curei drumença dos muque. Dô das amiga e puxado. Trimilique, **opilação**. Má de amarelidão” (PI – p. 43). LSDAE em AB. LSDAD em AH. LSND em EB, HA, FJ e FN. NL: AB registra a variação *ancilostomíase*.

OUTROS QUINHENTOS *exp.* O mesmo que outra coisa, outra história. “A tropa de vocês 2. Valendo 10.300. Pego 310. Ajunto com 700. Arredondando faz 1.000. Eu lhe pago 9.000. Fico devendo 300. Lhe pago 20 de 10. – E os outros 100 miréis? – Aí são **outros 500!**” (ALD – p. 77). LCXND.

OXENTE *interj.* Expressão usada em situações de admiração, surpresa ou estranheza. “Meu inglês foi pros Istêites. Nos beijo do Pai Tomaz. Sem catabi, sem friage. Sem **oxente**, sem mais-mais” (PI – p. 55). LSDAE em AH, HA, FJ e FN. LSND em AB e EB.

P

PAGAR O PATO *loc. verb.* O mesmo que sofrer as consequências. “No meio do passeio. Com a nêga dentro do mato. Tive que **pagar o pato** da situação” (PI – p.169). LCXDAE em HA. LCXND em AH, AB, EB, FJ e FN.

PAPA-FIGO *s. m.* Personagem folclórico que sequestra crianças. “(...) Pode crear que’u redigo. Lengalenguisse não ligo. Pode falar quem quiser. Se eu fosse batoré. Eu corria do **papa-figo**” (PI – p. 98). LCPDAE em HA, FJ e FN. LCPND em AH, AB e EB. Var.: *Bicho-papão*.

PANTIM *s. m.* 1. Fingimento. Simulação. 2. Drama. Exagero. 3. Boato. “Cumpade Migué dos Cocho, cumpade véi sem **pantim** quem te escreve é Zé de Nuca o teu cumpade Zezim, pedindo logo licença (...)” (PI – p. 24). LSDAE em HA, FJ. LSDAD em FN e AH. LSND em AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

PARARÁ *s. m.* Continuação imaginária do assunto. “(...) mete o pau no fí de seu Fulustreca... que não tem medo dele e sua reca. E aí começava o **parará...**” (PI – p. 134). LSND.

PARTEJAR *v.* 1. Auxiliar um parto normal. 2. Bajular. “RECADO de Inaça Parteira: Por que diacho os douto não **partejam** mais? Só se vê operação!” (ALD – p. 160). LSDAD em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN.

PAU A PAU *loc. adv.* 1. Que ou aquele que é equivalente, de mesma capacidade. 2. No pau. “Não foi em qualquer esquina, nem encontro visual. Nem também de frente a frente, nem peleja virtual. Não boto peia, nem crivo, vem das páginas de dois livros. Dois discursos – **pau a pau**” (GC – p. 13). LCXDAD em HA. LCXND em FJ, FN, AH, AB e EB.

PEADO *adj. m.* Diz-se de animal preso com peia(s) à cavalgadura. “O mato cheirando forte. Canteiro de bem-casado. Calça matando marreca. Um vira-lata acuado. Resina de catingueira. Tiro forte de roqueira. Um burro velho **peado**” (ALD – p. 52). LSDAE em HA e AB. LSND em AH, EB, FJ e FN.

PÉ DE BURRO *s. m.* Cigarro de fumo de corda; cigarro de má qualidade. “O sogro cheio de dá-lhe tou dando... E dum ouvido pro outro: ora não casa... CASA! Ó o cigarro **pé de burro**! Ó o pacote de fumaça!” (ALD – p. 44). Var.: *Pacaia. Pacaio*. LCPDAE em HA, FJ e FN. LCPND em AH, AB e EB.

PEIA *s. f.* 1. Entrave, obstáculo. 2. Ligas de couro (ou de outro material) usadas para subir em coqueiros. 3. Surra. 4. Chicote, açoite. 5. Pênis. 6. Relação sexual. “Não foi em qualquer esquina, nem encontro visual. Nem também de frente a frente, nem peleja virtual. Não boto **peia**, nem crivo, vem das páginas de dois livros. Dois discursos – pau a pau” (GC – p. 13). LSDAE em AB, EB e AH. LSDAD em HA, FJ e FN.

PEITO ABERTO *s. m.* 1. Doença causada por esforços constantes, como levantar ou carregar objetos pesados com frequência. 2. Diz-se daquele que age corajosamente, de forma destemida. “Já quase toda enfadada, provei lavagem de porco, aí mexeram de novo: botaram o pau na beirada. E assim, desconchavada, medi areia e cimento, carreguei muito concreto, molhado, duro e friento, sofri de **peitos aberto**, levei baque, dei peitada” (ALD – p. 48). Var.: *Espinhela caída. Arca caída*. LCPDAD em FJ. LCPND em AH, AB, EB, HA e FN.

PEIXEIRA *s. f.* 1. Faca comprida e pontiaguda. 2. Vendedora de peixes. “Eu sou praga de velha macumbeira, carabina que atira de emboscada, assobio de flecha envenenada e bufete aplicado com

soqueira... Sou as dez polegadas da **peixeira**, sou o gume afiado do facão (...)" (GC – p.28). LSDAE em AH, EB, AB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como um brasileirismo.

PELADA *s. f.* Jogo de futebol amador. “Aviso pro Romeirão de Capoeira do Milho! Linguinha não vem jogar. Pois a mulher teve filho. Patativa e Polegada vão bater uma **pelada** na Baixada dos Novilho” (ALD – p. 74). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. NL: AB registra a lexia como um brasileirismo.

PELEJA *s.f.* 1. Disputa/desafio em versos realizada entre dois artistas. 2. Ação de tentar exaustivamente. 3. Ação de combater, batalhar. “Eu digo, cumpro e sustento, com evidência nordestina, ao mostrar esta **peleja**, que há muito me fascina” (GC – p.11). LSDAE em HA. LSDAD em FJ, AH, AB e EB. LSND em FN.

PENDENGA *s. f.* O mesmo que rixa; desavença. “Cumpade Mané Farofa. Não se abestalde mais não. O mundo tá chei de feme. Dando até o coração. Se saia dessa **pendenga**. Puteando a mãe da quenga. Com duzentos palavrão” (ALD – p. 131). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN.

PENDOAR *v.* Ornar, enfeitar com pendões. “Bonito é cisterna cheia e o milhará **penduando**” (ALD – p. 62). LSND.

PERENICE *s. f.* O mesmo que continuidade. “Viagem pro Sítio Corta Bode: pra não ter uma turica. Banhar o cansaço na **perenice** do riacho de Luzia” (ALD – p. 57). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

PEREQUETÉ *adj. m.* 1. Diz-se daquele que é saliente nos modos. 2. Arrumado. Bem vestido. “Bibi de Mané do Cego cheia de **perequeté**. Já tá toda soletrada. Impareada com Dé” (PI – p. 25). LSDAE em HA. LSDAD em FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

PERREPS *adv.* O mesmo que talvez, possibilidade. “Comigo não tem **perreps**, nem de trevés nem de frente, nem boreal nem austral. Nem rodilhando a serpente. Nem bregueço nem mumunha. Nem manha nem gabação. Nem coisada nem coisura. Nem frescagem nem frescura. Nem bitcho nem mermão” (ALD – p. 51). LSND. NL: o *Dicionário Online Informal* registra a lexia como um estrangeirismo originário do inglês.

PERSEGUIDA *adj. f.* Órgão sexual feminino. Vagina. “As doença da cornura quaje mata Zé Nenê. Corina foi pruma festa mais Miró, Pituca e eu. Mode um copo de bebida amostrou a **perseguida**. Pituca, pimba, comeu” (PI – p. 25). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Cf.: **Xibiu**. **Xoxota**.

PIÇAS *s. f.* Órgão sexual masculino. Pênis. “Com rinchos, rinchos e rinchos. Sonoros urros tenor. Jumentos ajumentados. Obscenam seu pudor. Garupam, se acorcundam. As **piças** se aprofundam. Num tungar desonrador” (ALD – p. 147). LSND.

PIFÃO *s. m.* Bebedeira. Embriaguez. “Ao inventor da meiotá. Do **pifão** e da lapada. Da talagada ferina. Da gororoba precária. Da abrideira querida. Da saideira sofrida. Da mandureba ordinária” (ALD – p. 85). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Cf.: **Carraspanice**. **Pileque**. Var.: **Borracheira**. NL: AH registra a lexia como informal.

PILEQUE *s. m.* Bebedeira. Porre. “À bebedeira, ao **pileque**. Ao mundo do engasga-gato. Da branquinha e da bicada. Do ebrioso de fato” (ALD – p. 85). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Cf.: **Carraspanice**. **Pifão**. NL: AH registra a lexia como brasileirismo e AB como brasileirismo de uso popular.

PILHERIOSE *s. f.* Que(m) é cheio de pilhéria, deboche. “Voltou num **pilheriose**. Birrento do istopor. Foi dizendo pro meu lado: - Couro de bombo furado vale mais que teu amor” (ALD – p. 107). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

PINGA-FOGO *adj. m.* Diz-se de quem é traquina, danado, levado. “Ao bafejo de cachaça. Ao biriteiro triscado. Ao ébrio, ao **pinga-fogo**. Ao bicudo e ao melado. Ao chupa-rolha, ao pinguço. Ao compaço do soluço. E ao cachaceiro safado” (ALD – p. 85). LCXDAE em FJ. LCXND em AH, AB, EB, HA e FN.

PINGUÇO *adj. m.* Cachaceiro. Alcoólatra. “Ao bafejo de cachaça. Ao biriteiro triscado. Ao ébrio, ao pinga-fogo. Ao bicudo e ao melado. Ao chupa-rolha, ao **pinguço**. Ao compaço do soluço. E ao cachaceiro safado” (ALD – p. 85). LSDAE em AH, AB, EB e FN. LSND em HA e FJ. NL: AH registra a lexia como brasileirismo de uso informal; AB como brasileirismo e EB como gíria.

PINICO *s. m.* Urinol. “Dei um chute no **pinico** que zuniu lá pra cozinha” (ALD – p. 108). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. Var.: *Penico*. NL: AH registra a lexia como de uso informal, AB como popular e EB, coloquial.

PINOTE *s. m.* Salto. Pulo. “Durmo com galo e caçote. Sonho com vaca e garrote. Acordo de um **pinote**. Com galo e com sabiá” (ALD – p. 110). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN.

PIRANGUEIRO *adj. m.* 1. Aproveitador. Trambiqueiro. 2. Mão-de-vaca. Miserável. “Cobrar o xexo de mais de cem conto, do **pirangueiro** do Geba” (ALD – p. 57). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

PISCAÇÃO *s. f.* Ação de flertar, paquerar. “Aquilo é mulher macheira e cheia de **piscação**... Mulher noiteira é assim. Depois das Ave- Maria, troca a noite pelo dia e haja chuva no Sertão” (ALD – p. 130). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

PITACAR *v.* Dar palpite; palpitar. “Hoje, Joaquinha Pimbão sentou praça na política. De agora em vante, **pitaca**: De constipação de sanfona à atracação de navio” (ALD – p. 57). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

POLEIRO *s. m.* 1. Vara onde as aves domésticas dormem. 2. Arquibancada de circo. “Nem toda caixa é de marcha. Nem toda água é de cheiro. Nem toda trave é **poleiro**. Nem todo irmão é metralha. Nem todo fogo é de palha. Nem toda gota é serena” (ALD – p. 93). LSDAE em AH, AB, EB, FJ e FN. LSND em HA.

PONCHE *s. m.* Refresco de frutas. Suco. “Adão vendeu a costela pra gastar com bugiganga. Debaixo dum pé de manga. Manguei da caçola dela. Minha poncheira amarela tem **ponche** de acerola. Vi lima grega espanhola. Com um grego montado nela” (PI – p. 54). LSDAE em AH, AB, EB, HA, FJ e FN. NL¹: AH registra a lexia como brasileirismo. NL²: Trata-se de um arcaísmo.

PONCHEIRA *s. f.* Recipiente utilizado para colocar sucos, refrescos em geral. “Adão vendeu a costela pra gastar com bugiganga. Debaixo dum pé de manga. Manguei da caçola dela. Minha **poncheira** amarela tem ponche de acerola. Vi lima grega espanhola. Com um grego montado nela” (PI – p. 54). LSDAE em AH, EB e FJ. LSND em AB, HA e FN. NL: Trata-se de um arcaísmo.

PONTEAR *v.* Afinar instrumento. “É e nesse Nordeste tão desajuado. Que eu jangadeiro com o meu versejar. Vejo um violeiro no seu **pontear**. Musando uma musa que já deu nos calo. Enxergo um canteiro de crista de galo. Semelhante a do dito animá” (ALD – p. 73). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN.

POSSUÍDO *s. m.* 1. Genitália masculina. 2. Que demonstra possessão. 3. Que(m) se tem posse. “Pedi duzentos perdão. Fui acudir o coitado. Com os **possuído** amassado. Pela minha pisadura” (ALD – p. 91). LSDAE em HA, FJ e FN. LSDAD em AH e EB. LSND em AB.

PRA MODE *loc. adv.* De forma a; por causa de; a fim de; para. “Seu Mão Cheia, o inventor. O inventor de Ninguém. Também criou Pessoal. Só **pra mode** ver com qual. Ia deixar seus terém” (ALD – p. 142). LCXDAE em HA, FJ e FN. LCXND em AH, AB e EB. Var.: *Pro mode. Pru mode.*

PRO VIA *loc. adv.* Pela maneira. Pelo modo. “Não trouxe mais nada das banda de lá. **Pro via** dos carro não terem traseira” (ALD – p. 149). LCXDAE em FJ. LCXND em AH, AB, EB, HA e FJ. Var.: *Pru via.*

PROVOQUEIRO *adj. m.* Diz-se de que(m) é provocante. “É uma peça rendosa e refinada. Modelada pros traços da viola. Não é calça, calção e nem caçola. Camisola, anágua ou “baby-dó”. Esse traje é dos trajes o menor. **Provoqueiro**, faceiro e brincalhão. Cobre o ímã do mundo com razão” (ALD – p. 68). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

PUTA *s. f.* Diz-se de mulher da vida. Mulher mundana. Prostituta. “Preço das **puta** subiu. A balsa bem que dizia. Tão aplicando no fundo. Viva a Dom Pedro Segundo. Autor da fundoscopia” (PI – p. 96). LSDAE em AH, EB e HA. LSND em AB, FJ e FN. Cf.: *Macheira. Quenga. Sirigaita*. Var.: *Rapariga. Quenga. Rameira*. NL: AH registra a lexia como uso grosseiro e EB como chulo.

PUTANHAR *v.* O mesmo que farrar. Ir para a zoeira. “Veio o gerente do banco. Impeleítá um forró. Meia dúzia de bogó. E um taio de aguardente. Fragaro vinte tenente. **Putanhando** em Maceió” (PI – p. 96). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

PUXADO *s. m.* 1. Asma. 2. Construção para aumentar casa. 3. Diz-se de algo quando é/está exaustivo, cansativo. 4. Diz-se de algo quando sofreu estiramento. “Curie drumença dos muque. Dô das amiga e **puxado** (...)” (PI – p. 43). LSDAE em HA, FJ e FN. LSDAD em AH, AB e EB. Var.: *Puxamento.*

PUXA-ENCÓI *exp.* Dúvida. Indecisão. “Comigo não tem burdão. Nem chêpa nem atrapalho. Nem **puxa-encói** nem bilôra. Nem queixo desse trabalho. Não tem se quê nem pra quê. Nem medo de varapau. Nem zambê nem latumia. Nem luxo nem putaria. Nem a gota ou escambau” (ALD – p. 51). LCXDAE em FJ. LCXND em AH, AB, EB, HA e FN.

PUXAVANTE *s. m.* 1. Puxão forte. 2. Instrumento utilizado para aparar os cascos de animais. “Eu quis fazer um louvor à chuvinha criadeira. Ao **puxavante** do tempo. Às águas da cachoeira” (ALD – p. 161). LCPDAE em AH, HA, FJ e FN. LSND em AB e EB. Var.: *Puxavão. Puxavanco.*

Q

QUARADOR *s. m.* Varal em que se coloca roupas lavadas. “Toalha no **quarador**. Um terreiro bem varrido. Isso é cagado e cuspidado paisagem de interior” (PI – p. 22). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Var.: *Quaradouro. Coradouro*. NL: AH e AB registram a lexia como brasileirismo.

QUARTO *s. m.* 1. Nádegas. 2. Sentinela. Velório. 3. Cômodo para dormir. “Traz o balde! Joga o rodo! Tou c’us **quarto** que num guento!” (PI – p. 40). LSDAE em AH, AB e FJ. LSDAD em EB e FN. LSND em HA.

QUEBRADURA *s. f.* Luxação. “Curei frouxidão dos neuvo. Friviôco e brubuim. Tirei mentira de unha. Lundum, manzanza e pantim. Inchaço, má de gastura. Queimação e **quebradura**. Barrigada e farnizim” (PI – p. 43). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN. Var.: *Desmentidura*.

QUEBRANTO *s. m.* Prostração causada por mau-olhado. “Purgante de azeite preto. Beladona e capim santo. Com peitorá de angico e mais reza pra **quebranto**. Saí daquela quizila. Pensei em Zé de Cirila sofrendo do mesmo encanto” (PI – p. 53). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN.

QUENGA *s. f.* Prostituta. Rapariga. Mulher da vida. “É nessa tamborilada que os besta vira tarado. Que madame vira **quenga**. Que urso vira viado. Que o mais pacato se zanga. Que generá faz munganga. Qu’ê permitido pecado” (PI – p. 79). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Cf.: *Macheira. Puta. Sirigaita*. Var.: *Putá. Rapariga. Rameira*.

QUENGO *s. m.* 1. Cabeça. Crânio. 2. Que ou aquele que é muito sábio, inteligente. “A bixiguenta da Lôla laigô de mão Zé Pinote que morreu dum trupicão c’us **quengo** cheim de mote. A peste se infeitiçô-se por um cego endinheirado e o pobre caiu na têia (...)” (PI – p. 26). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB.

QUENGUICE *s. f.* Semvergonhice. Putaria. “Biuzinha de Pêdo Crôa é titulada em **quenguice**” (ALD – p. 150). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

QUEQUÉU *s. f.* Cachaça. Bebida alcoólica. “Encontrei Frank sem Natra. Só vendo pra mode crer. Com quengo chei de **quequéu**. Vendendo queijo com mel na porta da KGB” (ALD – p. 84). LSDAE em FN. LSND em AH, AB, EB, HA e FJ. Cf.: **Birita. Calibrina. Gororoba. Gramática. Meropeia.** Var.: *Manjopina. Pindaíba.*

QUICÉ *s. f.* 1. Faca pequena e afiada utilizada para cortar fumo. 2. Faca velha, sega e/ou sem cabo. “Cancela na rangedeira. Cheiradeira de rapé. Galo com calo na goela. Fumo cortado a **quicé**. Menino tamãe de nada. Dois matutos com enxada. Puxando cobra pro pé. (ALD – p. 52). LSDAE em HA e FJ. LSDAD em FN. LSND em AH, AB e EB.

QUIPROCÓ *s. m.* Confusão. Baderna. “Recebo nessa paragem. Quem vai de mal a pior. Mato quem morre na cana. Emburaco em **quiproquó**. Mesmo assim, analisando. Butecamente falando. Sou dos bares o menor” (ALD – p. 82). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. Cf.: **Bafafá. Fuá. Furdunço. Fuzuê. Gongga. Remunheta.** Var.: *Quiproquó.*

QUI-QUI-QUI *s. m.* 1. Risadas sarcásticas. 2 Fofoca. Fuxico. 3. Diz-se de quem fala gaguejando; gago. “Lai fôro os dois a se ri. Pro moté Ciço Romão. Foi grande judiação. C’as baguia sem abri. Era aquele **qui-qui-qui**. Era aquela fulerage. Azeitaro as engrenage e foram se diverti” (PI – p. 62). LCPDAD em FJ e FN. LCPND em AH, AB, EB e HA.

QUIZILA s. f. Aversão por algo/alguém. Azar. “Purgante de azeite preto. Beladona e capim santo. Com peitorá de angico e mais reza pra quebranto. Saí daquela **quizila**. Pensei em Zé de Cirila sofrendo do mesmo encanto” (PI – p. 53). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. Var.: *Quizília*.

R

RECA *s. f.* Cambada. Turma. “(...) mete o pau no fí de seu Fulustreca... que não tem medo dele e sua **reca**. E aí começava o parará...” (PI – p. 134). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA. Var.: *Renca*.

REFREGA *s. f.* 1. Luta. Briga. Combate. 2. Ventania “Matuto que vai pro Rio. Que volta travestisado. Cai logo numa **refrega**. Por só querer ser as prega. Pelo seu jeito bichado” (ALD – p. 136). LSDAE em AH, AB e EB. LSDAD em FN. LSND em HA e FN.

REIMOSO *adj. m.* 1. Qualquer coisa que faz mal à saúde, que é repugnante. 2. Comida imprópria para quem está com a saúde debilitada. “(...) Os doutô naquela artura ispaiava o buatêro e dizia: - meu cumpade o nome dessa verdade é Astragildo de Medêro. Já um nome apeiticado. Já um nomezim **reimoso**. Já não é considerado. Já não pode ser famoso” (PI – p. 71). LSDAE em HA e FJ. LSDAD em FN. LSND em AH, AB e EB.

RUMAR *v.* Tomar rumo. Ir embora. “Saí de Campina montado num jegue. **Rumando** pra ilha de Itamaracá” (PI – p.147). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN.

REMUNHETA *s. f.* Desavença. Discussão. “Seu doutor adevogado. Eu vou logo lhe contar. Pra evitar **remunheta**. Um lundum, um bafafá. Um le-rê-rê, um fuá. Um zambê ou latumia. Um dizer de putaria. Na frente do pessuá” (ALD – p. 107). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Cf.: *Bafafá. Fuá. Furdunço. Fuzuê. Gonga. Quiprocó*.

REVÉS *s. m.* Adversidade. Infortúnio. “Nesse mundão de mireis. Tem coisa que não aguento. Viver noventa por cento. Morrer por falta de dez... Se não fosse este **revés**, estes senões

reprisados” (ALD – p. 138). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Var.: *Revestrés*.

RUDIA *s. f.* Pano enrolado em espiral. “Quando chega a invernada, a vida fica mais rica. A chuva bate nas telha, das telha corre pra bica. A bica transborda o pote, o pote molha **rudia**. É aquela correria, é aquela animação (PI – p. 57). LSDAE em HA, FJ, AH, AB e EB. LSND em FN. Var.: *rodia, rodilha*.

RUGE-RUGE *s. m.* 1. Confusão. Corre-corre. 2. Ruído produzido pelo arrastar de saias. “– Baliêra é no mangaio! – Ô **ruge-ruge** da gota! – Tou liso, pra que balaio? (...)” (PI – p. 118). LCPDAE em FJ. LCPDAD em AB e EB. LCPND em AH, HA e FN.

S

SAGRADICE *s. f.* Condição de ser sagrado. “Vê-se farelo de beijo que esborra dos beijar. Lindosos brincos que brincam de ser moça e namorar. **Sagradice** de desejo, dexovê de qual o tipo... do tipo de nenhum tipo que se pode imaginar” (ALD – p. 59). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

SAIR DE PADIOLA *loc. verb.* Sair transportado em uma maca como um ferido ou doente. Trupizupe, olha tu não me assusta com a fama da tua valentia. Porque esta macheza é freguesia e até nem me parece tão robusta. Uma boa palmada não me custa pois no fundo eu te acho delicado. Se tu és um valente escolado eu quebrei no cacete a tua escola. O teu mestre **saiu de padiola** e teu supervisor invertebrado” (GC – p. 17). LCXND.

SALAFRÁRIO *adj. m.* Indivíduo desonesto; aproveitador. “Tou pensando no cego ter falado. Que a idade não capa pensamento. Que fumaça não tapa firmamento. Que igreja não capa o vigário. Que cadeia não cura o **salafitário**. Que senado não pune o deputado” (ALD – p. 55). LSDAE em HA, AH, AB e EB. LSND em FJ e FN. Var.: *salafra*. NL: AB registra a lexia como popular e EB como coloquial.

SERIGAITOSO *adj. m.* Diz-se de quem é magricelo; magrelo. “Diga que Nora casou-se com o vizinho de Xexéu. Que o noivo **serigaitoso** pisou na barra do véu” (ALD – p. 127). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

SINA *s. f.* Destino. Sorte. “Iscrivi pra capitá do país das Argentina. Uma carta pro meu cumpade. Falando da minha **sina**” (PI – p. 53). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em HA, FJ e FN. NL: AH registra a lexia como informal e EB como coloquial.

SIRIGAITA *s. f.* 1. Mulher da vida. Prostituta. Meretriz. 2. Mulher espevitada. 3. Mulher espertalhona. “As dezoito pregas de uma careta. Por duas preguinhas d’um riso calado. Uma **sirigaita** do beijo pintado. Por uma cabôca bonita e faceira” (PI – p. 113). LSDAE em AB, EB e FJ. LSDAD em AH e HA. LSND em FN. Cf.: **Macheira. Quenga. Puta**. NL: AB registra a lexia como uso familiar e EB como coloquial.

SOBEJO *s. m.* Resto, aquilo que sobra. “E eu que passei sete dia sem querer assobiar. Pra não gastar o **sobejo** daquele primeiro beijo. Não valeu eu te amar” (ALD – p. 71). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN.

SOBROÇO *s. m.* O mesmo que medo, receio. “Mas tive um disposto depois do reporte. Mode uma notia que o peste me deu. Falou que mataro cumpade Nenêu. Pertou o meu peito, me deu um **sobroço**. O povo correro, foi um arvorço” (PI – p. 39). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Cf: **Trimilique**. Var.: *Sobrosso*.

SÓ QUER SER AS PREGAS *exp.* Diz-se de quem é soberbo; metido. Quem se acha ou se coloca numa posição de superioridade. “Matuto que vai pro Rio. Que volta travestizado. Cai logo numa refrega. Por **só querer ser as prega**. Pelo seu jeito bichado” (ALD – p. 136). LTDAE em FJ. LTND em AH, AB, EB, HA e FN.

SÓ TEM ARRANCO *loc. verb.* Diz-se de algo ou alguém que aparenta ter muito vigor mas não sai do lugar. “Não sou esses balai todo! Sou meio desleriado. E quando ligo o desligo: Tõe-õe-õe-õe-õe-õe-õe! Vejo que **só tem arranco**, ao me ver ali parado. Minhas dúvidas são campestres. Minhas rimas são risais. Baldias, uns dias. De procurar alegrias na baixa dos tristezais” (ALD – p. 21). LCXND.

SOVA *s. m.* Surra. Pisa. “Trupizupi prepara a tua cova é chegado o dia da decisão. Vai fazer tua última comunhão pois eu já preparei a tua prova. De arame farpado vai ter **sova**. Vai lembrando do teu aprendizado pois eu já tou ficando endiabrado, só de raiva já dei um saculejo, dei até beliscão em azulejo mas ainda não tou mal-humorado” (PI – p.76). LSDAE em HA, FJ, AH, AB, e EB. LSND em FN. Var.: *surra*.

SOVACO *s. m.* O mesmo que axila. “Rudia, cesta e balaio. Quizila no pé do pote. Pinguço, pinto e pinote. Nessa tuia de mangaio, desde ontem que eu não caio no **sovaco** de Maria.

Chiquinha gorda dizia. Ô caba pra dá trabaio” (PI – p. 55). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. NL: AH registra a lexia como informal e EB como coloquial.

SOVACUDO *adj. m.* Preguiçoso. Ocioso. Indolente. “Bajulador, enredeiro. Rabujento e lambuzão. **Sovacudo** e indecente. Tapiador de inocente. Perreador de leão” (ALD – p. 87). LSDAE em HA. LSND em AH, AB, EB, FJ e FN.

SOVELA *s. f.* Instrumento utilizado pelos sapateiros para furar o couro dos sapatos. “Sou mosquito que traz febre amarela, sou espinha de peixe na garganta, sou o peso da roda da jamanta quando desce a ladeira na banguela... sou furada de ponta de **sovela**, sou aranha emboscada em sua teia, rabanada de cauda de baleia, telegrama trazendo má notícia: sou carona no carro da polícia e hospedagem gratuita na cadeia” (GC – p. 22). LSDAE em AH, AB, HA, FJ e FN. LSND em EB.

SUSTANÇA *s. f.* 1. Força. Disposição. Vigor. 2. O mesmo que substância. “Eu quero trocá meu nome. P’rum nome mais verdadeiro. Pois Nuca de Zé Bedêu não tem **sustança**, nem chêro. Quero um nome de douto. Graúdo, respitadô” (PI – p. 70). LSDAE em AB, EB, HA, FJ e FN. LSDAD em AH. NL: AB registra a lexia como uso popular.

T

TABACUDO *adj. m.* 1. Destemido. Valentão. 2. Bobo. Leso. 3. Matuto. Caipira. “Eu quis provar com audácia pros Senhores **Tabacudos**. Que poeta quando rima. Se quiser, é quase tudo. Com o seu desconchavor. Tupiniquismo-Nagô. Faz do ventinha um ventudo” (ALD – p. 163). LSDAE em FJ. LSDAD em HA e FN. LSND em AH, AB e EB.

TABEFE *s. m.* Tapa, soco, murro, bofetada. “Sou lacrau prometendo ferroadada ao doutor que extraiu sua peçonha. Alfinete escondido numa fronha, Titanic afundando a marujada. Mike Tyson de manga arregaçada, preparando um **tabefe** e com razão. Nuvem negra da fala do trovão, desaforo na verve dum poeta. Frouxidão em guidom de bicicleta, que destrona o ciclista campeão” (GC – p. 37). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. Var.: *bofete, tabacada, chapuletada*. NL: AH registra a lexia como informa e AB como popular.

TABULEIRO *s. m.* 1. Bandeja retangular. 2. Terreno arenoso. 3. Quadro onde se joga xadrez, damas, etc. “Bodega com surtimento. Poeira no pé de vento. **Tabulêro** de cocada. Banguela dando risada das prosa do cantador” (PI – p. 19). LSDAE em AH, EB e FJ. LSDAD em AB, HA e FN.

TALAGADA *s. f.* Dose exagerada de qualquer bebida alcoólica. “Deseicheiando as garrafas com apertamento de mão. Bebinhos bebos da silva me segredam o coração. A **talagada** eu arbitro. Oito copos faz um litro. Dois litros uma discussão” (ALD – p. 80). LSDAE em AH, EB, HA e FJ. LSND em AB e FN. NL: AH registra a lexia como brasileirismo.

TERÉM *s. m.* Qualquer objeto pessoal. “Seu Mão Cheia, o inventor. O inventor de ninguém. Também criou Pessoal. Só pra mode ver com qual ia deixar seus **terém**” (ALD – p. 142). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

TERÊ-TÊ-TÊ *s. m.* Conversa mole. Conversa fiada. Lengalenga. “Nas esquinas garranchentas. Desse mundo calejado. Chocalam-se cascavéis. Quanto mais tem esquentado. No mei do **terê-tê-tê**. As coisas que eu vim dizer. Tem tudo a ver com roçado” (ALD – p. 53). LCPDAE em FJ. LCPND em AH, AB, EB, HA e FN.

TER PANOS PRAS MANGAS *exp.* Diz-se de situação ou discussão que terá um longo tempo, que vai se estender excessivamente. “Quando o negócio é tranchã. Ou tome lá e dá cá. Não pode dar cu de boi: ou dá pra Biu ou não dá. E **tendo pano pras mangas**. A rosa pode chupar. Estratosfera se ajeita e elege quatro prefeitas. Da putada estaduá” (ALD – p. 144). LTND.

TINHOSO *adj. m.* 1. Chato, irritado. 2. O mesmo que diabo. “Matuto cortando lenha. Desinteirando o inteiro. Vaqueiro astuto, **tinhoso**. Pegando o gado no pelo. Com cheiro doce de bosta. Cheio de nó pelas costa. Fala pelos cotovelo” (ALD – p. 53). LSDAE em FJ, AH e EB. LSDAD em AB e HA. LSND em FN.

TIRIÇA *s. f.* 1. Doença que causa amarelidão na pele. 2. Diarreia. Disenteria. “Já tratei de **tiriça** das coitada das criança. Tratei de dô nos cambito adispois de muita dança (...)” (PI – p. 42). LSDAE em HA. LSDAD em FJ. LSND em AH, AB, EB e FN. Var.: *interícia*.

TOCAIAR *v.* 1. Vigiar, espreitar. 2. Emboscar-se para caçar ou matar. “Sou mosquito fazendo chocadeira em cacimba de água estagnada, sou bodoque mandando uma pedrada que acerta um bebê bem na moleira... Emboscada de onça carniceira. Sou topada num prego enferrujado, urubu **tocaiando** um boi deitado, tempestade que assusta um jangadeiro; CPI no Congresso brasileiro, espalhando ladrão pra todo lado!” (GC – p. 36). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. NL: AB registra a lexia como um brasileirismo.

TOPADA *s. f.* Ato de esbarrar em algo involuntariamente. “Eu sou topada de unha encravada, sou gilete no mêi no tobogã, sou o flagra da foda no divã, sou feiura dum talho de inchada (...)” (GC – p. 21). LSDAE em AH, AB, EB e FJ. LSND em HA e FN. Var.: *tropicão*; *trupicão*. NL: HA registra a variante *tropicão*.

TOSSE IGREJEIRA *loc. subst.* Tosse intermitente e persistente. “Rezo quatro Ave-Maria ao Glorioso São Gerome para que nos livre da dor (...) Nos livre da companhia dum cabra chato e pidão. Dum sujeito bexigoso, sem figo e sem coração. Duma **tosse igrejeira**. Dum trupicção de ladeira. Duma laigada de mão” (ALD – p. 49). LCXND. Var.: *Tosse de cachorro. Tosse de cachorro doido.*

TOSTÃO *s. m.* 1. Qualquer soma pequena em dinheiro. 2. Moeda antiga. 3. Joelhada desonesta. “Que Ninguém tem bom juízo. Ninguém tem bom coração. Ninguém fica com dinheiro. E o Pessoal sem **tostão**” (ALD – p. 142). LSDAE em AH. LSDAD em AB, EB, FJ e FN. LSND em HA. NL: AH registra a lexia como informal.

TRAMBIQUEIRO *adj. m.* Diz-se de quem é vigarista, trapaceiro. “De corrupto e de boleiro. Vigarista e quadrilheiro. **Trambiqueiro** espertalhão. Malandro, goela e bufão. Felaputista afamado. Patife deseducado” (ALD – p. 18). LSDAE em AH, EB, HA e FJ. LSND em AB e FN. Var.: *Tramenheiro*. NL: EB registra a lexia como uso coloquial.

TRAMELA *s. f.* Espécie de tranca para portas e janelas. “Acunho logo a **tramela** nas portas da corrupção. Toco fogo na lixeira e passo de mão em mão” (PI – p. 36). LSDAE em AH, AB, EB, HA, FJ e FN. Var.: *Taramela*.

TRANCHÃ *adj. m.* Diz-se de que(m) é certo, que(m) tem princípios. “Quando o negócio é **tranchã**. Ou tome lá e dá cá. Não pode dar cu de boi: ou dá pra Biu ou não dá. E tendo pano pras mangas. A rosa pode chupar. Estratosfera se ajeita e elege quatro prefeitas. Da putada estaduá” (ALD – p. 144). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

TRANXINXIM *s. m.* Trejeito. Gesticulação exagerada dos movimentos corporais. Diz-se de algo ou alguém que está cheio, repleto. “Quero ver teu corpo nu emprenhado de doçura. Cheio de derretedura no **tranxinxim** da paixão” (ALD – p. 65). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Var.: *tranchichim*.

TRAVESTISADO *adj. m.* Diz-se de quem adquiriu novos hábitos; quem está com novas maneiras de agir. “Matuto que vai pro Rio. Que volta **travestisado**. Cai logo numa refrega. Por só querer ser as prega. Pelo seu jeito bichado” (ALD – p. 136). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

TREPEÇA *s. f.* Pessoa esquisita, sem classe, desajeitada. “Passar no beréu de Jucelino Cu de Cheque. Saber quem são aquelas **trepeças**” (ALD – p. 58). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB e FN.

TRIAÇÃO *s. f.* Diz-se quando algum músculo é machucado. “Matuto com insucesso. Eu já curei um bucado. Tiro, coice, pexerada. Queda de burro marvado. Má querença, má tensão. Ingrizia, **triação**. Três-sol e peito cerrado” (PI – p. 44). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN.

TRIMILIQUE *s. m.* O mesmo que medo, receio. “Curei drumença dos muque. Dô das amiga e puxado. **Trimilique**, opilação. Má de amarelidão” (PI – p. 43). LSDAE em AH, AB, EB e HA. LSND em FJ e FN. Cf.: **Sobroço**. Var.: *Tremelique*.

TRIPA GAITÊRA *loc. subst.* Intestino Grosso. “E má de instalamento. Dos má da **tripa gaitêra**. Eu já tratei de cocêra . ardido morroida e vento” (PI – p. 43). LCXDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

TRISCADO *adj. m.* 1. Embriagado. 2. Que foi disputado, brigado. “Ao bafejo de cachaça. Ao biriteiro **triscado**. Ao ébrio, ao pinga-fogo. Ao bicudo e ao melado. Ao chupa-rolha, ao pinguço. Ao compaço do soluço. E ao cachaceiro safado” (ALD – p. 85). LSDAE em HA e FJ. LSND em AH, AB, EB e FN. Cf: **Bicudo**. **Ebrioso**. **Melado**.

TRUPICÃO *s. m.* Ação ou resultado de tropeçar. “Prateleiras são tábuas enjambradas. Com um caibro servindo de escora. Tem também não sei qual Nossa Senhora. Com um jarrinho de louça bem do lado. Um trapézio de flandres areados. Um jirau com manteiga de latão encostado ao lado do balcão. Um caneiro embicando uma lapada. Passa as costas da mão pelas beíçadas. Se apruma e sai dando **trupicão**” (ALD – p. 41). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Var.: *Tropicão*. *Topada*.

TUIA *s. f.* 1. Quantidade. Montículo. Ruma. 2. Recipiente para armazenar cereais. “Rudia, cesta e balaio. Quizila no pé do pote. Pinguço, pinto e pinote. Nessa **tuia** de mangaio, desde

ontem que eu não caio no covaco de Maria. Chiquinha gorda dizia. Ô caba pra dá trabaio” (PI – p. 55). LSDAE em HA e FJ. LSDAD em AH, AB e EB. LSND em FN. Var.: *Tulha*.

TUNGAR v. O mesmo que bater, surrar. “Com rinchos, rinchos e rinchos. Sonoros urros tenor. Jumentos ajumentados. Obscenam seu pudor. Garupam, se acorcundam. As piças se aprofundam. Num **tungar** desonrador” (ALD – p. 147). LSDAE em AH. LSND em AB, EB, HA, FJ e FN.

TURICA s. f. Mal-estar; desfalecimento. Sensação de desmaio. “Viagem pro Sítio Corta Bode: pra não ter uma **turica**. Banhar o cansaço na perenice do riacho de Luzia” (ALD – p. 57). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

U

URÊIA *s. f.* Parte externa do ouvido. Orelha. “– Olha o jirimum cabôco! – Olha o abacaxíí! – Brinco de menina fême! – Traíra de coco e siri! – É califon e caçola que tá no risco da moda! – Vamo abrindo aí a roda... afasta aí brocoió!! – Cura muxição de **urêia**, ferradura de abêia, mijadura de potó (...) (PI – p. 117). LSND em FJ, FN, HA, AH, AB e EB. NL: AH, AB e EB registram “orelha”. NE: Trata-se de uma corruptela da palavra “orelha”.

URUPEMA *s. f.* Espécie de peneira feita de fibra vegetal. “Se espalha uma colcha de mangalho: é cabresto, cangalha e é peixeira. **Urupema**, pilão, desnatadeira, candeeiro, cabaço e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. Alpercata, chicote e landuá. Arataca, bisaco e alguidar. Pé de cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez, dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar” (ALD – p. 40). LSDAE em EB, AB, HA, FJ e FN. LSND em AH. Var.: *urupemba*, *arupemba*. NL: AB registra a lexia como um brasileirismo.

V

VAREI-TE *interj.* Usa-se para exprimir espanto, surpresa. “**VAREI-TE!!!** Quá-rá-quá-quá! Que diabo é isso acolá? O bicho cagou no quarto!” (PI – p. 41). LSDAE em FJ. LSND em AH, AB, EB, HA e FN. Var.: *Vareio*.

VÉACA *adj. f.* 1. Pessoa de má índole. 2. Traíçoeira. 2. Animal arisco e fujão. “Esse magote fême que saíro quaje agora. São tudo quenga chifrêra, **véaca** e caipora. De todas aqui presente, as única mulé decente só era eu e a senhora” (PI – p. 165). LSDAE em AB. LSDAD em AH, EB, FJ e FN. LSND em HA. NL: AH, AB, EB, FJ e FN registram a variante *velhaca*.

VEXADO *adj. m.* 1. Apressado; impaciente. 2. Acanhado; constrangido. “O Raio da Silibrina (BT), começou com valentia. O Relampo da Palavra (JQ), espreitando de vigia. Entrou **vexado** e macio, igual aranha no fio, que nem faca em melancia” (GC – p. 15). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

VEXAÇÃO *s. f.* 1. Pressa. Correria. 2. Vexame. Constrangimento. “Existe uma brincadeira qu’eu não gosto de brinca. É pulá qui nem macaco nos dia de Carnavá. É brincadêra suada, com sujeira e **vexação**. C’us povo bebo e muiado, vivendo de mangação (...)” (PI - p. 79). LSDAE em AH. LSND em AB, EB, HA, FN e FJ.

VEXAME *s. m.* 1. Correria. Pressa. 2. Vexação. Vergonha. “Gente humana é esquisita. No **vexame** da paixão. Meu mundo desgringolou-se... Filomena apaixonou-se por Severino Babão” (ALD – p. 87). LSDAE em EB, HA, FJ e FN. LSDAD em AH e AB. NL: EB registra a lexia como regionalismo.

VISAGEM *s. f.* O mesmo que fantasma, alma penada. “Rezo quatro Ave-Maria ao Glorioso São Gerome para que nos livre da dor (...) Nos livre dum nôro besta ou duma genra fregona. Que Zé meu abaixe o facho pro lado daquela dona. Nos livre duma **visage** de alma braba e defunto... Puxando agora de banda. Disgaviando o assunto. Nos livre daqui pra diante do roubo dos governantes, coisa que duvido muito” (ALD – p. 50). LSDAE em AH, AB, EB, HA e FJ. LSND em FN. NL: AH e AB registram a lexia como Brasileirismo.

VITALINA *s. f.* Diz de mulher celibatária. Solteirona. Moça velha. “(...) vi **vitalina** feliz. Que só não deu por um triz. Mas inda isquentô o rabo” (PI – p. 80). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB.

VOSMECÊS *pron.* O mesmo que você. “Dei folga pra **vosmecês**. No falatório verboso. Fiquei obsequioso. Industriado em finura” (ALD – p. 129). LSND. Var.: *Vosmecê*. *Vosmicê*. NL: Trata-se de um arcaísmo.

X

XAROPE *s. m.* 1. Coisa ou pessoa chata, enfadonha, reclamona. 2. Medicamento. “A noiva, uma bichona **Xarope**, de cara feia enguiçada. Era um cotoco de bunda. Aquela coisona igual. Qual linguiça degolada” (ALD – p. 44). LSDAE em HA. LSDAD em AH, AB e EB. LSND em FJ e FN.

XAXAR *v.* Dançar o xaxado. Frevar. “Junto à fogueira **xaxaram** bem o xaxado. Foi tiro pra todo lado dizendo comemorar (...)” (PI – p. 173). LSDAE em FJ e FN. LSND em AH, AB, EB e HA.

XEXÊRO *adj. m.* Enganador. Trapaceiro. Caloteiro. “Gerome de Zé Lotéro. Aquilo é que é sê safado. Além de falso e **xexêro**. É mentiroso e tarado” (PI – p. 163). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Var.: *Xeixeiro. Seixeiro. Checheiro.*

XEXO *s. m.* Trapaga. Calote. Golpe. “Cobrar o **xexo** de mais de cem conto, do pirangueiro do Geba” (ALD – p. 57). LSDAE em HA, FJ e FN. LSND em AH, AB e EB. Var.: *seixo, checho.*

XIBIU *s. m.* Órgão sexual feminino. “E Chica de Mané Grôa. Desembestou e sumiu. Pois dissero qu’ela tinha alicate no **xibiu**. Cumpade Pinto, coitado, só fala “Pinto Quebrado é a puta que pariu!” (PI – p. 158). LSDAE em EB, HA, FJ e FN. LSND em AH e AB. Cf.: *Perseguida. Xoxota*. Var.: *Prexeca. Bacorinha. Boceta. Tabaco*. NL: EB registra a *lexia* como regional.

XIRIMBAMBADA *s. f.* Contexto em que várias pessoas estão com seus corpos em contato, pele a pele. “É nessa **xirimbambada** que acabei de conta que adispois de nove mês, mais pra perto do Natá, in quaje toda famia nasce um fi da fulia cum esse tá de Carnavá” (PI – p. 82). LSDAE em AH. LSND em AB, EB, FJ, FN e HA. Var.: *turumbaba*.

XODÓ *s. m.* Chamego. Namoro. Paixão. “Fale pra ele dessa existência bela. Dos jarrinhos na janela. Dos fuxico e dos **xodó**” (PI – p. 89). LSDAE em AH, AB, EB HA e FJ. LSND em FN. Cf.: *Corruchiado*. NL: AH registra a lexia como informal e AB como brasileirismo.

XOXOTA *s. f.* Órgão sexual feminino. “(...) Dom Pedro Segundo vingou a xoxota dela. Foi uma fotonovela. A maior foto do mundo” (PI – p. 55). LSDAE em AH, EB e HA. LSND em AB, FJ e FN. Cf.: *Perseguida*. *Xibiu*. NL: AH registra a lexia como uso grosseiro e EB como chulo.

Z

ZEBESQUETE *s. m.* Ânus. Bunda. Nádegas. “Um douto piscialista em Bocá de Tarraqueta. Doutô de Quinca e Dentrol, **Zebesquete** e Carrapeta” (PI – p. 155). LSDAE em HA e FN. LSND em FJ, AB, EB e AH. Cf.: **Fiofó**. Var.: *zebescuefe, zebesquefe*.

ZIG-ZIGS *s. m.* 1. O mesmo que conversa fiada. 2. Libélula. “(...) A linha saiu do trem. Roubaram Ronaldo Big’s. Não venha com **zig-zigs** que eu não conto p’ra ninguém” (PI – p. 97). LCPDAD em HA. LCPND em AH, AB, EB, FJ e FN. NL: Trata-se de uma criação neológica do escritor.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RESULTADOS

Neste capítulo tratamos da análise dos resultados dos dados levantados sobre o léxico regional-popular nas obras *Agruras da lata d'água* (2016), *Paisagem de Interior* (2018) e *Galos de Campina* (2018) do escritor paraibano Jessier Quirino. Vale salientar que todas as obras literárias anteriormente citadas constituem o objeto desta pesquisa.

Ao finalizar este estudo, o qual resultou um glossário, pudemos constatar que os aspectos léxico-semânticos revelaram traços socioculturais da região do escritor, isto é, do Nordeste brasileiro. Convalidando, assim, as teorias que fundamentam nossa pesquisa, as quais revelam a indissociabilidade existente entre língua, cultura e sociedade.

Com vista ao objetivo central desta pesquisa, elaboramos um glossário léxico-semântico, cuja construção foi guiada à luz dos pressupostos da Lexicologia e da Lexicografia, numa perspectiva geo-sócio-etnolinguística. Pudemos, desse modo, constatar a mutabilidade e a renovação da língua, além de seu processo criativo, visto que, as obras quirinianas contam com um leque de criações neológicas de autoria do próprio escritor. Evidenciando, assim, que o léxico é algo vivo e volátil. Nessa direção, é possível afirmar que, as 435 lexias analisadas neste trabalho nos permitem conhecer e compreender melhor a riqueza vocabular da região do Nordeste brasileiro, bem como de sua cultura, de sua gente.

Nesse sentido, analisar a linguagem utilizada por um escritor nordestino e, posteriormente, construir um glossário do léxico regional-popular de suas obras literárias, possibilitou-nos identificar e (re)conhecer os aspectos de um universo linguístico próprio, ou seja, o da literatura regional-popular, que é também, neste caso em específico, a linguagem nordestina, sertaneja, matuta, interiorana.

Para a realização desta pesquisa e elaboração do glossário, o qual é o resultado deste estudo, realizamos, inicialmente, uma leitura aprofundada do *corpus*; posteriormente, analisamos de forma cuidadosa os fatores sociolinguísticos, culturais e regionais das lexias selecionadas, fizemos isso à luz dos constructos teóricos da Dialetoлогия, Sociolinguística e Etnolinguística. Quanto à consulta das acepções das lexias-entradas, consultamo-las em dicionários de linguagem regional, como também consultamos naqueles cujos registros estão na norma padrão, os chamados dicionários gerais da Língua Portuguesa.

Faz-se importante pontuar, ainda, que levamos em consideração algumas características para a classificação da lexia enquanto: neologismo, arcaísmo e aquelas que caracterizavam o universo regional/popular. Dentre os critérios adotados, utilizamos:

- Se determinada lexia não estivesse dicionarizada nos dicionários, os regionais e os gerais, e se esta lexia fosse derivada de uma palavra já existente na língua, esta lexia trata-se, portanto, de uma criação neológica.
- Se dada lexia-entrada estiver registrada nos dicionários, regionais e/ou gerais, mas se seu uso não for corrente, ou até mesmo estiver caído em desuso, isto é, as pessoas não a utilizam mais, concebemo-las, então, como um arcaísmo.
- Já às lexias de uso corrente e que constituem o universo regional/popular, levamos em consideração sua dicionarização nos dicionários regionais e/ou gerais.

Vale destacar que, as lexias-entradas que são concebidas como neologismos ou arcaísmos apresentam notas linguísticas. Adotamos esse procedimento como uma forma de facilitar a identificação de tais lexias ao consulente. Já as lexias-entradas que constituem o universo regional/popular e são de uso corrente, algumas possuem notas linguísticas no glossário, trouxemo-las quando as obras dicionarísticas apresentam informações relevantes à entrada, tais como: Lexia de uso informal; Brasileirismo; Regionalismo do Brasil ou Regionalismo do Nordeste Brasileiro e Coloquialismo.

Na tabela abaixo, trazemos os dados quantificadores das lexias identificadas como neologismos, arcaísmos e aquelas de uso corrente que se enquadram no universo regional/popular:

Tabela 6: Tabela de análise das lexias

Neologismos	Arcaísmos	Lexias do universo regional/popular de uso corrente na língua
07	12	416

Fonte: Elaborada pela autora

Utilizamos, ainda, um outro critério para a construção do nosso glossário léxico-semântico: aferir se as lexias são polissêmicas ou sinonímicas. Para isso, aprofundamo-nos nos pressupostos da Semântica. E, por fim, organizamos as lexias no glossário da seguinte forma:

- As lexias que apresentavam mais de uma acepção, classificamo-las como polissêmicas. Enumeramo-las e aquela que for compatível com a abonação sempre é a primeira da ordem.
- As lexias que traziam apenas uma acepção, definimo-las como sinonímicas.

Para facilitar a compreensão do consulente, organizamos tais informações desta maneira: enumeramos as lexias-entradas polissêmicas, resguardando a primeira entrada àquela que condizia com a abonação. Já as lexias-entradas sinonímicas não enumeramo-las, pois o fato de trazer apenas uma acepção já indica suficientemente que a lexia se trata de um sinônimo, não de uma polissemia.

Na tabela abaixo apresentamos a quantidade de lexias polissêmicas e sinonímicas encontradas nas obras literárias que compõem o *corpus* do nosso estudo:

Tabela 7: Análise das lexias em polissêmicas e sinonímicas

Lexias polissêmicas	Lexias sinonímicas
133	302

Fonte: Elaborada pela autora

Além disso, as lexias foram analisadas conforme a sua classificação: simples, composta, complexa ou textual. No primeiro capítulo deste trabalho apresentamos a teoria de classificação das lexias de Pottier (1972) e aplicamo-la como um dos critérios para a construção do glossário, resultado de nossa pesquisa. Tal análise permitiu-nos aferir os seguintes números:

Tabela 8: Análise das 435 lexias em: simples, composta, complexa e textual

<i>Agruras da Lata D'água</i>	<i>Paisagem de Interior</i>	<i>Galos de Campina</i>	Total
LS: 188	LS: 159	LS: 17	LS: 364
LCP: 09	LCP: 12	LCP: 02	LCP: 23
LCX: 23	LCX: 15	LCX: 03	LCX: 42
LT: 05	LT: 02	LT: 0	LT: 06
Total: 225	Total: 188	Total: 22	Total: 435

Fonte: Elaborada pela autora

É possível observarmos que há uma ocorrência maior das lexias simples, em seguida aparecem as lexias complexas, depois as lexias compostas e, por fim, as lexias textuais. Por lexias simples entendemos aquelas que são formadas por um só radical, já as lexias compostas resultam da combinação de duas ou mais lexias simples, essa combinação pode se dar por aglutinação ou justaposição. Quanto às lexias complexas, estas constituem, juntamente com as lexias textuais, o grupo que Pottier (1972) classifica como polilexemática, ou seja, trata-se das lexias que são formadas por duas ou mais lexias (simples ou compostas), é importante destacar que é no nível semântico que a diferença entre lexias compostas e lexias complexas torna-se mais evidente, uma vez que a realização semântica está atrelada à estrutura do significante. Quanto às lexias textuais, compreendemo-las como aquelas que se apresentam como construções fixas, provérbios ou frases feitas.

Para um melhor entendimento, vamos apresentar alguns exemplos extraídos das obras em estudo:

- *Bafafá* – trata-se de um substantivo, refere-se à confusão, baderna. É formado por um só radical, constituindo-se, desse modo, como lexia simples;
- *Pé de burro* – refere-se ao cigarro de má qualidade. Trata-se de um substantivo masculino, formado por justaposição, configurando-se, assim, como uma lexia composta;
- *Pagar o pato* – É uma expressão, cujo significado é sofrer as consequências. Caracterizando-se, dessa forma, como uma lexia complexa.

- *Com uma mão na frente e outra atrás* – trata-se de frase feita, um dito popular. Diz-se de alguém que é/está em situação de pobreza. Enquadrando-se, portanto, no que concebemos por *lexia textual*.

Por fim, inferimos que no *corpus* analisado foi possível identificarmos dentro daquilo que depreendemos como linguagem regional/popular: neologismos, arcaísmos e expressões nordestinas de uso corrente na língua. Com isso, constatamos que uma pesquisa deste teor contribui para a preservação dos falares regionais, como também atesta a riqueza cultural do Nordeste brasileiro, além de enaltecer a escrita literária de escritores regionalistas como Jessier Quirino. Tornando, dessa maneira, esse tipo de linguagem, ainda pouco estudada, reconhecida não somente no meio acadêmico, mas na sociedade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa, inferimos que a linguagem regional/popular é rica em sua essência e, tratando-se, especificamente, das obras em estudo, a linguagem e a cultura regional são fortemente representadas pelo léxico literário do escritor regionalista Jessier Quirino. Desse modo, podemos afirmar que a língua é um dos caminhos que garante a constituição da cultura de uma determinada comunidade de fala. Isso é possível, como já discutimos ao longo do nosso estudo, porque língua, sociedade e cultura mantêm uma relação eminentemente estreita.

As obras estudadas que constituíram o *corpus* desta pesquisa: *Agruras da lata d'água* (2016), *Paisagem de Interior* (2018) e *Galos de Campina* (2018), possibilitou-nos conhecer melhor os aspectos léxico-semânticos da linguagem em questão, como também de conhecermos como se dá a funcionalidade da língua falada, as nuances da literatura regional, bem como os falares específicos da região, o qual, notadamente, o escritor busca dá ênfase.

A partir destas obras, foram extraídas e analisadas 435 lexias regionais. A análise das lexias foi feita sob o viés da teoria de Pottier (1972), classificamo-las, assim, em simples, composta, complexa e textual. Para aferir se as lexias pertenciam ao universo regional ou geral da língua, recorremos aos pressupostos teóricos da Dialetologia e da Sócio-Etnolinguística. Reconhecemos, assim, que o repertório linguístico que constitui o presente glossário é de natureza regional/popular, próprio do falar nordestino.

No que se refere à dicionarização, utilizamos como fonte de pesquisa, para aferir os sentidos dos itens lexicais, dicionários regionais e gerais da Língua Portuguesa. Quanto aos gerais, utilizamos: *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (AB), *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa* (AH) e o *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras de Evanildo Bechara* (EB). Quanto às obras lexicográficas regionais, preferimos utilizar estes: *Dicionário do Nordeste*, de Fred Navarro (FN), *Dicionário do Português Nordestino* (Nordestinês), de Antônio Soares da Fonseca Junior (FJ) e o *Dicionário Popular Paraibano*, de Horácio de Almeida (HA). É importante salientar, que quando não encontrávamos os sentidos das acepções em nem uma das obras dicionarísticas citadas, recorriamos ao Dicionário Informal de Língua Portuguesa, cujo endereço eletrônico é este: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>.

Nesse prisma, esta tese apresenta uma pesquisa do falar regional nordestino na literatura popular brasileira. A escolha pelas obras literárias quirinianas se deu pelo fato de o autor buscar notoriamente valorizar e enaltecer a fala da sua gente, os seus valores culturais, os seus costumes. A escrita de Jessier é leve, é fluida, é poética. O escritor faz questão de apresentar aos leitores a autenticidade da linguagem sertaneja, linguagem esta que é permeada de arcaísmos e neologismos, conferindo, assim, às suas obras não somente o caráter literário-regional, mas, sobretudo, o sociocultural.

Como síntese do que se apresentou nesta tese, o presente estudo foi organizado em cinco capítulos distintos, a saber:

- No primeiro capítulo, apresentamos o marco teórico que fundamenta a pesquisa. Assim, tecemos sobre as ciências do léxico: Lexicologia e Lexicografia; apresentamos, ainda, os pressupostos da Semântica, bem como das áreas da Linguística que investigam o processo da heterogeneidade linguística: Dialetoologia, Sociolinguística e Etnolinguística;
- No segundo capítulo, realizamos algumas considerações sobre o autor e suas obras;
- No terceiro capítulo, foram apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa, a descrição de como o trabalho foi elaborado, bem como, das estruturas utilizadas para a construção do glossário.
- No quarto capítulo, temos o resultado da nossa pesquisa, o glossário léxico-semântico da linguagem regional-popular do escritor Jessier Quirino;
- No quinto e último capítulo, apresentamos e discutimos a análise dos resultados da nossa pesquisa, as 435 lexias registradas, bem como, os critérios utilizados para a composição do nosso glossário.

Por fim, acreditamos que esta pesquisa é relevante para os estudos de natureza linguística da contemporaneidade. Esperamos, que esta tese alcance novos espaços, não somente o da academia, visto que a linguagem aqui estudada é representativa. Representa um povo, seus costumes, seus falares, seus valores, sua gente. Que o povo nordestino tenha acesso ao vasto acervo que as obras literárias de Jessier nos oportuniza e, que assim, haja mais valorização e menos preconceito. A língua é viva e heterogênea, elaborar um estudo nesses moldes é atestar a imensidão do léxico regional-popular. Portanto, almejamos que esta tese seja propulsora de muitos outros estudos, abrindo, assim, margens às novas

pesquisas. Intentamos, ainda, que os resultados apresentados aqui cumpram o seu papel de divulgar a linguagem regional-popular, além de dar mais notoriedade ao autor Jessier Quirino, escritor regionalista ainda pouco explorado na área linguística.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. A. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v.1.

ALMEIDA, E. M. O. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE)**. João Pessoa, 2009. 151 p. Dissertação (Mestrado em letras) – Universidade Federal da Paraíba- UFPB.

Acesso em: 10/10/2021

Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6307/1/arquivototal.pdf>

ANDRADE, M. M. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. (orgs.) **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, P. 191-198.

ANTUNES, I. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino – outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

ARAGÃO, M.S.S. **Linguística aplicada aos falares regionais**, V.1 João Pessoa: A União, 1983.

ARAGÃO, M.S.S. O linguístico e o cultural nos contos populares paraibanos. In: **Simpósio: TRADIÇÃO ORAL, LITERATURA POPULAR, DISCURSO ETNO. LITERÁRIO**. 57. Reunião Anual da SBPC. Fortaleza: UECE, 2005.

ARAGÃO, M.S.S. **A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa - PB: FUNESC, 1990.

ARAGÃO, M.S.S. **Motivações significativas de itens lexicais da linguagem regional-popular nos atlas linguísticos regionais brasileiros**. 2006.

Disponível em: www.profala.ufc.br/ProjetoMotivacoesSignificativas.pdf.

Acesso em: 10/05/2021

ARAGÃO, M.S.S. Variação semântico-lexical em Atlas Linguísticos Nordestinos. In: **Anais da XX Jornada de Estudos Linguísticos - GELNE**. João Pessoa: UFPB, 2004.

BAGNO, M. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2004.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso** - por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz? São Paulo: Loyola, 2008.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica**. Brasília, 1990. p. 152-158.

BARBOSA, M. A. Relações de significação nas unidades Lexicais. In: O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. **Anais**. Assis; UNESP, 1993.

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. A constituição da normalização terminológica no Brasil. 2 ed. São Paulo: FFCH/CITRAT, 2001. **Caderno de Terminologia**, 1, p. 23-46.

BARBOSA, M. A. Da macroestrutura dos vocabulários técnico-científicos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL - IV. **Anais**. São Paulo: PUC, 1989, 26-28 de julho, p. 567-578.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: USP, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do Léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. (orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

BIDERMAN, M. T. Léxico e o vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, 40: 27-46, 1996.

BIDERMAN, M. T. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

BLANCH, I.L. La sociolinguística y la dialetologiahispânica. In: BLANCH, I. L. **Em torno a la sociolinguística**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1978.

BORBA, F. S. **Dicionários de uso do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORBA, F. S. **Introdução aos estudos linguísticos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.

BOULANGER, J. C. **Néologie et terminologie**. **Néologie em Marche**, v. 4. 1979.

BOUTIN-QUESNEL, R. et al. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985.

CABRÉ, M. T. **La terminologia. Teoria, metodologia, aplicaciones**. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

- CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA JR. J. M. Língua e Cultura. In: CÂMARA JR. J. M. **Dispersos**. 2.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- CÂMARA JR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1879.
- CANÇADO, M. **Manual de semântica**. São Paulo: Contexto, 2013
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, S. A. Dialetologia. In: MOLLICA, M.C.; JUNIOR, C.F. **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- CASANOVA, I. **A língua no fio da navalha**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006.
- CASCUDO, L. C. **Civilização e cultura**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- CASTILHO, A. **O que é semântica?** Museu de Língua Portuguesa, 2014.
Disponível: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_40.pdf.
Acesso em 30 de nov. 2021.
- CEZARIO, M. C. & VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- CINTRA, L. F. L. **Estudos de dialetologia portuguesa**. Lisboa: Sá Costa Editora, 1983.
- COELHO, I. L.; GORSKI, E. M. **Variação linguística e ensino da gramática**. **Working Papers em Linguística**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLg). Volume 10 - número 1. Florianópolis: 2009. p.73-91.
Versão eletrônica disponível em: <https://periodicos.Ufsc.br/index.php/workingpapers/artiele/view/1984-8420.2009v10n1p73/12022>
- COELHO, I. L. [et al]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COSERIU, E. **Sincronia, Diacronia e História**. EDUSP. São Paulo: 1979.

COSERIU, E. Sentido y tareas de la dialetologia. **Cadernos de Linguística**, México, ALFAL, n.8, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSERIU, E. **Fundamentos e tarefas da sócio e etnolinguística**. In: I Congresso Nacional de Sócio e Etnolinguística, João Pessoa: UFPB, 1987.

COSERIU, E. **Princípios de semântica estructural**. Madrid, 1978.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

CUNHA MELO, A. In: QUIRINO, J. **Papel de bodega**. Recife: Bagaço, 2013.

DUBOIS, I. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

DURANTI, A. **Antropología Lingüística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FARIAS, V. In: QUIRINO, J. **Papel de bodega**. Recife: Bagaço, 2013.

FARIAS, E. M. P. Uma breve histórica do fazer Lexicógrafico. Colegiado do curso de Letras – Campus de Mal. Cândido Rondon. **Revista Trama** – volume 3 – número 5 - 1º semestre de 2007- P. 89-98.

Versão eletrônica disponível na internet: <https://www.unioeste.br/saber>.

FAULSTICH, E. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et alii. **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística**: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão. São Luís: Edufma, 2010. p. 166-185.

FERRAZ, A. P. Neologismos na publicidade impressa: processos mais frequentes no português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Volume III. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

FERREIRA, C; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GUIRAUD, P. **La sémantique**. Paris: PUF, 1955.

HAENSCH, G. et al. **La Lexicografia: de la Lingüística Teórica a la Lexicografia Práctica**. Madrid: Gredos, 1982.

HENRIQUES, C. C. Lexicologia aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lúcia Almeida. (orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Volume V. Campo Grande, Ms: Ed. UFMS, 2010. P. 99-115.

HENRIQUES, C. C. **Léxico e semântica: estudos produtivos sobre a palavra e significação**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HÖFLING, C. Uma proposta de definição padrão de nomes concretos em dicionários bilíngues. IN: LONGO, B. N. O. & SILVA, B. C. D. (orgs.). **A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical**. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006, p. 61-99.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2002.

ILARI, R; GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 2011.

ILARI, R. & BASSO, R. **O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

KRIEGER, M. G. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. IN: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. (orgs) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Volume IV. Campo Grande. Editora UFMS, 2010a. p. 161-174.

KRIEGER, M. G. Lexicologia e Lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa. IN: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (orgs.). **As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia**. Volume V. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010b, p. 135-152.

KRIEGER, M. G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. IN: ISQUERDO, A.N.; ALVES, I.M. (orgs). **As ciências do léxico**: Lexicologia, lexicografia e terminologia. Volume III. Campo Grande: Ed. UFMS. São Paulo: Humanitas, 2007, P. 295-309.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. De Marcos Bagno; M.M.P. Schere; C.P. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

LARA, L.F. **Teoria del diccionario monolíngue**. México, El Colégio de México, Centro de Estudios lingüísticos y Literarios, 1996.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LEMO, G. In: QUIRINO, J. **Agruras da lata d'água**. Recife: Bagaço, 2016.

LÉVI-STRAUSS, C. Linguística e Antropologia. In: LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2003.

LIMA BARRETO, E. R. **Etnolinguística**: pressuposto e tarefas. p@artes. (São Paulo). Junho de 2010. ISSN 1678-8419.

Disponível em: <www.partes.com.br/2010/07/02/etnolinguística-pressupostos-e-tarefas/

Acesso em: 30/04/2021.

LOPES, A. C. M. & RIO-TORTO, G. **Semântica**. Lisboa: Caminho, 2007.

LYONS, J. **Eléments de sémantique**. Paris: Larousse, 1978.

MARINHO, J. H. C. **Variação Linguística e ensino**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

MATTOS. **Partes de um dicionário**. São Paulo: FTD, 1996.

MATTOS E SILVA, R. V. O conceito relativo de neologismo e arcaísmo: um estudo panorâmico. In: OLIVEIRA, K. et al. (orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro**: outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 11-20.

MELLO, G. B. In: QUIRINO, J, **Bandeira Nordestina**. Recife: Bagaço, 2006.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTA, J. A; CARDOSO, S. A. **Percursos da geolinguística no Brasil**. *Linguística* [online]. 2013, vol.29, n.1, pp.115-142. ISSN 2079-312X

MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2006.

NASCENTES, A. Etudes dialectologiques du Brésil. **ORBIS** - Bulletin International de Documentation Linguistique, Louvain, t.1, n.1, 1952.

OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, V.; CANO, W. M. **Marcas de uso no dicionário Aurélio: arcaísmos ainda em uso no português do Brasil**. VIII Encontro Interno – XII Seminário de Iniciação Científica. Uberlândia: CNPQ/UFU & FAPEMIG/UFU, 2008.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

PONTES, M. N. A. **Linguagem regional popular**: uma visão Léxico-semântica de Menino de Engenho, de José Lins do Rego. João Pessoa: CEFET-Pb, 2001.

POTTIER, B. **Linguistique générale**: théorie et description. Paris: Klincksieck, 1974.

QUIRINO, J. **Paisagem de Interior**. 2 ed. Recife: Bagaço, 2018a.

QUIRINO, J. & TAVARES, B. **Galos de Campina**. Recife: Bagaço, 2018b.

QUIRINO, J. **Agruras da lata d'água**. Recife: Bagaço, 2016.

RECTOR, M.; YUNES, E. **Manual de semântica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

ROSSI, N. **A dialetologia**. ALFA, Marília, n. 11, 1967.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1979.

SILVA, M. C. P. Lexicografia Bilíngue: uma verificação dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngues francês-português e português-francês. IN: LONGO, B. N. O. & SILVA, B. C. D. (orgs.). **A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical**. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006, p. 13-44.

SILVA-CORVALAN, C. **Sociolinguística, teoria y análisis**. Madri: Alhambra, 1988.

SILVA, M. B. **A Terminologia do Sal no RN**: Uma abordagem socioterminológica. Fortaleza, 2007. 211 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará – UFC.

Acesso em: 20/10/2021

Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/5903/1/2007_dis_mbsilva.pdf

SIVUCA. In: QUIRINO, J. **Berro Novo**. Recife: Bagaço, 2009.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Trad. I. A. Osório Mateus. 2. Ed, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILELA, M. **Estudo de lexicologia do português**. Coimbra: Almeida, 1994.

VILELA, M. **Problemas de lexicologia e lexicografia**. Porto: Livraria Civilização, 1979.

DICIONÁRIOS UTILIZADOS:

ALMEIDA, H. **Dicionário popular paraibano**. João Pessoa: Grafset, 1985.

BECHARA, E. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

Dicionário Informal de Língua Portuguesa. (versão on-line).

Acesso em: 30/09/2023

Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONSECA JUNIOR, A. S. **Dicionário de português nordestino:** (nordestinês). São Paulo: Factash Editora, 2014.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** (versão off-line). São Paulo: Objetiva, 2001.

NAVARRO, F. **Dicionário do Nordeste:** 5000 palavras e expressões. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL

LINHA DE PESQUISA: Estudos Semióticos

PESQUISA: A escrita literária de Jessier Quirino como marca da cultura regional: uma abordagem léxico-semântica

PESQUISADORA: Ellem Kyara Pessoa dos Santos

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Maria Socorro da Silva Aragão

FICHA LEXICOGRÁFICA

1. Entrada
2. Aspectos gramaticais
3. Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas
4. Variante léxica
5. Definição final
6. Abonação
7. Remissivas
8. Notas: linguísticas e/ou enciclopédicas